

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Célia Regina Teixeira
(organizadora)

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS



Reitora
Vice-Reitora

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Margareth De Fátima Formiga Melo Diniz
Bernardina Maria Juvenal Freire De Oliveira



Direção
Supervisão de administração
Supervisão de editoração
Supervisão de produção

EDITORA UFPB

Izabel França de Lima
Geisa Fabiane Ferreira Cavalcante
Almir Correia de Vasconcellos Júnior
José Augusto dos Santos Filho

Conselho editorial

Adailson Pereira de Souza (Ciências Agrárias)
Eliana Vasconcelos da Silva Esrael (Linguística, Letras e Artes)
Fabiana Sena da Silva (Interdisciplinar)
Gisele Rocha Côrtes (Ciências Sociais Aplicadas)
Ilda Antonieta Salata Toscano (Ciências Exatas e da Terra)
Luana Rodrigues de Almeida (Ciências da Saúde)
Maria de Lourdes Barreto Gomes (Engenharias)
Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)
Maria Regina Vasconcelos Barbosa (Ciências Biológicas)

CÉLIA REGINA TEIXEIRA
(Organizadora)

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Editora UFPB
João Pessoa
2019

Direitos autorais 2019 – Editora UFPB

Efetuada o Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Todos os direitos reservados à Editora UFPB

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do autor.

Projeto Gráfico EDITORA UFPB
Editoração Eletrônica
e Projeto da Capa ANA GABRIELLA CARVALHO

Catálogo na publicação:

Seção de Catalogação e Classificação

S479 Sequências didáticas na educação de jovens e adultos /
Célia Regina Teixeira (organizadora). - João Pessoa :
Editora UFPB, 2019.

222 p. : il.

ISBN 978-85-237-1487-1

1. Educação – Jovens e adultos. 2. EJA – Práticas educativas.
3. EJA – Formação do professor. I. Teixeira, Célia Regina. II. Título.

UFPB/BC

CDU 37-053.6-053.8

EDITORA UFPB Cidade Universitária, Campus I, Prédio da Editora Universitária, s/n
João Pessoa – PB
CEP 58.051-970
<http://www.editora.ufpb.br>
E-mail: editora@ufpb.br
Fone: (83) 3216.7147

Editora filiada à:

ABEU
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação	9
Reflexões sobre a formação de professores/as para a educação de jovens e adultos	11
<i>Joseval dos Reis Miranda</i>	
Identidade do alunado da EJA: de onde vim para onde me encaminho – minhas raízes	29
<i>Cláudia Firmino Pereira</i>	
<i>Eliana Shirley do Nascimento Lisboa</i>	
<i>Célia Regina Teixeira</i>	
Práticas educativas na EJA: um diálogo sobre sustentabilidade	40
<i>Luís Flávio Costa da Silva</i>	
<i>Maria de Fátima Macêdo dos Santos</i>	
<i>Joel Araújo Queiroz</i>	
Sequência didática com a utilização da tecnologia nas turmas da EJA	47
<i>Ana Maria de Lima Sobral</i>	
<i>Eliana Shirley do Nascimento Lisboa</i>	
<i>Célia Regina Teixeira</i>	
A música como um recurso facilitador do processo de ensino aprendizagem no seguimento da EJA	54
<i>Lidiane de Almeida Alves</i>	
<i>Eliana Shirley do N. Lisboa</i>	
<i>Francymara Antonino Nunes de Assis</i>	
Do cotidiano à sala de aula da EJA: a constituição do <i>curriculum vitae</i> e suas implicações e especificidades na formação discente	64
<i>Fernanda Diniz Ferreira</i>	
<i>Kilma Cunha de Barros</i>	
<i>Maria Valdenice Resende Soares</i>	
A valorização da identidade para o sujeito da EJA	77
<i>Márcia Barbosa da Silva</i>	
<i>Eliana Shirley do N. Lisboa</i>	
<i>Célia Regina Teixeira</i>	
A biografia como facilitadora do aprendizado na EJA	85
<i>Jadeilda Mauricio da Silva Araújo</i>	
<i>Maria de Fátima Macedo dos Santos</i>	
<i>Francymara Antonino Nunes de Assis</i>	

Protagonismo no EJA: propostas de implementação de metodologia ativa	91
<i>Anderson Duarte da Silva</i>	
<i>Maria de Fátima Macedo dos Santos</i>	
<i>Maria Valdenice Resende Soares</i>	
O processo da leitura e da escrita: perspectiva e desafios no 3º ciclo da educação de jovens e adultos	103
<i>Elizângela Martins dos Santos</i>	
<i>Eliana Shirley do N. Lisboa</i>	
<i>Célia Regina Teixeira</i>	
A sequência didática com música – um componente de aprendizagem na EJA	112
<i>Martha Valeria Barbosa Duarte</i>	
<i>Maria de Fátima Macedo dos Santos</i>	
<i>Francymara Antonino Nunes de Assis</i>	
Sequência didática – geometria espacial nas formas dos minerais em salas de EJA	119
<i>Lúcio Flávio Moreira Cavalcanti</i>	
<i>Maria de Fátima M. dos Santos</i>	
<i>Célia Regina Teixeira</i>	
Adequação de material didático na educação de jovens surdos na EJA	127
<i>Adilma Gomes da Silva Machado</i>	
<i>Maria de Fátima Macedo dos Santos</i>	
<i>Francymara Antonino Nunes de Assis</i>	
A importância da família na educação de jovens e adultos	134
<i>Keila Lourenço da Silva</i>	
<i>Maria de Fátima Macedo dos Santos</i>	
<i>Maria Valdenice Resende Soares</i>	
Intervenções didáticas na EJA: um olhar interdisciplinar no meio ambiente e saúde	147
<i>Isaque da Silva Rodrigues</i>	
<i>Maria de Fátima M. dos Santos</i>	
<i>Célia Regina Teixeira</i>	
Educação de Jovens e Adultos: da teoria a prática	154
<i>Silvana Araújo Sobrinho</i>	
<i>Maria de Fátima Macedo dos Santos</i>	
<i>Francymara Antonino Nunes de Assis</i>	

O ensino da EJA — práticas pedagógicas para desenvolver o aprendizado na sala de aula	160
<i>João Marinho Batista</i>	
<i>Maria de Fátima Macedo dos Santos</i>	
<i>Célia Regina Teixeira</i>	
Oralidade e gêneros textuais em sala de aula: o papel social e escolar da entrevista de emprego no contexto da EJA	171
<i>Jailton dos Santos Silva</i>	
<i>Eliana Shirley do N. Lisboa</i>	
<i>Maria Valdenice Resende Soares</i>	
Uma intervenção pedagógica para a EJA por meio de abordagem de temas significativos: a problemática do lixo como eixo norteador de aprendizagens	180
<i>Emília Kelly Soares de Souza</i>	
<i>Maria de Fátima Macedo dos Santos</i>	
<i>Joel Araújo Queiroz</i>	
Artes e geometria — sequência didática nas unidades de ensino da EJA em salas prisionais do estado da Paraíba	189
<i>Gilmar Antônio de Oliveira</i>	
<i>Kílma Cunha de Barros</i>	
<i>Célia Regina Teixeira</i>	
Educação de jovens e adultos: o relato da vivência pedagógica na escola Anatilde Paes Barreto no município de Jacaraú-PB	198
<i>Maria Camila do Nascimento</i>	
<i>Kílma Cunha de Barros</i>	
<i>Célia Regina Teixeira</i>	
Processos de ensino-aprendizagem na EJA: ressignificando e entendendo a importância da educação de jovens e adultos	207
<i>Leonilda Dias</i>	
<i>Maria de Fátima Macedo dos Santos</i>	
<i>Joel Araújo Queiroz</i>	
História do cotidiano de jovens e adultos – EJA	213
<i>Luciane Ribeiro da Silva</i>	
<i>Kílma Cunha de Barros</i>	
<i>Francymara Antonio N. de Assis</i>	
Sobre a organizadora do livro	217
Sobre autores do livro	218

Apresentação

O livro **SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS** é o resultado de formação continuada, no formato de aperfeiçoamento, á profissionais da educação básica das redes públicas de ensino do estado da Paraíba com o intuito de proporcionarmos aos profissionais do magistério da educação básica pública, subsídios teóricos e metodológicos para atuarem com a alfabetização de Jovens e Adultos. Para a execução do curso de aperfeiçoamento, foi estabelecida uma parceria entre a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI (2018-2019) e a Universidade Federal da Paraíba – UFPB (2018-2019), para professores e outros profissionais da educação da rede pública paraibana que atuam na Educação de Jovens e Adultos. A demanda do curso nasceu, pois na Paraíba ainda muito campo há de trilharmos para amenizar o índice de analfabetismo, principalmente se for endereçado ao público de Jovens e Adultos.

Na data em que o projeto foi implementado, contávamos na Paraíba com Mais de 518 mil paraibanos com 15 anos ou mais analfabetos na Paraíba. A informação foi divulgada na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2018). De acordo com o estudo, a taxa de analfabetismo registrada na Paraíba é de 16,5%.

Contemplarmos esse aspecto difícil do analfabetismo, o curso foi endereçado a Educação de Jovens e Adultos, considerando as especificidades do público da EJA e as temáticas emergentes voltadas ao cotidiano deste segmento de ensino, delineando possíveis trilhas metodológicas mais satisfatórias do que as já praticadas em salas de aulas. Assim, contribuir para a melhoria da formação continuada dos profissionais da educação que atuam direta ou indiretamente com a EJA, possibilita-nos – tanto coordenadora, supervisão, professores formadores e tutores — condições de refletir acerca da prática pedagógica como fenômeno social, multifacetado, que requer a compreensão de temáticas específicas para sua materialização e, conseqüentemente, formarmos professores para um trabalho docente singular ao público da EJA.

Com isso a organização curricular do Curso favoreceu nos encontros presenciais e semipresenciais, a criação de espaços para intercâmbio e reflexões das práticas exercidas pelos cursistas/professores na EJA, de modo que a socialização de suas vivências pudesse constituir-se também, como espaço de compreensão e questionamento da identidade do sujeito educador que atua nessa modalidade de ensino.

Durante o Curso de Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social a ênfase foi nas especificidades da alfabetização; na valorização da identidade dos sujeitos da educação de jovens e adultos; com as temáticas da diversidade; com a relação da educação de jovens e adultos e o mundo do trabalho; e com estratégias político-didático-pedagógicas para Educação de Jovens e Adultos.

E destes eixos de aprendizados ofertado pelo curso de aperfeiçoamento, ocorreu o trabalho de conclusão de curso e a organização do livro **SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**. Este livro traz nos capítulos iniciais contribuições teóricas, metodológicas e didáticas, seguida da exposição de alguns trabalhos selecionados dos cursistas/professores e resultados dos trabalhos de conclusão.

Célia Regina Teixeira

Coordenadora do Curso de Aperfeiçoamento
Jovens e Adultos – EJA na Diversidade e Inclusão Social

CAPÍTULO 1

Reflexões sobre a formação de professores/as para a educação de jovens e adultos

Joseval dos Reis Miranda

No momento em que os seres humanos, intervindo no suporte, foram criando o mundo, inventando a linguagem com que passaram a dar nomes às coisas que faziam com a ação sobre o mundo, na medida em que se foram habilitando a entender o mundo e criaram por conseqüência a necessária comunicabilidade do entendido, já não se foi possível existir a não ser disponível à tensão radical e profunda entre o bem e o mal, entre a dignidade e a indignidade, entre a decência e o despudor, entre a boniteza e a feiura do mundo. Quer dizer, já não é possível existir sem assumir o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar, de fazer política (FREIRE, 2006, p.52).

1. INTRODUÇÃO

Por que estudar sobre professores/as que atuam na Educação de Jovens e Adultos?

Devido a esse contexto de rápida transformação social, e como as informações e o conhecimento transitam, a escola como instituição social não pode ficar fora ou estática à sua grande função: formar cidadãos críticos e conscientes dos seus direitos e deveres na sociedade, proporcionando também o acesso aos saberes sistematizados pela humanidade, de modo que desenvolvendo o seu trabalho de forma justa e igualitária, a escola estará conscientemente comprometida com a transformação social, colaborando no sentido da “[...] construção da cidadania democrática” (RIOS, 2002, p.125).

A formação do cidadão não se constitui apenas como tarefa da escola, entretanto a mesma deve funcionar como um dos lugares privilegiados para as diversas aprendizagens e saberes, sem perder de vista as várias referências existentes.

No atual momento sócio-histórico-político, o Brasil reconhece cada vez mais o movimento, a luta em defesa do direito à educação para todos, garantido na Constituição Federal, assumindo paulatinamente o desafio de organizar o seu cenário educacional. Aqui, especialmente, destacamos como espaço da prática pedagógica a área da Educação de Jovens e Adultos, da agenda educacional do país com discussões e estudos inerentes a esta temática, uma vez que assume as funções de formar jovens e adultos para a cidadania e preparar para o mundo do trabalho.

Desse modo, a Educação de Jovens e Adultos tem sido um tema bastante refletido, pensado, repensado e problematizado pelos que se preocupam com a educação nesta modalidade de ensino, por causa das dificuldades de aprendizagem e do grande número de jovens e adultos que há muitas décadas permanecem participando dos elevados índices de reprovação e evasão escolar por diversos motivos. Não podemos negar o grande interesse em proporcionar educação formal a essa parcela da população, pois como poderia o país progredir com uma enorme parte da população analfabeta ou sem pelo menos completar o Ensino Fundamental?

Para Arroyo (2005), atualmente essa questão vem recebendo atenção especial da parte de instituições como Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura; Organizações Não Governamentais – ONGs; Abrinq e outras com fins mais direcionadas aos jovens e adultos e a seus direitos à educação. A LBDEN 9.394/96 documenta, no Art.37, aspectos inerentes a essa modalidade de ensino e também na Resolução CNE/CEB nº1 de 03/07/2000, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Entretanto, alertamos que precisamos de políticas públicas mais explícitas e coerentes para essa proposta, desde a garantia da oportunidade de acesso a uma educação de qualidade, como também do funcionamento de forma mais efetiva das condições físicas até a própria formação dos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos.

Do ponto de vista da legalidade instituída em que supostas garantias estejam quer na LDBEN, quer nas Diretrizes Curriculares no que diz respeito à população de jovens e adultos, são emergentes e necessárias mudanças

radicais no processo de educação utilizado, pois precisamos fazer da Educação de Jovens e Adultos “[...] um processo educativo amplo, que pode começar pela alfabetização, como primeira etapa, desde o primeiro momento, obrigatoriamente articulada a outras etapas, que configurem o Ensino Fundamental completo” (FAVERO, 2004, p. 27).

Os estudos sobre Educação de Jovens e Adultos vêm provocando questionamentos nos profissionais da educação, por meio dos fóruns da Educação de Jovens e Adultos para redimensionarem suas práticas, conceitos, estereótipos, diante das questões do mundo atual e das mudanças no cenário brasileiro e mundial, pois esta modalidade de ensino demanda uma nova significação, a fim de garantir a permanência, a continuidade e o sucesso dos educandos na educação formal.

Repensar nossas práticas pedagógicas faz-se urgente e necessário. Este é o momento de reflexão, porém, pensar, refletir a respeito das práticas educativas no processo de ensino e de aprendizagem significa rever e visitar os caminhos na busca de maneiras originais, mecanismos, instrumentos, formas de tornar, tanto para quem ensina como para quem aprende, um processo dinâmico, atrativo e prazeroso.

Assim sendo, trazer para a discussão a Educação de Jovens e Adultos, tendo como pano de fundo a formação de professores/as para atuar nesta modalidade educativa na sociedade contemporânea, significa refletir algumas práticas pedagógicas que vêm sendo desenvolvidas nessa área. Desse modo, o presente texto trata-se de nossas reflexões teóricas metodológicas acerca da formação de professores/as e a sua relação com a Educação de Jovens e Adultos.

2. PONDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS

Tardif (2005) menciona como uma das características dos saberes dos professores a temporalidade. Para ele, a ideia de temporalidade implica também a construção profissional do saber, pois muitos professores já se encontram imersos no seu campo de trabalho antes mesmo de se tornarem profissionais ou possuírem uma formação específica. Essa formação poderia ser considerada

como inicial? Sobre isso e respondendo a esse questionamento, Tardif (2005) afirma:

O saber dos professores não provém de uma fonte única, mas de várias fontes e de diferentes momentos da história de vida e da carreira profissional, essa própria diversidade levanta o problema da unificação e da recomposição dos saberes no e pelo trabalho (TARDIF, 2005, p. 21).

Desse modo, somos conhecedores de que antes mesmo de iniciar a nossa formação, já trazemos vários saberes que nos constituem como sujeitos aprendentes, entretanto, aqui faremos referência não apenas à pluralidade de saberes que possuem os professores, mas àqueles obtidos em instituições formais de ensino, não desconsiderando o contexto social que a instituição está inserida e a influência desta na formação e vice-versa. Do ponto de vista legal, a formação inicial, conforme estabelece a LDBEN 9.394/96:

Art. 62 – A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, e graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Art. 63 – Os institutos superiores de educação manterão:

I – cursos formadores de profissionais para educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as séries iniciais do ensino fundamental;

II – programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básica. (BRASIL, 1996).

Com base no aspecto legal da formação inicial mencionado acima e relacionando às palavras de García (1999), a formação inicial de professores/as como instituição cumpre basicamente três funções: a primeira assegura uma preparação consoante com as funções profissionais; a segunda função consiste no controle da certificação ou permissão para poder exercer a profissão docente e a terceira com uma dupla função, ou seja, agente de mudança que

poderá contribuir para a transformação ou reprodução na sociedade da cultura dominante.

Indubitavelmente, a profissionalização docente requer a efetivação de uma formação inicial, realizada em cursos de graduação e não simplesmente em cursos técnicos como o antigo Magistério de 1º grau, pois assim romperemos com a visão mítica da profissão docente como sacerdócio, vocação ou as rasuras da formação que fica somente na limitação do âmbito da prática. Essa ação de se tornar e se ver como profissional requer uma formação inicial no campo da graduação e necessita desta, possibilitando o rompimento do praticismo por meio da construção de conhecimentos específicos, complexos, e a inserção profissional nos vários espaços da prática educativa de forma reflexiva e crítica.

Diante disso, a necessidade e a efervescência dos debates e reflexões a respeito da formação docente implicam diretamente no processo de profissionalização, porém refletir acerca dessa formação perpassa pelo seu início nos cursos de graduação, porque “[...] a formação inicial deve fornecer as bases para poder construir esse conhecimento pedagógico especializado” (IMBERNÓN, 2005, p. 58).

Os desafios da sociedade da informação e do conhecimento colocam cada vez mais o profissional docente diante de várias situações em que este deve mobilizar saberes que são constituintes da sua formação inicial. Entretanto, na maioria das vezes, esses profissionais provêm de uma formação fragmentada, sem articulação da teoria com a prática que traz no seu âmago modos implícitos e explícitos de modelos de ser professor desconectado de um contexto social mais amplo.

Há necessidade de se estabelecer, no processo de formação inicial, a vivência profissional de forma circular, gradual e progressiva que forneça bases teórico-práticas para a construção do saber profissional crítico, reflexivo, histórica e culturalmente constituídos, superando assim uma visão mecânica, periférica e transmissiva de formação segmentada, com o intuito de:

[...] dotar o futuro professor ou professora de uma bagagem sólida nos âmbitos científico, cultural, contextual, psicopedagógicos e pessoal, capacitá-lo a assumir a tarefa educativa em toda sua complexidade, atuando reflexivamente com a flexibilidade

e o rigor necessários, isto é, apoiando suas ações em uma fundamentação válida para evitar cair no paradoxo de ensinar a não ensinar, ou em uma falta de responsabilidade social e política que implica todo ato educativo e em uma visão funcionalista, mecânica, rotineira, técnica, burocrática e não reflexiva da profissão, que ocasiona um baixo nível de abstração, de atitude reflexiva e um escasso potencial de aplicação inovadora (IMBERNÓN, 2005, p.60).

Nesse sentido, uma formação inicial que proporcione uma inserção do docente no campo profissional com uma releitura teórica, crítica e reflexiva poderá gerar atitudes interativas e dialéticas que o conduzam a valorizar ou questionar a sua formação, criando estratégias ou métodos para intervenções, análises, reflexões que possibilitem o próprio desenvolvimento como pessoa e como profissional, realizando uma maior articulação ente teoria e prática, pois o objetivo:

[...] de qualquer programa de formação de professores tem de ser o de ensinar a competência de classe ou conhecimento de ofício de forma a que os professores se tornem sujeitos peritos na tarefa de ensinar (MCNAMARA; DESFORGES, 1979 *apud* GARCÍA, 1999, p. 80).

A autora ainda acrescenta que as finalidades da formação inicial de professores e de que ela valha:

[...] para que os professores em formação se formem como pessoas, consigam compreender a sua responsabilidade no desenvolvimento da escola e adquiram uma atitude reflexiva acerca do seu ensino. Em suma, o currículo da formação de professores deveria ajudar os professores em formação a desenvolver um compromisso com a ideia de que a escola, numa democracia, é responsável por promover valores democráticos e por preparar os alunos para que sejam bons cidadãos (EDMUNSON, 1990, p. 718 *apud* GARCÍA, 1999, p. 80).

A compreensão dessa formação inicial e principalmente dos cursos de formação implicará um ressignificar da concepção do processo de formação e dos seus currículos, pois durante o processo de formação docente, é constante

um enorme abismo entre a teoria e a prática. Esta, muitas vezes, é inserida em cursos de formação somente ao final, na forma de estágio supervisionado, demonstrando assim, “[...] que cada programa de formação de professores tem, de um modo explícito ou implícito, um modelo de professor” (GARCÍA, 1999, p. 77).

Essa perspectiva de separar a teoria da prática vem corroborar para uma visão dicotômica do processo formativo, revelando de um lado um conhecimento pronto e acabado e do outro, um sujeito expectante, um mero observador. Assim, este sujeito é produto de um currículo de formação inicial concebido como grade, coleção (BERNSTEIN, 1988).

Em contrapartida a essa visão fragmentada, o currículo que lhes proporcionou a formação inicial deveria consistir no estudo das situações práticas reais, problemáticas, uma maior articulação entre teoria e prática desde o início do processo de formação, permitindo uma reflexão crítica a respeito do campo profissional bem como a inserção e participação neste, pois:

O conhecimento do professor não é meramente acadêmico, racional, feito de factos, e teorias, como também não é um conhecimento feito só de experiência. É um saber que consiste em gerir a informação disponível e adequá-la estrategicamente ao contexto da situação formativa em que, cada instante, se situa sem perder de vista os objectivos traçados. É um saber agir em situação (ALARCÃO, 2001, p.104)

A Resolução CNE/CEB nº. 1 de 05 de julho de 2000 destaca, em seu Art. 17, os aspectos da formação docente para atuação na Educação de Jovens e Adultos:

Art. 17 – A formação inicial e continuada de profissionais para a educação de jovens e adultos terá como referência as diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio e as diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores, apoiada em:

I – ambiente institucional com organização adequada à proposta pedagógica;

II – investigação dos problemas desta modalidade de educação, buscando oferecer soluções teoricamente fundamentadas e socialmente contextualizadas;

III – desenvolvimento de práticas educativas que correlacionem teoria e prática;

IV – utilização de métodos e técnicas que contemplem códigos e linguagens apropriados às situações específicas de aprendizagem (BRASIL, 2000, p. 03).

Portanto, é imprescindível estabelecer desde a formação inicial, nos cursos de graduação, um processo formativo do professor em que o mesmo tenha a possibilidade de desenvolver seu potencial profissional, inventivo, crítico, pesquisador e não apenas:

[...] ser um técnico que desenvolve ou implementa inovações prescritas, mas deveria converter-se em um profissional que deve participar ativa e criticamente no verdadeiro processo de inovação e mudança, a partir de seu próprio contexto, em um processo dinâmico e flexível (IMBERNÓN, 2005, p. 20).

Podemos acrescentar, ainda, a percepção dessa formação inicial como a possibilidade dos docentes desenvolverem uma autorreflexão de seus processos formativos, pois esse processo não é neutro, e como característica de toda ação humana, que é intencional, impõe-se analisá-lo em uma perspectiva que se afaste da concepção meramente técnica “[...] cuja função primordial é transmitir conhecimentos mediante a aplicação mecânica de receitas e procedimentos de intervenção projetados e oferecidos a partir de fora” (IMBERNÓN, 2005, p. 40).

Assim, temos muitos desafios pela frente, uma vez que o tipo de formação inicial que os professores costumam receber não oferece suporte teórico, metodológico, prático, reflexivo e crítico. Além disso, não oferece instrumentos intelectuais que possibilitem a interpretação da realidade na qual estão inseridos profissionalmente, porque este processo de formação inicial:

[...] deve dotar os professores de conhecimentos, habilidades e atitudes para desenvolver profissionais reflexivos ou investigadores. Nessa linha o eixo fundamental do currículo de formação do professor é o desenvolvimento da capacidade de refletir sobre a própria prática docente, com o objetivo de aprender a interpretar, compreender e refletir sobre a realidade social e a docência (IMBERNÓN, 2005, p. 39).

Para Zeichner (1990), os objetivos da formação docente são:

Preparar professores que tenham perspectivas críticas sobre as relações entre a escola e as desigualdades sociais, é um compromisso moral para contribuir para a correção de tais desigualdades mediante as atividades cotidianas na aula e na escola (ZEICHNER, 1990 p. 32 apud PÉREZ-GÓMEZ, 1998, p. 374).

Há desse modo a necessidade de uma consciência de que muitos dos modelos de formação inicial, presentes nos cursos de graduação, seguem uma estrutura gradeada, fragmentada, produto de especialistas ou iluminados que conceberam o currículo da formação baseado nos modelos que viveram ou que projetam um tipo de homem e de sociedade que têm interesse em constituir. Lutar contra este tipo de formação inicial que aprisiona, desarticula, fragmenta ou silencia é um passo muito importante, complexo e requer algumas reflexões na estrutura curricular da formação inicial que tem como desafios:

- Desenvolver uma maior articulação entre teoria e prática, constituindo uma *práxis* da profissão docente.
- Desenvolver uma formação inicial que defenda, no projeto político-pedagógico e na proposta curricular, uma concepção inequívoca de docência e do profissional que se deseja formar.
- Desenvolver uma proposta de formação inicial que articule a inserção do futuro profissional desde o momento de ingresso no curso de forma gradual, circular e progressiva no lócus de formação e atuação profissional.
- Garantir ao estudante do curso de formação inicial uma vivência ou inserção de forma participativa, contributiva no ambiente da sua atuação docente, proporcionando um conhecimento do desenvolvimento histórico dos grupos culturais na sociedade.
- Proporcionar por meio dos conhecimentos teórico-práticos a possibilidade de um diálogo reflexivo e crítico com a realidade, revendo assim as relações estabelecidas entre a universidade e as escolas.
- Criar uma linguagem comum e integrativa dos diferentes campos ou áreas que constituem a formação inicial docente.

Dessa maneira, é preciso repensar a formação inicial de professores/as, redimensionando uma tendência que consistia em apresentar os conhecimentos como algo já dado, absoluto, indiscutível, rompendo com essa tendência, e começarmos a enxergar a construção desse conhecimento como algo problemático, construído provisoriamente, por tentativas, sujeito a influências políticas, sociais e culturais, entre outras.

3. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O ENSINO E SEUS PROTAGONISTAS

Trazer para o cenário da Educação de Jovens e Adultos um contexto sócio histórico marcado pelas acirradas competições econômicas, políticas, culturais, e com o advento das novas relações do mundo do trabalho que a sociedade está imersa, significando refletir um pouco sobre o espaço em que a educação acontece e o papel dos seus protagonistas. Esse espaço é marcado por contradições, revelador de intencionalidades, cheios de valores, crenças e que age na organização do seu trabalho pedagógico e o influencia (VEIGA, 2006). Portanto é preciso enxergar que:

Toda educação tem claramente uns fins, pois pretende formar um tipo de homem determinado (ou talvez vários tipos de homem). Mas muito frequentemente esses objetivos não explícitos e os próprios agentes formadores não são conscientes da tarefa que estão realizando; sabem o que têm que fazer para obter os resultados que a sociedade espera, mas não sabem o sentido do que fazem. (DERVAL, 1990, p. 87 *apud* VEIGA, 2006, p. 21)

Discutir o espaço da Educação de Jovens e Adultos nos remete ao reconhecimento de que os estudantes que frequentam esta modalidade educativa constroem as suas trajetórias de escolarização básica de forma diferenciada, porém não menos qualificadas que as trajetórias de outros sujeitos educacionais, uma vez que a Educação de Jovens e Adultos pode ser considerada como apenas um complemento do processo educativo. Reconhecendo assim a especificidade dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos para

tentar superar em sua maioria um histórico de repetência, de abandono, de desmotivação com a instituição educativa e com eles próprios, pois na maior parte das vezes atribuem a si um fracasso que não é só deles, mas de todos os atores que convivem nesse cenário educativo. A sala de aula, nesse contexto, se expressa como espaço revelador de intencionalidades, onde os conflitos são materializados entre os sonhos individuais e os compromissos coletivos.

Assim, buscar nesse espaço um ensino que contemple as vozes dos seus atores sociais perpassa, entre outras coisas, pelos questionamentos sobre a nossa *práxis*, refletindo a respeito de: que tipo de ser humano buscamos contribuir na formação, que tipo de sociedade e qual a concepção de cidadania permeia a nossa prática pedagógica. Enfim, reflexões como essas podem servir para nortear o cenário da Educação de Jovens e Adultos.

Segundo Veiga (2006), o ensino reverte-se de uma função interativa, compartilhada. Nesse contexto, é necessário ressignificar o espaço desses estudantes, superando os rótulos de fracassados que frequentemente a comunidade escolar e a sociedade lhes impõem, retomando com eles a posição de sujeitos no seu próprio processo educativo, pois:

Uma tarefa das mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar (FREIRE, 2006, p. 41).

La Torre (*apud* VEIGA, 2006, p. 22) explicita que ensinar “[...] é intercambiar, compartilhar, confrontar, debater ideias e mediante essas atividades o sujeito transcende seus conhecimentos adquiridos, gerando novas estruturas mentais. Aprende”. Para Tardif (2005, p.132) “[...] ensinar é fazer escolhas constantemente em plena interação com os alunos”.

Delineando um pouco mais o espaço de ensino da Educação de Jovens e Adultos, o vínculo afetivo é também um requisito indispensável, no estabelecimento de relações pedagógicas, no ato de ensinar mais coerente e significativamente para educandos e educadores, já que:

[...] o que importa na formação docente não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado” vai gerando a coragem. Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação (FREIRE, 2006, p. 45).

Freire acrescenta ainda que “[...] a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade” (FREIRE, 2006, p. 141).

De fato, Veiga (2006) pontua que o processo de ensinar pressupõe a construção de conhecimento e de rigor metodológico, uma vez que o desafio consiste na busca da interface do conhecimento curricular com o mundo, e os conhecimentos vivenciados no cotidiano do educando, por isso,

[...] pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 2006, p. 30).

Relacionando o conteúdo às vivências do educando, outro aspecto que Veiga (2006, p. 28) aborda sobre o ensino é a necessidade de um planejamento didático. Segundo a autora “[...] cabe ao professor a responsabilidade de planejar o ensino de forma participativa, considerando as demais dimensões do processo didático as orientações provenientes do projeto político pedagógico da instituição educativa”.

Repensar o ensino e o espaço escolar da Educação de Jovens e Adultos é o momento necessário para mudarmos aquilo que não serve mais, que não acrescenta muito, e trabalharmos na construção de novas relações entre

os sujeitos que ocupam este espaço educativo. Nessa construção de novas relações, o papel do professor como um dos protagonistas nesse cenário é de ressignificar a condição de docente, pois já não temos mais espaço para um professor como um simples transmissor de informações. Faz-se necessário que o docente estabeleça uma ponte entre o conhecimento escolarizado e as estruturas cognitivas e socioculturais dos estudantes (CUNHA, 2006). A esse respeito Freire (2006) salienta que:

[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 2006, p. 47).

É importante que na sala de aula estejamos abertos à escuta. Uma escuta no seu sentido amplo, pois, segundo Barbier (1998), a escuta não compreende só a audição, ela engloba outros sentidos e um tipo de abertura requerida pela escuta sensível que é uma abertura holística, tratando-se assim de “[...] entrar numa relação com a totalidade do outro considerado em sua existência dinâmica” (BARBIER, 1998, p.189). Nessa mesma linha de pensamento,

[...] somente quem escuta paciente e criticamente o outro fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele [...] O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele (FREIRE, 2006, p. 113).

Nessa direção, professores e educandos assumem seus papéis de protagonistas no processo educativo, ambos se escutam e promovem o diálogo como princípio fundante da democracia, promovendo a gestão de uma educação mais inclusiva. Pensar a escuta é pensar o sujeito.

Não é palavra que escuto. É um ser humano que traz o conjunto de sua vida e que me permeando com seu saber, poder, sentir, me faz desenvolver, e ao desenvolver, e ao atuar responsivamente,

também o permeio com o meu saber, poder, sentir e ele também se desenvolve (REIS, 2000, p. 136).

Assim, o professor da Educação de Jovens e Adultos precisa estar aberto e atento para o desenvolvimento do ouvir mais personalizado. Levar em conta a idade do educando, sua situação social-econômica e cultural, seus medos, seus sonhos, seus desejos e outros aspectos que venham a manifestar na relação pedagógica. Relação esta que escutar é tentar compreender o educando na sua inteireza, construindo juntos um diálogo prazeroso e, sem dúvida, um ato de amorosidade, em uma perspectiva pedagógica freiriana.

Conhecer a trajetória dos estudantes constitui-se em uma dimensão essencial do trabalho pedagógico nessa modalidade de ensino, porque muitos dos educandos se sentem perdidos diante da realidade atual no que se refere ao saber, à importância do estudo para a sua vida e sua inserção no mundo do trabalho. Esses educandos, na maioria das vezes, possuem uma caminhada estudantil de rupturas e descontinuidades que podem ser traduzidas por reprovações consecutivas, ausências escolares por problemas familiares, sociais e econômicos, entre outros fatores.

Construir uma Educação de Jovens e Adultos capaz de fazer frente à concepção de uma educação com um sentido complementar, marginal, residual e extraordinária de uma sociedade, que em determinados momentos exclui, e em outros cria um falso discurso de inclusão, promovendo um tipo de educação compensatória, é urgente, afinal, é necessário e essencial:

[...] considerar o educado como um ser pensante. É um portador de idéias e produtor de idéias, dotado frequentemente de alta capacidade intelectual, que se revela espontaneamente em sua conversação, em sua crítica aos fatos, em sua literatura oral [...] O educando adulto é antes de tudo um membro atuante da sociedade. Não apenas por ser um trabalhador, e sim pelo conjunto de ações que exerce sobre um círculo de existência (PINTO, 2005, p. 83).

Ressignificar o ensino na Educação de Jovens e Adultos em parceria entre os processos pedagógicos e os principais protagonistas (estudantes e

professores) em sala de aula, implica pensar uma prática pedagógica que valorize os conhecimentos, os interesses, favoreça a participação, respeite seus direitos, motive e mobilize os conhecimentos da vida cotidiana, e que acima de tudo seja uma escola que valorize e demonstre interesse por estes sujeitos cidadãos, não somente como objetos de aprendizagens ou um aluno-numérico somente para receber recursos.

Transformar esse quadro da Educação de Jovens e de Adultos significa incorporar a pluralidade dos seus protagonistas nesse processo de ensino e de aprendizagem. Processos estes compostos de conhecimentos, valores, atitudes, códigos e linguagens que muito frequentemente são desconhecidos ou desvalorizados pela cultura escolar. Acrescente-se ainda a esta transformação o rompimento com os modelos tradicionais, fragmentados, lineares de Educação de Jovens e Adultos, como suplência e/ou aceleração que acabam por reforçar a exclusão e estigmas que colocam a Educação de Jovens e Adultos em situação inferior ao ensino regular.

Assim sendo, exercer o papel de protagonista tanto para o educando como para os educadores constitui o dessilenciamento de uma estrutura de dominação que está presente nas relações de classe há muito tempo. Não será em um passe de mágica ou por meio de alguma formação salvífica que o professor promoverá o exercício do seu protagonismo como também dos educandos, pois são necessárias algumas proposições na estrutura organizacional do ensino do professor da Educação de Jovens e Adultos de forma geral, como:

- Necessidade de uma formação inicial e continuada atrelada à dimensão ética, técnica, estética, política, social, histórica, cultural, entre outras.
- Alteração da lógica dos processos de construção de conhecimento fazendo referência ao ensinar e ao aprender entrelaçados com as questões da contemporaneidade.
- Uma maior reorganização do tempo das ações docentes e discentes, considerando a pluralidade, a diversidade e a singularidade dos sujeitos.
- Aprender a trabalhar em grupo e romper com as resistências ao novo.

- Superar a passividade intelectual, em que muitas vezes trabalhamos de maneira reprodutivista.

Concebido dessa forma, o ensino na Educação de Jovens e Adultos enfrenta vários desafios. Para Veiga, a Educação de Jovens e de Adultos é vida com desafios, pois acreditamos que o “[...] ensino é carregado de razão e emoção, é o espaço para a vida, para a vivência das relações entre professores e alunos, para a ampliação da convivência sócio afetiva e da cultura dos alunos” (2006, p. 32).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso pensar em uma Educação de Jovens e de Adultos de forma mais ampla, em um contexto que os olhares dos educadores estejam atentos para as demandas e potencialidades dos educandos. Impõe-se a necessidade de ousar, buscar construir estratégias de escolarização de jovens e adultos com produção de oportunidades concretas desde proposição de políticas públicas específicas para estes sujeitos até a operacionalização curricular que deriva dessas políticas no âmbito escolar.

Sob essa percepção da Educação de Jovens e Adultos, o educador deve ser um leitor de si mesmo, refletindo sistematicamente o seu trabalho pedagógico; o que sabe, o que conhece, o que desconhece, suas inseguranças, para que vislumbrando suas limitações busque suprimi-las por meio da reflexão e da pesquisa da sua própria prática cotidiana. Nesse sentido, o educador assume uma postura investigativa, reflexiva porque lê, dialoga com o seu cotidiano, com autores de forma crítica, analisando sempre na busca de elucidar as questões complexas que perpassam o ato de ensinar.

Na interação entre educando e educador, não podemos conceber simplesmente uma relação pedagógica em que um só protagonista, o professor, exerça o papel principal. Tanto o educando como o educador são indispensáveis para que a aula aconteça, a aprendizagem se efetive, porque a aula acontecer implica a participação em conjunto dos atores sociais envolvidos, onde “[...] o assistir ou dar aula precisa ser substituído pela ação conjunta do fazer aula” (ANASTASIOU; ALVES, 2006, p. 14).

Assim sendo, repensar a Educação de Jovens e Adultos e a formação de professores/as é também redefinir, ressignificar os nossos olhares, concepções sobre qual tipo de sociedade queremos, qual tipo de cidadão desejamos formar, pois esse nos parece um caminho viável para produzir espaços educativos mais igualitários, plurais e transformadores.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. Formação continuada como instrumento de profissionalização docente. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Caminhos da profissionalização do magistério**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2001, p. 99- 122.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo e ALVES, Leonir Pessate (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 6.ed., Joinville, Santa Catarina: UNIVILLE, 2006.

ARROYO, Miguel G. Experiência de inovação educativa: o currículo na prática da escola. In: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa (Org.). **Currículo**: políticas e práticas. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2005, p.131-164.

BARBIER, René. A Escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFScar, 1998, p.168-199.

BERNSTEIN, Basil. **Clases, códigos y control** – hacia una teoría de lãs transmisiones educativas. Trad. Rafael Feito Alonso. Madrid-Espanha: AKAL, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº.9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, MEC, 1996.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CAMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Resolução CNE/CEB nº. 1, de 5 de julho de 2000. In: **Diário Oficial da União**. Brasília, 6 de julho de 2000.

CUNHA, Maria Isabel da (Org.). **Pedagogia universitária**: energias emancipatórias em tempos neoliberais. Araraquara, São Paulo: Junqueira&Marin, 2006.

FAVERO, Osmar. Lições da história: os avanços de sessenta anos e a relação com as políticas de negação de direitos que alimentam as condições do analfabetismo no Brasil. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa e PAIVA, Jane (Orgs.).

Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p.13-28.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários a prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação professores:** para uma mudança educativa. Porto, Portugal: Editora Porto, 1999.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional:** formar-se para a mudança e a incerteza. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PÉREZ-GÓMEZ, A.I. A Função e formação do professor (a) no ensino para a compreensão: diferentes perspectivas. In: SACRISTÁN, J. Gimeno e PÉREZ GOMEZ, A.I. **Compreender e transformar o ensino.** Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. p.353-379.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

REIS, Renato Hilário dos. **A constituição do sujeito político, epistemológico e amoroso na alfabetização de jovens e adultos.** Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas/Faculdade de Educação. Campinas, São Paulo: 2000.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar:** por uma docência da melhor qualidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Ensinar: uma atividade complexa e laboriosa. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Lições de didática.** Campinas, São Paulo: Papyrus, 2006.p.13-33.

CAPÍTULO 2

Identidade do alunado da EJA: de onde vim para onde me encaminho – minhas raízes

Cláudia Firmino Pereira
Eliana Shirley do Nascimento Lisboa
Célia Regina Teixeira

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como eixo principal trabalharmos e conhecermos a importância da identidade do alunado da EJA no ensino aprendizagem, na relação professor e aluno, destacando o respeito e o diálogo como um possível convite a inclusão social, fundamentada nas questões da valorização da identidade, costumes e crenças.

Ao longo destas reflexões, o foco foi direcionado para a valorização das relações afetivas. Isso, pois é através do diálogo que nasce a confiança na relação entre conhecimento, professor e aluno, por ser parte da natureza humana, podendo interferir de forma positiva ou negativa no desenvolvimento social do alunado da EJA e, conseqüentemente em sua aprendizagem. Nessa perspectiva, o trabalho de nós professores é o de organizador e mediador da aprendizagem, buscando cada vez mais nos qualificarmos, para assim atender as necessidades e demandas de um grupo específico de alunado, ou seja, dos alunos jovens e idosos da EJA, criando um ambiente afetivo propício aos desafios e as necessidades dos educandos.

Como professor dessa modalidade de ensino é primordial utilizarmos o saber da comunidade como matéria prima para o ensino, valorizando os saberes de todos os sujeitos sociais do processo de ensino, aprendendo a partir de suas vivências e ensinando a partir de palavras e temas geradores advindos do cotidiano deles. Neste contexto, é fundamental que o professor se mantenha sempre como um dos protagonistas no ato de aprendizagem, afinal a educação

deve ser significativa na vida do alunado EJA, pois ser professor da Educação de Jovens e Adultos requer desde uma metodologia adequada ao público (Jovens e Adultos), como a relação entre os saberes da cultura popular e vivências, das relações entre professor e aluno.

O desafio do professor está em visualizarmos e modificarmos-nos perante as constantes mudanças que a educação exige. Por isso destacamos a emergência de um olhar sobre o processo de formação de professores, no sentido de ser capaz de adaptar-se ao contexto e assim transformar seus alunos em “leitores de mundo”.

O papel de professor é sobressair-se ao de ser transmissor de conhecimentos para se posicionar como um mediador de saberes, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, facilitando o desenvolvimento da comunidade que o alunado da EJA está inserido. Estimulando-os ao diálogo e participação comunitária. Com esse estímulo, possibilitamos aos alunos uma melhor leitura de realidade social, política e econômica. E desencadeamos processos de aprendizagem contínua para além da sala de aula da EJA. Para assim seu alunado ter uma visão de que é necessário aprender constantemente e de forma consciente e crítica sobre o mundo que os cercam.

Ao focarmos uma política pública no campo do direito à educação de jovens e adultos, devemos também analisar a concepção de educação de jovens e adultos que orienta a prática pedagógica do professor, bem como identificar o impacto do direito à educação como oferta pública, em específico, quando essa mesma ação se propõe a pensar e a executar o direito à EJA, em conformidade com o Art. 37, § 3º, da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Lei 9394/1996, no sentido de garantir o retorno à escolaridade articulada à educação profissional e tecnológica.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino supletivo nas etapas dos ensinos fundamental e médio da rede escolar pública brasileira para jovens e adultos que não completaram os anos da educação básica em idade apropriada, visto que muitos dos nossos alunos desistem do ensino regular por trabalhar e ajudar no sustento familiar desde a infância.

Na década de 90, o segmento da EJA passou a incluir também as classes de alfabetização inicial, não só na Paraíba como em todo Brasil, o campo se

consolidou com influência das ideias de Freire, com forte relação em o movimento de “Educação Popular”.

No caso específico do município de Sapé-PB, assim como campo de lutas e grandes conquistas, a EJA vem sendo oferecida desde as décadas passadas, em atenção à Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Base (LDB) do ano de 1996, dando direito ao ensino fundamental aos cidadãos de todas as faixas etárias como expressa no seu art. 208 “Como direito de todos e dever do estado, proporcionar o ensino fundamental obrigatório e gratuito”, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na época devida e a segunda LDB da Educação Nacional nº9394/96, deixa claro no seu art.37 a intenção de “Assegurar educação gratuita e de qualidade a esse segmento da população, respeitando a diversidade que nele se apresenta”.

Nesta direção, o Plano Municipal de Educação (PME), 2014-2024, da EJA, da Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer do município de Sapé, entre as obrigações no que se refere a educação, está a garantia do acesso à educação básica; a formulação de políticas educacionais próprias do município de Sapé; administração do sistema municipal de ensino, buscando a redução do índice de analfabetismo. Sobre a taxa e número de analfabetos e alfabetizados na cidade de Sapé, Paraíba, 130.478.243 Alfabetizados (2010) e, 13.497.645 Analfabetos (2010). Atualmente a rede municipal de ensino possui seis mil alunos matriculados nas áreas urbana e rural.

Do ponto de vista da estrutura de ensino, são dezesseis escolas na área urbana e vinte e quatro na rural, perfazendo quarenta escolas. Desse total, trinta e quatro ofertam cursos na modalidade da EJA, em ambas escolas, as áreas trabalham a partir da realidade local de cada comunidade.

Sobre a formação continuada dos professores, ela ocorre uma vez a cada mês, desde 2015. Neste aspecto, a Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer ofertou a formação continuada na área da EJA, no ano de 2016 em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e, em 2017, a partir dos encontros pedagógicos e de rodas de diálogos como a coordenação municipal da EJA. Esses encontros foram pensados e realizados no primeiro fórum da EJA. Foi escolhido um tema central como proposta a ser implementado nas escolas, iniciando um

envolvimento dos alunos e professores para realização do “Fórum Temático”, que foi um momento de culminância enriquecedor, tanto para o alunado EJA, quanto para os professores.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A Escola MEIEF São Vivente de Paula está em funcionamento desde 1960, prédio emprestado para uso da prefeitura por uma família de poder econômico da cidade e que fazia parte de trabalhos com a comunidade nos bairros chamado “Os Vicentinos”. O prédio já existia e continuou sendo usado para atender a demanda dos moradores que vivem na localidade, pois há dificuldades da comunidade em levar seus filhos em outras cidades devido à distância.

A comunidade atendida é de baixa renda, de nível cultural diversificado e de escolaridade mínima, ocasionando dificuldades que refletem na escola no sentido da valorização e incentivo aos alunos no processo ensino e aprendizagem. Também é participativa nas reuniões e eventos programados pela instituição e demais programas vinculados a EJA. Como professora da Educação de Jovens e Adultos do 1º Segmento- Ciclo-II, tivemos um papel desafiador diante da dura realidade de despertarmos a fome pelo saber e o encantamento pela vontade de querer aprender a ler. Conheci de perto angústias e medos de filhos de trabalhadores rurais não qualificados em seu trabalho e com baixo nível de instrução escolar, pois foram esquecidos pela sociedade. Neste contexto é necessário continuar a caminhada, para superar os entraves que foram impostos nessa história da EJA não só aqui no município de Sapé na Paraíba, mas em todo Brasil.

A “Identidade do Alunado da EJA”, uma proposta de que juntos — nós professores, sentimos de trabalhar esse tema visando o resgate da valorização e o respeito pela diversidade e inclusão social, com temas interdisciplinares dentro da realidade dos alunos, contextualizando suas vivências. Tornando assim o ato de ensino aprendizagem dinâmico e significativo, através dos temas abordados:

LÍNGUA PORTUGUESA: TEXTO MUSICAL “PACATO CIDADÃO” SKANK

1º Etapa: Oralidade e Leitura - A identidade como princípio educativo: Roda de conversa (Quem sou eu, o que faço, minha cultura) propomos um momento de discussão e reflexão sobre a identidade, trazendo para a discussão o assunto que a música retrata. Realizamos leitura individual e coletiva desenvolvendo atividades como: construção de um acróstico com cada nome, confecção de cartazes sobre o estudo do texto, vocabulário, linguagem oral e escrita.

GEOGRAFIA E HISTÓRIA: IDENTIDADE “EXERCENDO A CIDADANIA”

2º Etapa: Trabalhamos com a Identidade - O direito de aprender por toda a vida: seguindo os objetivos locais, participando de interações orais em sala de aula, questionando, sugerindo, argumentando e respeitando os tempos de fala do colega e do professor, bem como a experiência humaniza Dora dos sujeitos no mundo. A seguir se utiliza um mapa regional do Brasil (do estado e da cidade) para localizar o lugar de nascimento, seus costumes, crenças e assim pedimos que os alunos façam o estudo de texto através de atividades como: linguagem oral e escrita treino ortográfico, confecção de cartazes com imagens, representando a história de vida, socialização dos diferentes tipos de cultura existentes em sala de aula.

MATEMÁTICA: ESTATÍSTICA “COLETA DE DADOS, TABELA E GRÁFICOS”

3º Etapa: Síntese das sílabas da palavra identidade, (Formação da Palavra) - Reconhecimento das sílabas que compõem a palavra IDENTIDADE. Direcionamos os debates para os usos sociais do conhecimento, entendendo ser necessário formarmos o educando para o exercício da cidadania efetiva e crítica, utilizando produção de textos escritos e ilustrados diante da realidade dele, respeitando seus dialetos, construindo gráficos e tabelas de acordo com as coletas de dado do município.

4º Etapa: Marcas que nos Identificam- Educação dialógica: articulação e reconhecimento dos múltiplos saberes, resgatando a identidade dos educandos, para conhecê-los e possibilitar inter-relação dos colegas através do diálogo. A seguir produzimos textos descritivos sobre “Minha Vida”. Com essas atividades

foi possível observarmos o envolvimento dos alunos, uma vez que foram desenvolvidas com muito entusiasmo e emoção. Dessa maneira essa temática culminou em uma linda festa em homenagem a todos alunos da EJA-Ciclo-II, com a entrega dos livros “IDENTIDADE” feito por eles. Foi um momento encantador movido pelas emoções e relatos de quem participou da intervenção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA NA EJA

Durante séculos a Educação era privilégio de poucos, em meio a todo esse avanço tecnológico o ensino aprendizagem admite o compromisso com a educação como processo, fruto da ação conjunta da dinâmica de aprendizagem significativa, desenvolve o pensamento crítico-reflexivo e a formação de valores para novas exigências da cidadania. Assim ao desenvolvermos um projeto didático vinculado aos objetivos de aprendizagem com a finalidade da valorização do sujeito com o seu meio social e o respeito as diversidades, ocorre o resgate de suas origens.

A aprendizagem advinda da intervenção apresentada foi uma construção coletiva com trocas de conhecimentos, em que os saberes foram abordados de maneiras significativa e dinâmica de como trabalhar com a EJA, compartilhando conhecimentos, multiplicando caminhos, diminuindo os obstáculos e somando a força de vontade de continuar numa viagem que não tem trajetória única, mas se transformam a cada esquina e a cada encontro. O pano de fundo esteve amparado nos estudos freireanos, pois a educação pregada por Paulo Freire é antes de tudo um ato político, que luta pelos desfavorecidos e os incentivam a se tornarem cidadãos participativos e ativos na sociedade. E neste contexto é que professores e alunos aprendem. É nessa troca de conhecimentos, ultrapassamos não apenas a habilidade de tornarmos os alunos da EJA, aptos a assinar seu nome, mais sim capazes de transformar sua vida e a sociedade.

Acreditamos que os moldes satisfatórios seja a educação transformadora e emancipadora, a mesma defendida por Freire, que luta para que o homem saia do conformismo, que se veja como um agente crítico e participativo da sociedade. Os instrumentos implementados na intervenção foram cruciais nas

características mais conducentes com a realidade de nossa escola, tais como: resgatarmos a identidade do aluno, trabalhar na sua autoestima, valorizarmos suas experiências de vida e principalmente, conceber o aluno como sujeito deste processo, como ser pensante, crítico e criativo.

Quando os alunos da EJA somente ‘recebe’ as informações, sem refletir e analisá-las criticamente, eles são submetidos à cultura hegemônica, imposta pela classe dominante, sem ter ao menos o direito de escolha. Portanto, é necessário detectarmos as contradições entre essas representações do grupo e a história de vida e de produção de cada um para que o alunado da EJA seja consciente de si e de seu papel social.

É necessário direcioná-los a conhecer a ideologia inerente a cada concepção de educação para que possam optar por aquela que seja coerente com a visão de homem a se formar e constitui-se. Para uma pessoa jovem e adulta que retoma aos seus estudos, o desejo maior é o de se preparar para o trabalho, de ter autonomia e de se dar bem profissionalmente.

E neste sentido, a educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino garantida através da Constituição Federal de 1988, de responsabilidade e dever do estado: “Oferecer ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria” (artigo 208, inciso I).

IDENTIDADE DOS ALUNOS DA EJA — 1º SEGMENTO-CICLO II: SAPÉ-PB;

Os alunos que foram sujeitos da intervenção são: Jovens e adultos analfabetos- Por trabalhar desde a infância para ajudar no sustento familiar; Jovens que não ingressaram no mercado de trabalho - Por falta de uma formação e qualificação profissional; Jovens e adultos esquecidos pela sociedade- Excluídos por serem analfabetos; Jovens e adultos no reingresso escolar - Se alfabetizando para assim se qualificar e atender as necessidades do mundo tecnológico e do trabalho.

Este perfil segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, é necessário para que essa modalidade de educação a função reparadora de uma realidade injusta, que não deu oportunidade nem direito a escolarização de tantas pessoas. É emergente também contemplar o

aspecto equalizador da educação, possibilitando novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura de canais de participação. Mas há ainda outra função a ser desempenhada pela EJA: a qualificadora, com apelo à formação permanente, voltada para a solidariedade, igualdade e diversidade. O que hoje é concebido como educação de jovens e adultos, corresponde à aprendizagem e qualificação permanentes, não apenas suplementares, mas fundamentais e que favoreçam a autonomia dos mesmos. A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDB nº 9394/96 é em sua essência, o instrumento que define os objetivos e prioridades bem como as condições ou meios que devem reger a política educacional do país, promulgada em 20 de Dezembro de 1996, que vigora até os dias de hoje, determina claramente a ligação entre educação e trabalho e institui a qualificação para o trabalho:

Título I da Educação: Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. § 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. § 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. Título II dos Princípios e Fins da Educação Nacional Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância; V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; VII - valorização do profissional da educação escolar; VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino; IX - garantia de padrão de qualidade; X - valorização da experiência extraescolar; XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.



Fonte: acervo da autora

Sendo assim a prática pedagógica docente pressupõe uma construção coletiva, a participação do educando e do educador como sujeitos do processo, uma relação dialógica, dinâmica, contínua e, principalmente crítica, que tenta resgatar as questões da cultura.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados entendemos que a atual política de Educação de Jovens e Adultos, fruto das reivindicações de grupos e movimentos sociais de educação popular, diante do desafio de resgarmos um compromisso histórico da sociedade brasileira e contribuir para a igualdade de oportunidades, inclusão e justiça social, fundamenta sua construção nas exigências legais definidas pela Constituição Federal de 1988, de responsabilidade e dever do estado o direito à educação que fora negada aos jovens e adultos. Com isso é que favorecemos aspectos inclusivos, oferecendo a eles igualdade, respeito as

suas diversidades e valorização da sua cultura, já que os mesmos não tiveram direito a este ensino quando crianças. O ensino e a alfabetização estão em constante acontecimento na vida do educando, por isso, é muito importante que o educador tenha atividades que envolvam a realidade dos alunos e seus conhecimentos prévios, sendo esses artefatos, cruciais para que se chegue a um resultado positivo e relevante através de uma maneira dinâmica de ensinar.

Como professora da EJA sempre estamos nos aperfeiçoando, buscando conhecimentos para transformação desses alunado que geralmente são excluídos pela sociedade. Precisamos refletir que devemos lutar e acreditar que podemos e somos capazes de mudar trajetórias de vida, é preciso que se faça jus a sua origem e sua cultura.

Os processos educativos, como qualquer aspecto do social, estão conectados com seu tempo, sua história e seu espaço onde professor/aluno unidos transformem essa dura realidade em uma nova identidade, para a identidade de um cidadão crítico consciente capaz de utilizar a leitura e a escrita, na tentativa de diminuir quaisquer obstáculos que a desigualdade social impõe, exercendo de fato a sua cidadania plena. Uma vez que ela não se baseia só em buscar uma certificação ou diploma, mas na sua qualificação e formação profissional, que favorece na luta por seus direitos e usufruir uma vida melhor com dignidade e respeito.

Acreditamos no potencial do alunado da EJA, como sujeito capaz de mudar sua trajetória de vida. Isso ocorrerá quando ações forem desencadeadas por nós professores, por diretamente estarmos ligados à possibilidade de modificar ou conduzir indivíduos à mudança de vida em sua totalidade. Para isso, o conhecimento da sua história de vida é uma das ações que favorece a sua transformação, sendo fundamental a sua valorização, a autoestima elevada, uma vez que essas questões influenciam na capacidade de todos terem algo para ensinar e aprender juntos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GARCIA, Renata Monteiro, SILVA, Marluce Pereira da. **EJA, Diversidade e Inclusão**: reflexões (im) pertinentes. João Pessoa/PB. Editora: UFPB, 2018.

SAVIANI, Demerval. **A nova lei da Educação - LDB**: trajetória e perspectivas. São Paulo, Campinas: Autores Associados, 1999.

https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_18.02.2016/art_208_.asp. Acesso em 15 maio 2019.

<http://infoparaliberdade.blogspot.com/2010/10/educacao-como-ato-politico.html>. Acesso em 14 maio 2019.

<https://educacaointegral.org.br/reportagens/paulo-freire-a-educacao-como-pratica-da-liberdade/>. Acesso em 13 maio 2019.

<http://static.paraiba.pb.gov.br/2016/07/Lei-n%C2%BA-10.488-Plano-Estadual-de-Educa%C3%A7%C3%A3o-ANEXO-DO-PLANO-ESTADUAL-1-3-1.pdf>. Acesso em 09 maio 2019.

<http://www.sape.pb.gov.br/secretaria-de-educacao-cultura-esporte-e-turismo.html>. Acesso em 17 maio 2019.

CAPÍTULO 3

Práticas educativas na EJA: um diálogo sobre sustentabilidade

Luís Flávio Costa da Silva
Maria de Fátima Macêdo dos Santos
Joel Araújo Queiroz

1. INTRODUÇÃO

A modalidade de ensino EJA no Brasil trouxe vários benefícios para a população, possibilitando a jovens e a adultos, que tiveram interrompidas suas trajetórias escolares na idade seriada, acesso aos sistemas formais de ensino, e, dessa maneira, acesso a ampliar o seu conhecimento.

Nesse cenário se faz necessário a formação de professores capacitados a promoverem uma educação que atendam a demanda desse público específico. A formação continuada de professores para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos deve ser compreendida como uma possibilidade de compreensão e construção de percepções mais reais da modalidade de ensino para jovens e adultos, que muitas vezes tem sido alvo de deturpações e reprodução de percepções inadequadas ou estereotipadas.

Com maior razão, pode-se dizer que o preparo de um docente voltado para a modalidade da EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e estabelecer o exercício do diálogo. Neste contexto cabe ao profissional romper com os moldes de um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim, um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer (BRASIL, 2000, p.56).

Por meio de tais espaços de formação continuada, professores podem ressignificar seus processos de ensino na modalidade da EJA, possibilitando um fazer docente que privilegie e contemple a diversidade intrínseca dessa modalidade de ensino e, assim, experiências que abracem processos inclusivos de educação, por meio da promoção de uma pedagogia do diálogo com os alunos em diferentes situações sociais, econômicas culturais e ambientais.

Diante de vários desafios na EJA, torna-se necessário desenvolver planos pedagógicos com objetivos de ampliar diferentes temáticas no contexto educacional, fomentando a prática do ensino e aprendizagem significativos no ambiente escolar da EJA. Portanto, o presente trabalho, fruto de um trabalho de intervenção pedagógica desenvolvido no âmbito do Curso de Aperfeiçoamento em EJA, na diversidade e inclusão, pela UFPB/*Campus* IV, utilizou-se do tema sustentabilidade para propor e executar uma Sequência Didática (SD) em uma sala de aula da EJA. Os conteúdos trabalhados nessa SD foram: Espaço geográfico, Paisagem, Reciclagem e Sustentabilidade. A estratégia para avaliação utilizada foi debates e interpretações de texto relacionados ao tema.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Esse artigo apresenta resultados de uma intervenção pedagógica que a partir da identificação do perfil da escola e dos alunos na modalidade da EJA do III ciclo, realizou-se planejamento e execução de uma sequência didática sobre sustentabilidade, ocorrida em quatro encontros. Segundo Vegara (2006), o método é o caminho, uma forma, uma lógica de pensamento.

Os alunos da EJA possuem um perfil que necessita de uma atenção maior no desenvolvimento de suas atividades, geralmente são sujeitos que deixaram de estudar por um bom tempo e chegam, por isso, a escola com dificuldades na escrita e leitura. O que, nesse ponto, torna-se um desafio para o professor no aperfeiçoamento de suas práticas de ensino.

O tema escolhido como eixo norteador das atividades da sequência didática foi “A Sustentabilidade”. Isso por ser um tema que está ligado ao consumo dos recursos naturais e também está implementado no projeto municipal escolar

como metas a serem alcançadas no plano pedagógico durante o ano letivo de 2019.

Dessa forma elaboramos um plano de aula para cada encontro, com duração de 1h/cada. Fez-se necessário o levantamento de dados, que auxiliou a definir as informações necessárias para o aprendizado dos alunos. Como processo avaliativo, debates e interpretação de textos com leituras de frases de pensadores contemporâneos sobre o tema trabalhado em sala de aula.

No primeiro encontro, foram escritos textos coletivamente no quadro branco sobre os principais conceitos de espaço geográfico e que o estudo do espaço geográfico tanto pode ser feito em uma sala de aula (quantidades de alunos, tamanho da classe, quantidades de janelas e outros) como também em uma cidade ou país (quantidades de habitantes, problemas ambientais, reciclagem e outros) dependendo área específica onde se quer estudar.

No segundo encontro, por meio de Datashow foram apresentados tipos de paisagens (natural e cultural) dialogando e dando exemplos de lugares específicos, que o processo de modificação do espaço natural está relacionado com ação do homem.

No terceiro encontro, foi realizado leituras e interpretação de texto sobre o lixo e o processo da reciclagem com os objetos descartados através da reutilização de embalagens. Cada aluno fez um comentário sobre o texto lido, após isso assistiram um vídeo de 10 minutos sobre sustentabilidade.

No quarto encontro, houve leitura de frases de pensadores contemporâneos sobre o tema sustentabilidade, cada aluno leu uma frase e falou o que entendeu. Em seguida colou a frase no quadro branco dentro na figura construída de uma árvore da sustentabilidade. Após a realização dessas atividades um exercício de verificação de aprendizado sobre todo assunto trabalho na sequência didática foi disponibilizado. Para o processo avaliativo, foram feitos debates e interpretação de texto com leituras de frases sobre o tema trabalhado em sala de aula.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA NA EJA

Os resultados alcançados com a realização da sequência didática na Escola Municipal Ensino Fundamental Alice de Melo Viana localizada no Município de Belém-PB, foram satisfatórios.

Optamos por esse tema, sustentabilidade, por se tratar de um assunto de suma importância no contexto sustentável e consciente no uso dos recursos naturais. Dessa forma, a primeira aula da sequência didática tentamos identificar o conhecimento prévio dos alunos a respeito da sustentabilidade. Observou-se que os alunos sabiam da importância da prática de sustentabilidade, no entanto não sabiam o conceito da palavra. Após essa discussão inicial, apresentamos o conceito e exemplos sobre o assunto, nesse ponto os alunos apresentaram entusiasmo sobre o conteúdo, apesar de algumas limitações.

No segundo encontro, iniciamos a aula tratando sobre o espaço geográfico, por meio de data show, demonstramos os diferentes tipos de paisagem naturais e modificadas pelo homem. Sendo apresentado também texto sobre a relação do lixo com a reciclagem. Nesse momento, percebeu-se que uma parte dos alunos tinha dificuldades no desenvolvimento da leitura, tendo demonstrado pouca habilidade de interpretação de textos.

No terceiro encontro utilizamos um vídeo para dialogar sobre a importância da sustentabilidade, em seguida refletimos sobre distribuí-se frases sobre sustentabilidade escritas por pensadores. Cada aluno ficou responsável por apresentar seu entendimento de uma das frases de modo a destacarem uma palavra chave da frase e comentar. Ao término dessa atividade os alunos construíram com as frases no quadro branco uma árvore da sustentabilidade.



Fonte: Arquivo do autor (2019)

Diante das reflexões apresentadas pelos alunos, cada um comentou e falou o que entendeu nas frases lidas, apesar de alguns apresentarem dificuldade na leitura, eles expressaram um conhecimento próprio em relação ao assunto.

No quarto e último encontro da sequência didática foi aplicado um questionário referente a todo o conteúdo trabalhado com questões abertas para responderem. O desempenho dos alunos em relação ao questionário foi satisfatório, apesar das dificuldades da leitura de alguns, observou-se que houve um entendimento do conteúdo abordado. Percebemos com essa experiência que o professor da EJA não deve avaliar apenas os resultados da parte escrita do aluno, mas também todo o envolvimento dele no processo de aprendizado.

Na educação de jovens e adultos o processo de avaliação deve ser mais flexível. É muito comum os professores avaliarem os alunos apenas por meio de testes e provas, sem olharem com mais atenção suas identidades no contexto social. A partir desse ponto fica mais fácil analisar o desenvolvimento do aluno da EJA em todo processo educacional. Segundo Hoffmann (1993, p. 62)

Se é desejável que a avaliação tenha um caráter diagnóstico e contínuo, é preciso para isso tomar certos cuidados. Acompanhar as atividades que os alunos realizam, analisando, com eles seus avanços e dificuldades, vão ajuda-los aprender e melhorar suas com suas competências, mas não podem transformar as situações de sala de aula em “tarefas” as quais se atribuem notas e conceitos.

Portanto, avaliação escolar nas turmas de EJA deve ser acontecer continuamente, em todos processos de aprendizado do aluno, ou seja, não apenas por uma atividade específica, mas também em toda participação do aluno em sala de aula. Nossa avaliação do trabalho aplicado da EJA teve como critério principal avaliar o aprendizado do aluno de uma forma continuada, através de observação e envolvimento com conteúdo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito das experiências vivenciadas durante o curso, as mesmas possibilitaram o conhecimento e um olhar de novas práticas pedagógicas direcionada para EJA, com encontros presenciais que permitiram o diálogo com profissionais da educação e promoveram a troca de conhecimento e experiências na EJA.

O conhecimento adquirido com as atividades de cada módulo proporcionou vivenciar a teoria e a prática com uma visão mais ampla sobre os desafios da EJA; o trabalho realizado sobre o estudo da identidade do aluno da EJA ajudou a compreender melhor o perfil de cada turma da EJA, e também no desenvolvimento de uma didática mais assertiva, tornando possível direcionar um plano pedagógico coerente com a realidade dos alunos.

Diante do que foi exposto sobre a sequência didática utilizada instrumento de intervenção pedagógica na EJA, observamos que o aluno da EJA necessita de novas práticas de ensino, e que os precisam estar preparados para atender várias dificuldades presentes na sala de aula dessa modalidade.

Também percebemos que o processo avaliativo a da aprendizagem na EJA necessita de um acompanhamento significativo por parte dos professores, sendo necessário que o docente tenha clareza nos objetivos que pretende avaliar para saber quais os meios e recursos devem ser adotados. Luckesi (2002, p.71) comenta que, “[...] uma avaliação escolar conduzida de forma inadequada pode possibilitar a repetência esta tem consequência na evasão”. Pois avaliação torna-se inadequada quanto ao uso insatisfatório dos resultados.

Os desafios na educação de Jovens Adultos são múltiplos, englobam desde a evasão escolar, a falta de interesse por parte dos alunos, a desmotivação, a autoestima baixa entre outros.

Nesse cenário, o professor deve lançar mão de aulas diferenciadas para que os alunos possam se sentirem atraídos pelos conhecimentos e encontrar significado para a aprendizagem na escola para sua vida pessoal. Neste aspecto, o curso de Aperfeiçoamento em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social, ao possibilitar o pensar criticamente quais práticas podem ser mais significativas para a EJA, também nos fez construir uma alternativa de ensino-aprendizagem para essa modalidade, como foi o caso da nossa sequência didática. Foi a partir dela que tentamos promover a diversidade e inclusão desses alunos com o diálogo de temas bastantes presentes nas suas vidas e que deveriam ser tratados frequentemente no cotidiano da sala de aula da EJA. Com estas colocações, entendemos que é importante buscar caminhos diferentes no ambiente escolar, diagnosticar as dificuldades dos alunos e diversificar as formas de ensinar e de avaliar, visando a qualidade no ensino na EJA.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica.** Parecer nº11, de 10 de maio de 2000. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

GARCIA, Renata Monteiro, SILVA, Marluce Pereida da. **EJA, Diversidade e Inclusão:** reflexões (im) pertinentes. João Pessoa/PB. Editora: UFPB, 2018.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora:** uma prática em construção da Pré-escola a humanidade. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem escolar:** estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2002.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração.** São Paulo: Atlas, 2004.

CAPÍTULO 4

Sequência didática com a utilização da tecnologia nas turmas da EJA

Ana Maria de Lima Sobral
Eliana Shirley do Nascimento Lisboa
Célia Regina Teixeira

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido no curso de aperfeiçoamento: Educação de Jovens e Adultos na diversidade e inclusão social – (2018-2019), e tem como proposta implementar metodologias alternativas que consigam gerar atenção e interesse dos alunos, considerando que a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino, que necessita conter em sua organização curricular, uma estrutura mais flexível do que as de salas de aulas das escolas regulares, pois o tempo de aprendizagem de cada aluno deve ser respeitado e diferenciado, respeitando e levando em consideração as necessidades de cada aluno, seu mundo do trabalho, as questões de abandono dos bancos escolares na idade certa e seu retorno atual, bem como sua idade.

As propostas educativas precisam amparar-se além da garantia do acesso, mais também a permanência e o êxito na aprendizagem escolar. Para que isso ocorra é indispensável o incentivo da formação continuada aos professores e envolvidos na gestão, pois é a etapa de continuação do aperfeiçoamento profissional, e é de responsabilidade, tanto das universidades como das secretarias municipais e estaduais de educação. Segundo (ARROYO, 2006; FREIRE, 2005; IMBERNÓN 2010; NUNES, 2000; VEIGA, 2002), a formação continuada possui valor, pois é ela que assegura o bom desempenho dos professores em sala de aula. E neste sentido, considerando a vivência profissional adquirida durante o processo de educadora da EJA, pudemos observar e diagnosticar a ausência

de metodologias que incentivassem os alunos a ter êxito na sua permanência da sala de aula.

Com esse trabalho, nos desafiamos a proporcionar alternativas e possibilidades de metodologias com o uso da tecnologia em sala de aula, levando em consideração que vivemos em uma época tecnológica e, o cotidiano das pessoas é também o mundo com as tecnologias digitais. E por isso defendemos que elas, podem estar inclusas na educação através de aplicativos educacionais que podem ser desde simples atividades de exercício e prática, que se caracterizam pela realização de atividades repetitivas para treinar habilidades ou recapitular conteúdos já trabalhados.

A utilização das TIC'S (Tecnologia de informação e comunicação) apresentam-se atualmente como um forte recurso de apoio pedagógico, uma vez que proporciona o desenvolvimento de novas metodologias e estratégias de ensino que poderão auxiliar o processo educacional.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Neste trabalho, executamos numa turma da Escola Estadual Indígena do Ensino Fundamental e Médio Dr. José Lopes Ribeiro uma sequência didática. A turma tem 31 alunos distribuídos da seguinte forma: 27 homens e 4 mulheres. Diante do momento de observação e diagnóstico verificamos que os alunos são muito tímidos e não participativos nas atividades propostas em sala de aula, sempre dando “atenção” aos seus celulares e smartphones. Devido a esse fato, ao invés de pedir para não utilizarem o celular, buscamos usar o manuseio do aparelho em prol da interação de propostas pedagógicas em sala de aula.

O aluno da EJA geralmente são aqueles alunos que tem uma autoestima comprometida, porque já possuem histórico de fracasso escolar. A maioria são trabalhadores que lutam para superar suas condições de vida, moradia, saúde, alimentação, transporte e acesso a emprego.

E é nesta realidade que alguns professores têm dificuldades de desenvolver um trabalho pedagógico com o uso da tecnologia, como o celular por exemplo, pois a tecnologia ainda está distante de uma proposta pedagógica nas

escolas. Acreditamos que isso é decorrente de ausência de formação continuada aos professores sobre as TIC'S (Tecnologia de informação e comunicação).

Entretanto se os professores não têm propriedade para explorar as várias vertentes tecnológicas, em contrapartida os alunos não conseguem se desvincular do uso da tecnologia. O celular é o principal recurso tecnológico usado cotidianamente em sala de aula pelos alunos, usando o celular indiscriminadamente, sem limites, chegando a interferir em suas capacidades de concentração. Como não podemos desconsiderar o poder do celular, planejamos e organizamos uma sequência didática como uma forma de mostrar possibilidades do uso do celular em favor dos momentos de aprendizagem escolar.

Neste contexto, pensar a Educação de Jovens e Adultos nos remete a pensar no público que frequenta essa modalidade de ensino, considerando todo o contexto em que está inserido. Nesse sentido, Paiva defende que o perfil dos alunos do EJA:

São homens e mulheres, trabalhadores/as empregados/as e desempregados/as ou em busca do primeiro emprego; filhos, pais e mães; moradores urbanos de periferias e moradores rurais. São sujeitos sociais e culturalmente marginalizados nas esferas socioeconômicas e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais, comprometendo uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura. Vivem no mundo urbano, industrializado, burocratizado e escolarizado, em geral trabalhando em ocupações não qualificadas. Portanto, trazem consigo o histórico da exclusão social. São, ainda, excluídos do sistema de ensino, e apresentam em geral um tempo maior de escolaridade devido a repetências acumuladas e interrupções na vida escolar. Muitos nunca foram à escola ou dela tiveram que se afastar, quando crianças, em função da entrada precoce no mercado de trabalho, ou mesmo por falta de escolas (PAIVA, 1983, p. 19).

Para esses alunos, a escola deve ser um espaço de transformação social e de construção de conhecimentos pensados especialmente numa perspectiva que busque contemplar os saberes que tem um significado concreto na vida deles, pois sabemos que as condições físicas, mentais e sociais são totalmente diferentes do alunado do ensino fundamental regular.

Atendendo esse contexto das salas da EJA, planejamos a sequência didática com os conteúdos voltadas para a disciplina de matemática e português. Na disciplina de Matemática foram trabalhados os números naturais e na disciplina de Português foram trabalhados: vocativo, gênero textual, texto/mensagem.

A sequência didática executada teve como objetivo: Promover a comunicação entre os pares; utilizar a tecnologia a favor da aprendizagem; e, explorar os conteúdos das disciplinas por meio da tecnologia (celular). A sequência didática foi formulada para contemplar o uso do celular de forma pedagógica, com a intenção dos alunos aprenderem conteúdos interessantes para eles e em forma de entretenimento. Para isso, os alunos levaram o celular para a sala de aula; Coletaram o número do celular de cada um, foi eleito um tema/ assunto para os alunos tratarem do tema considerando o conteúdo explorado, registraram em uma folha os números dos celulares com os respectivos nomes dos proprietários, posteriormente realizaram um sorteio dos números de celulares entre os participantes da turma; Depois os alunos digitaram uma mensagem – SMS, explanando sobre a importância das relações humanas, para o colega contendo: vocativo, texto/mensagem, despedida e assinatura; o colega que recebeu a mensagem deu um retorno sobre ela. Foram criados grupos e cada grupo teve uma atividade diferenciada de acordo com o cronograma apresentado para eles no início da sequência. De início os grupos pesquisaram a história do aparelho celular, respeitando os parâmetros do processo de comunicação; e as atividades foram distribuídas das seguintes formas:

Grupo 1: Montaram uma linha do tempo com informações sobre o aparelho de celular, trazendo fatos relevantes sociais e históricos.

Grupo 2: Pesquisaram sobre o uso de celular e a internet e apresentaram em forma de seminário, através da oralidade e explanação de cartazes.

Grupo 3: Usaram o celular para fotografar imagens associadas ao tema da sequência, que foi “Relações pessoais” e organizaram um mural com as fotos impressas e explicações sobre o que eles entenderam pela temática.

Grupo 4: Usaram o celular para fazer um vídeo informativo e criativo sobre o ambiente escolar e sua importância. O vídeo foi exibido através da lousa que existe na escola.

Grupo 5: Fizeram um teste/questionário com questões abertas e fechadas em dupla, sendo que sentaram na sala de aula um distante do outro, para que se fale ao celular as questões e o outro possa responder e, vice-versa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA NA EJA

Vale salientar que o desenvolvimento de uma atividade com o uso do celular de forma educacional, envolve o esforço do professor em sala de aula, principalmente no quesito de planejamento e execução. O profissional na sala de aula não deve utilizar o uso das tecnologias, celulares e/ou computadores de forma apenas como entreter. Deve ser um estudo dirigido de forma educativa e que tenha uma contribuição significativa na vida desses educandos, pois esses alunos muitas vezes necessitam que as aulas sejam criativas, com elementos lúdicos e envolventes, que os estimulem a permanecer na sala de aula e concluir o ano letivo. O uso do celular na sequência didática permitiu uma relação de aprendizado mútuo, uma relação de cooperação, de respeito e aprendizagem significativa. Acreditamos que o fato dos alunos terem pesquisado determinado assunto juntos, ou seja, o conhecimento com o uso da ferramenta, possibilitou uma construção coletiva e, como já dizia Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo. Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Neste contexto, durante toda a execução da sequência houve interação entre os alunos, pois quem tinha mais conhecimentos na utilização das plataformas do celular e os que tem menos conhecimento, se ajudaram. Isso foi satisfatório, pois ver a interação e o auxílio entre eles, é comum. Além de que uma das barreiras para a utilização das tecnologias como ferramenta pedagógica em sala de aula condiz com o fato dos professores não ter a facilidade na manutenção e uso do celular.

Segundo Tedesco, “[...] muitos professores em serviço não têm conhecimento prévio sobre como devem ser utilizadas as ferramentas tecnológicas e suas possibilidades em sala de aula” (2004, p. 105). Para tanto, curso de formação continuada sobre as TIC’S (Tecnologia de informação e comunicação), favorece ao professor se atualizar, levar em consideração que atualmente é uma necessidade e que esse conhecimento pode auxiliar nas práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acesso as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na Educação de Jovens e Adultos, amplia as possibilidades de aprendizados e conhecimentos não apenas específicos, mas sim sociais. E compete ao professor adotar o papel de facilitador nesse processo, planejando as suas aulas de formatos mais dinâmicos. Sendo assim um princípio estimulador e incentivador para que os alunos da EJA se sintam motivados nas salas de aula mesmo com os inúmeros desafios que enfrentam.

Vale ressaltar que o papel da escola é preparar para a vida, e isso envolve mais do que ensinar conteúdos ou habilidades estabelecidas nas diretrizes curriculares. Ao educar para a vida envolve estimular o aluno, a lidar com os problemas pessoais e sociais, a saber os seus deveres e direitos, a ter um bom relacionamento com outros em diversos ambientes e, principalmente, a ter autonomia. E essa autonomia é que os alunos da Educação de Jovens e Adultos precisam aprender dentro da escola. E essa autonomia perpassa pela inclusão digital que favorece no processo, levando em consideração que vivemos em uma época onde a utilização da *internet*, do celular e de demais tecnologias é imprescindível no trabalho, no dia a dia.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Educação de jovens-adultos**: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997. 3 v.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9. ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GARCIA, Renata Monteiro, SILVA, Marluce Pereira da. **EJA, Diversidade e Inclusão**: reflexões (im) pertinentes. João Pessoa/PB. Editora: UFPB, 2018.

PAIVA, V. P. **Educação Popular e Educação de Adultos**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1983.

TEDESCO, Juan Carlos. **Educação e Novas Tecnologias**: esperança ou incerteza?. São Paulo: Cortez, 2004.

CAPÍTULO 5

A música como um recurso facilitador do processo de ensino aprendizagem no seguimento da EJA

Lidiane de Almeida Alves
Eliana Shirley do N. Lisboa
Francymara Antonino Nunes de Assis

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho é resultado final do Curso de Aperfeiçoamento: Educação de Jovens e Adultos - Diversidade e Inclusão, ofertado pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Tem como objetivo analisar as contribuições da musicalidade no processo ensino aprendizagem na modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

Defendemos que a Educação de Jovens e Adultos precisa apresentar uma proposta educacional que seja voltada para um ensino que venha contemplar as subjetividades dos educandos, pois são turmas bastante heterogêneas, compostas por Jovens, adultos e idosos com anseios e perspectivas bem distintas umas das outras. Neste contexto a diversidade precisa ser valorizada e respeitada no processo ensino e aprendizagem.

O ensino na modalidade da EJA precisa ser um ensino voltado para as necessidades individuais e coletivas desses sujeitos, que por diversos motivos não tiveram acesso ou permanência na escola. Com relação aos idosos, muitos não tiveram a oportunidade de frequentar a escola enquanto crianças ou jovens, uma vez que não tinham escola nas localidades onde residiam, outros tinham que complementar a renda de suas famílias trabalhando, etc. Já o público jovem e adulto são obrigados a abandonar a escola por motivos diversos: necessidade de trabalhar, baixa autoestima, falta de incentivo da família, repetência, cansaço físico depois de um dia de trabalho exaustivo, entre outros fatores que contribuem

para a evasão dos alunos da escola. Então, se faz necessário esquecer o histórico negativo desses sujeitos e passar a enxergá-los como pessoas com possibilidades.

Para Silva Junior,

Não basta, portanto, pensar nos alunos de EJA apenas como adultos que não aprenderam, ou não tiveram acesso à escola, no tempo considerado correto. É preciso considerar os lugares que ocupam, as histórias que trazem, as expectativas que carregam e articulá-las a uma leitura política de nossa realidade. Este empreendimento, levado ao coletivo, à sala de aula, aos próprios alunos, corresponde uma possibilidade do professor romper, ainda que de forma micropolítica, com os processos de exclusão a que eles, e até nós professores, somos constantemente, submetidos (2018, p. 93).

A motivação para desenvolver essa proposta, surge a partir da exigência de trabalhar com a musicalidade desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental I. e acreditarmos que a musicalidade é um recurso de grande relevância na aprendizagem dos educandos. Ao lecionarmos na EJA, percebemos que seria uma metodologia relevante ao público da EJA, pois vários alunos entravam na sala de aula ouvindo ou cantarolando músicas de suas preferências. Então acreditamos que a música pode ser um recurso muito bom para trazermos para a sala de aula, então a música passou a ser uma prática recorrente em nossas aulas.

Justificamos a escolha da música, pois está presente na vida de todos os povos, de forma marcante, desde a pré-história. Na escola, a música chega em suas diferentes formas de expressão, fazendo parte do cotidiano dos educandos. A música é compreendida como uma ferramenta facilitadora no processo ensino aprendizagem. Vale salientarmos que quando é utilizada de forma planejada, com objetivos definidos, ela se torna um agente facilitador em diversos contextos educativos. De acordo com Moreira,

A música possui várias representações no cotidiano das pessoas e pode ser utilizada em várias situações. Quando utilizada de forma adequada e voltada para o objetivo didático-pedagógico, pode ser um agente facilitador em diversos contextos que envolvam o raciocínio e a aprendizagem. Desta forma, torna-

se uma ferramenta que pode ser utilizada para estimular a aprendizagem das mais diversas áreas do conhecimento (2016, p. 5).

Neste contexto, a música é de grande relevância para oportunizar um ensino significativo com metodologia diferenciada, levando os alunos, em específico da EJA a vivenciarem experiências novas. Na Paraíba, a alfabetização de Jovens e Adultos é ofertada em parceria entre as redes de ensino pública e privada.

A rede estadual de ensino trabalha em parceria com os municípios e diferentes instituições, com turmas formadas em espaços urbanos, do campo, turmas com jovens e adultos em privação de liberdade, cumprindo medidas socioeducativas, indígenas, quilombolas, ciganos, turmas com alunos de assentamentos do Movimento Sem Terra-MST e demais comunidades, conforme demanda o Plano Estadual de Educação da Paraíba (2015-2025, p. 56).

No município de Itapororoca a Educação de Jovens e Adultos vem contribuindo há alguns anos com a educação dos alunos que por motivos diferenciados deixaram de frequentar a escola, e que hoje almejam concluir a educação básica. No corrente ano (2019), o município possui 38 (trinta e oito) turmas de EJA do 1º ao 4º ano, e do 5º ao 8º ano, com um quantitativo de 900 alunos matriculados. A faixa etária varia dos 18 aos 61 anos. Todos os educadores que estão na EJA possuem Magistério ou Pedagogia. As formações dos educadores acontecem semestralmente, com projetos e sugestões de atividades que venham melhorar o desenvolvimento das turmas e, conseqüentemente, dos alunos.

A maior dificuldade apontada pelos educadores no desempenho das turmas foi a dificuldade na leitura e na escrita. No tocante a avaliação, os alunos são avaliados de forma contínua, mediante o desenvolvimento dos educandos nas atividades e na participação durante as aulas (informações colhidas a partir de um questionário aplicado com a supervisora E. O. A., formada em Pedagogia, com curso de especialização).

A turma de EJA que realizamos a intervenção pedagógica fica localizada na área rural, e a migração é uma constante na vida desses alunos,

que abandonam a escola após completarem a maior idade, saindo para morar nos grandes centros do eixo Rio/São Paulo. Nesta mesma turma se encontram matriculados alunos que tiveram essa experiência de passarem grande parte de suas vidas nessas cidades. e como em sua maioria viveram situações focadas no trabalho é que a presente proposta de intervenção aborda o tema “Migração”.

Nos encontros foi a música “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga. Abordamos os seguintes subtemas: Migração – Geografia; Sertão – Geografia/Artes; Leitura e interpretação de texto - Língua portuguesa - Rimas – Língua portuguesa.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A turma na qual realizei a intervenção pedagógica está situada na área rural e o processo migratório é uma constante na vida de muitos dos educandos, que evadem da escola após completarem a maior idade, saindo para morar nos grandes centros urbanos.

O tema trabalhado nos encontros Migração. Usamos a música “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga. Abordei os seguintes subtemas: Migração – Geografia; Sertão – Geografia/Artes; Leitura e interpretação de texto - Língua portuguesa - Rimas – Língua portuguesa.

A abordagem interdisciplinar foi escolhida porque reconhecemos que o ensino pautado na interdisciplinaridade possibilita uma melhor aprendizagem.

O planejamento aconteceu mediante a 2ª Atividade do Módulo – 3, que foi solicitado um roteiro de construção de uma sequência didática. A pesquisa foi realizada na turma do 3º e 4º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Soares de Oliveira, situada no Sítio Lagoa de Fora, município de Itapororoca/PB.

Os procedimentos metodológicos foram realizados da seguinte forma: **No primeiro encontro**, foi realizada a audição da música “Asa Branca”. Nesse encontro abordei o tema “Migração” a partir de uma roda de conversas sobre a temática em discussão. **No segundo encontro** foi discutido o subtema “sertão”, a partir de ilustração que retratava os versos da música, e discussão sobre a imagem estereotipada mostrada pela mídia. **No terceiro encontro** consistiu

na leitura e interpretação de texto, de forma oral e escrita. **No quarto encontro** trabalhamos com as “rimas” que a música apresentava, além de mostrar outros gêneros textuais em que as rimas se fazem presentes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA NA EJA

O ensino para com os educandos de EJA precisa envolver o aguçar da curiosidade, despertando o interesse para o ato de apreender. Na esteira desse pensamento, Moura nos afirma:

Ao levarmos em consideração a diversidade no contexto educacional da EJA, estamos propondo que o cotidiano deste segmento escolar esteja pautado por práticas emancipadoras de ensino e aprendizagem, uma vez que as ações devem articular a realidade dos jovens, adultos e idosos (2018, p.52).

Diante do contexto educacional da modalidade de Educação de Jovens e Adultos, a figura do educador possui singular importância. Cabe ao educador desenvolver práticas pedagógicas que atendam às necessidades e individualidades desses sujeitos, valorizando as experiências, bem como a sua capacidade crítica reflexiva sobre a realidade que estão inseridos, promovendo uma socialização do que sabem. Para Silva Junior:

A formação do professor, portanto, não deve estar apoiada apenas na habilidade de desenvolver uma técnica ou estratégia, mas na capacidade reflexiva e crítica que possibilite uma ação diferenciada diante do inesperado, da surpresa, do conflito que sempre aparecerão em seu cotidiano. Não é a técnica que garante a excelência de um docente, mas sua capacidade de pensar criticamente e interagir a partir de uma postura diferenciada, o que só é possível diante de um constante exercício de formação (2018, p.67).

A troca de experiências, a vivência a partir da realidade irá propiciar um maior envolvimento e um despertar para a aprendizagem dos educandos. Portanto, apontamos que é necessário acabar com a improvisação por parte de alguns docentes, pois o ensino precisa se pautar num currículo “vivo”, que

contemple as subjetividades desses sujeitos. Os alunos precisam se sentir parte desse processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Moura:

Para construir um currículo para EJA é preciso compreender que os alunos são sujeitos ativos que possuem singularidades, histórias, vivências e as práticas não devem desvencilhar os saberes escolares dos saberes dos alunos. Nesse sentido, é preciso valorizar a cultura dos alunos e compreendê-los como subjetividades únicas e sociais, uma vez que se constituem na interação com o outro (2018, p. 47).

E no sentido de atender questões apontadas por Moura, que o nosso processo metodológico da sequência didática aconteceu da seguinte forma: No primeiro encontro, apresentamo-nos a turma e dissemos que éramos cursista do Curso de Aperfeiçoamento: Educação de Jovens e Adultos - Diversidade e Inclusão, e que gostaríamos que eles contribuíssem com o trabalho de conclusão do curso, que seria baseado em 4 encontros, nos quais viveríamos momentos de muita aprendizagem e descontração.

Em seguida, apresentamos a programação para os educandos. Perguntei o que eles achavam da proposta, e eles se mostraram muito solícitos para contribuir com nosso processo.

E também, realizamos a audição da música “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga. No início, percebemos que alguns não gostaram muito da música, em especial os mais jovens, mas não chegaram a falar abertamente. Outros pediram para ouvir a música novamente. Após ouvirmos pela segunda vez, solicitamos que sentássemos em círculo e fizessemos uma “chuva de impressões” sobre o que abordava a música. Esse momento foi de grande relevância, pois trouxeram vários elementos importantes para a discussão, dentre eles, a *saída do sujeito para as grandes cidades como destaque*, pois foi o mais citado.

Os adultos e os idosos, por terem vivenciado a saída de sua terra para buscar melhores condições de vida nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, relataram sucessos e fracassos, enquanto os Jovens apresentavam uma vontade muito grande de ir para esses grandes centros urbanos, enxergando a possibilidade de melhorarem de vida. A maioria deles trabalha na monocultura do abacaxi ou da cana-de-açúcar, trabalho muito pesado e desgastante. Mesmo

os mais jovens, ouvindo os relatos dos adultos e idosos, manifestam o desejo de sair da sua terra natal. Após ouvir os diversos relatos, introduzimos o conceito de Migração, suas causas e consequências.

No segundo encontro o subtema trabalhado foi o “sertão”. Após nos sentarmos em círculo, pedimos que olhassem para um cartaz fixado na lousa, onde estava escrito em letras maiúsculas a palavra “SERTÃO”, solicitamos que falassem a impressão que tinham sobre o sertão, considerando o que leram, o que já viram nas imagens de TV, na Internet, o que já ouviram sobre a temática. Cada fala foi anotada em uma tarjeta e colocada no chão da sala. As expressões que foram mais relevantes foram: Seca, cardeiro (cacto), fome, pobreza, palma, chão rachado, caveira de vaca, chove pouco, mas chove, cidades bonitas, organizadas, lugar bom de morar, migração (*palavra que foi significativa no encontro anterior*).

E realizamos também, um apanhado das atividades e foi possível percebermos o poder da mídia de influenciar os nossos conceitos: muitas falas foram marcadas por impressões negativas sobre o sertão, como por exemplo, lugar atrasado e sem possibilidade de desenvolvimento. As falas positivas a respeito do sertão foram proferidas por dois alunos que trabalharam em uma empresa de transporte. Eles viajam pelo sertão nordestino e têm outro conhecimento do que é o sertão e suas belezas. Em seguida, solicitamos que desenhassem o sertão, de acordo com suas impressões. Com essa atividade foi possível observarmos a sensibilidade que colocaram nos desenhos.

No terceiro encontro foi realizada a leitura e interpretação de texto da música “Asa branca”. Fixamos na parede a música escrita numa folha de papel madeira em letras maiúsculas. Também entregamos a cada um dos alunos a música impressa, para uma leitura compartilhada. Em seguida foi entregamos uma atividade de interpretação textual. Muitos tiveram dificuldades na Leitura, o que resultou em dificuldades na interpretação, mas ao percebermos essa limitação, propusemos que fizessem a atividade em duplas. Dessa forma monitoramos o processo e foi possível verificarmos que a vontade de aprender foi da maioria dos educandos. Para concluirmos, fizemos perguntas e eles responderam oralmente, momento de integração, cooperação e aprendizagem.

No nosso quarto encontro trabalhamos a música “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga novamente, com ênfase nas rimas. Os alunos ficaram muito empolgados e entusiasmados nas atividades propostas, pois além de retirar as rimas do texto, começaram a escrever outras rimas com palavras do texto. Constatamos que foi uma atividade de grande relevância para a aprendizagem deles, pois os motivou a ler e a escrever de forma significativa. Após a realização da atividade, ouvimos a música e em seguida fomos degustar um lanche regional: cocada, bolo pé de moleque, arroz doce e bolo de milho verde, com suco de graviola. O lanche foi promovido pela turma. Concluindo os encontros, ficou claro que o professor precisa de um olhar pontual em que os conteúdos escolares tenham ligação com a vida e o cotidiano dos educandos, especificamente com os da EJA, só assim podemos conseguir um ensino motivador e significativo.

A partir das observações realizadas nas discussões em sala de aula, nas atividades, nas conversas informais, tanto com os alunos como também com a professora regente da sala, ficou claro que precisamos urgentemente repensarmos nossas práticas pedagógicas para que tenhamos um ensino aprendizagem com qualidade e que desperte nos sujeitos de EJA o gosto para o aprender e que esse aprender seja pautado em significados.

Com isso, observamos a alegria e o entusiasmo nas intervenções, a todo o momento os alunos perguntando, questionando, querendo saber mais sobre a temática proposta, mesmo com dificuldades na leitura, na escrita e até mesmo na compreensão do que estava sendo proposto. Apesar das dificuldades, queriam participar, acertando ou errando, era bonito de se ver.

Assim, precisamos levar para a sala de aula conteúdos que tenham relação com a vida dos sujeitos da EJA, pois só assim despertaremos nesses educandos o desejo de vir à escola e de permanecer nela, sentindo-se incluídos nela. Defendemos que a escola precisa ser um espaço de atração, um lugar de possibilidades, de bem-estar, lugar de construção de laços afetivos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino, para contemplar a modalidade Educação de Jovens e Adultos, precisa ser pautado na realidade dos sujeitos. Cabe ao educador reconhecer que o

perfil desse segmento é composto por sujeitos de direito, que ficaram à margem do processo educativo por causa de um sistema muitas vezes excludente.

Nesta perspectiva, o educador tem um papel crucial na vida desses educandos, sendo o principal responsável por proporcionar a esses educandos um modelo de educação emancipatório. Nessa perspectiva, Rodrigues aponta que:

Para realizar uma prática pedagógica socialmente comprometida, tendo em vista a emancipação e inclusão dos indivíduos, é necessário ter clareza do papel da educação, da função social da escola e do homem que se quer formar, bem como qual o nosso posicionamento frente às tendências pedagógicas subjacentes à prática docente (2018, p.333).

Partindo desse pressuposto, a formação inicial e continuada de professores é um elemento de destaque e de suma importância, uma vez que favorece o estímulo e o revigorar de práticas pedagógicas.

Os alunos da EJA voltam à escola em busca de concluir seus estudos por vários motivos, seja para se inserir no mercado de trabalho, seja para reparar a falta de oportunidade na idade e tempo certos. Os alunos mais idosos têm o sonho de aprender a ler e a escrever. Imbuídos desses anseios, cabe ao educador preparar-se para lidar com esses diversos interesses, atuando como um motivador e mediador no processo ensino e aprendizagem.

Para tanto, ao educador é pertinente trazer para a sala de aula metodologias que possibilitem o ensino de forma criativa, leve e motivadora. É a partir dessa premissa que a música surge como um recurso de aprendizagem, pois ela tem a função de motivar e despertar interesses.

A experiência vivenciada nos encontros com a turma de EJA foi de grande importância, pois pudemos constatar que é possível sim, promover um ensino aprendizagem que desperte o gosto pelo conhecimento. Foi notório o desenvolvimento observado nos educandos, mesmo com algumas limitações, a aprendizagem aconteceu. Com isso apontamos que não podemos subestimar qualquer aluno, ou modalidade de ensino, todos possuem a capacidade de aprender, basta considerar o ritmo de cada um, que a aprendizagem acontece.

REFERÊNCIAS

JUNIOR SILVA; Nelson Gomes de Sant'ana e. Aspectos históricos da EJA. In: GARCIA, Renata Monteiro; SILVA, Marluce Pereira. (org.) **Eja, Diversidade e Inclusão**: reflexões (em) pertinentes. João Pessoa. Editora UFPB. 2018. 61-73p.

JUNIOR SILVA; Nelson Gomes de Sant'ana e. Jovens, adultos como sujeitos do conhecimento. In: GARCIA, Renata Monteiro; SILVA, Marluce Pereira. (org.) **Eja, Diversidade e Inclusão**: reflexões (im)pertinentes. João Pessoa: Editora UFPB, 2018.

MOURA; Carmen Brunelli de. Diversidade, currículo e implicações Pedagógicas. In: GARCIA, Renata Monteiro; SILVA, Marluce Pereira. (org.) **Eja, Diversidade e Inclusão**: reflexões (im)pertinentes. João Pessoa. Editora UFPB. 2018. 47-61p.

PARAÍBA, **Plano Estadual de Educação da Paraíba (2015-2025)**. Disponível em: <<http://static.paraiba.pb.gov.br/2016/07/Lei-n%C2%BA-10.488-Plano-Estadual-de-Educa%C3%A7%C3%A3o-ANEXO-DO-PLANO-ESTADUAL-1-3-1.pdf>>. Acesso em 10/05/2018.

PEREIRA, Eliane Praisler. A Música como Instrumento Motivador nas Aulas de Língua Inglesa para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). In: **Os desafios da Escola pública Paranaense na perspectiva do professor PDE 2016**. Versão On line. Caderno PDE. Vol. 1. Mandaguari/Paraná.

RODRIGUES, Edileuza Custódio. Exclusão versus emancipação: aprendendo tendências pedagógicas. In: GARCIA, Renata Monteiro; SILVA, Marluce Pereira. (org.) **Eja, Diversidade e Inclusão**: reflexões (im)pertinentes. João Pessoa. Editora UFPB. 2018. 333-353p.

CAPÍTULO 6

Do cotidiano à sala de aula da EJA: a constituição do *curriculum vitae* e suas implicações e especificidades na formação discente

Fernanda Diniz Ferreira
Kilma Cunha de Barros
Maria Valdenice Resende Soares

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso, que foi desenvolvido a partir de nossa participação enquanto aluna do Curso de Aperfeiçoamento em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social, oferecido pela Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, na cidade de Mamanguape.

A ideia partiu da necessidade de se trabalhar os gêneros textuais, em peculiar o “*Curriculum Vitae*” nas salas da EJA, especialmente, em uma turma do ciclo IV, a fim de demonstrar para os discentes as implicações, especificidades e a importância deste gênero no cotidiano deles.

Pautamo-nos em uma sequência didática dos estudiosos DOLZ & SCHNEUWLY (2004), os quais preconizam o ensino de gêneros orais e escritos em qualquer modalidade de ensino, aliando-os aos conhecimentos do cotidiano e necessidade do aluno. Partindo dessa ideia e do conceito que esse gênero exerce sobre os jovens e adultos da EJA, sobretudo, aqueles que estão à procura de inserção ao mercado de trabalho é que escolhemos este gênero.

Ao falarmos sobre a Educação de Jovens e Adultos, se faz necessário entender como se originou este segmento de ensino e o motivo pelo qual se consolidou nas escolas de todo o país. Estas questões se instituem em um campo histórico de lutas em prol do direito ao cidadão, somente conquistada por meio da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, graças a esta legislação nacional é que

foi possível garantir legitimamente o acesso à educação de qualidade em nossas escolas, o que inclui, sem dúvida, a educação de EJA, levando em consideração que esta modalidade de ensino proporciona a oportunidade de inserção desses alunos na esfera escolar, social e profissional.

Partindo dessa ideia, entendemos que as escolas as quais proporcionam essa modalidade de ensino devem se comprometer com aprendizagem significativa dos educandos, como também às secretarias de educação dos Municípios e Estados, no que diz respeito a dar condições ao educador, para que este possa atender às necessidades da Educação e Jovens e Adultos.

Nesse sentido, a formação continuada de professores da modalidade de EJA, nas últimas décadas, tem procurado se pautar nos estudos e conhecimentos dos eixos da proposta curricular nacional, incentivando os docentes a se posicionarem mediante ao cenário da Educação de Jovens e Adultos, bem como às adequações necessárias no que tange a orientação geral de conteúdos ministrados, a renovação metodológica, a adequação do assunto, linguagem e tema ao perfil dos alunos, incluindo também o perfil dos professores deste segmento. Ademais, a esta prática, os professores de Língua Portuguesa, através do ensino, têm buscado elencar e priorizar os Referenciais Nacionais, que defendem a ideia de funcionalidade social próxima da realidade do alunado.

Na EJA da Paraíba, especificamente, nas escolas municipais de João Pessoa, todos os anos é realizada a formação presencial continuada, patrocinada pela Secretaria de Educação e Cultura de João Pessoa – SEDEC-PMJP para o professor que está atuando neste segmento. O processo de formação se fundamenta, concomitantemente, na construção tanto da proposta curricular da Educação de Jovens e Adultos quanto nos documentos oficiais. Apesar dos incentivos à formação, infelizmente existe ainda muitas necessidades que não são sanadas tais como: necessidade de assistência da equipe técnica nas escolas, a ampliação da formação, a formação não se restringir apenas a quem está atuando, pois em anos posteriores o profissional poderá estar no espaço da EJA, e não saber lidar com a diversidade presente em sala de aula, a necessidade de envolver os professores em mais palestras, oficinas, encontros, pois apenas uma formação anual não é suficiente. Além disso, o suporte estrutural e material que

na maioria das vezes deixa a desejar e o professor recai em uma aula maçante, tradicionalista e cansativa.

Além de todos esses fatores mencionados, existe também a questão da lacuna do currículo acadêmico, em nível de graduação que nem sempre contempla ou oferta disciplinas voltadas para preparar o futuro profissional para este segmento de ensino, fazendo com que muitos professores procurem uma pós-graduação, no intuito de tentar amenizar alguns *déficits* da formação inicial ou aprimorar a prática docente.

Diante do exposto, e levando em consideração às leituras e diálogos construídos ao longo do curso de aperfeiçoamento – EJA: diversidade e inclusão é que traçamos a nossa proposta de trabalho, pois ela tem como objetivo incentivar os alunos a buscarem a realização e/ou construção da vida profissional, a partir do conhecimento adquirido através das aulas sobre o gênero textual “*curriculum vitae*”.

Ainda no tocante a este assunto, destacamos a importância de se trabalhar o gênero proposto através de sequência didática, baseada na proposta de Dolz & Schneuwly (2004), uma vez que esses estudiosos trazem uma visão contundente sobre a importância social para vida cotidiana do discente, e, também, didático-pedagógica de estudos com gêneros em sala de aula, sobretudo, para a sugestão que aplicamos para os alunos do ciclo IV de EJA.

Vale salientar que a escolha do *corpus* de estudo justifica-se por dois motivos: o primeiro diz respeito pela pertinência para o público da Educação de Jovens e Adultos, por estes terem dificuldade de expressar, à priori, o que exige no “*curriculum vitae*”. Já o segundo motivo se refere à situação de produção de estudos acerca do gênero, especialmente com turmas do ciclo IV de EJA.

Assim desencadeamos um momento de pesquisa que apontou em nossas pesquisas, a quantidade irrisória sobre “*curriculum vitae*”, isto é, pouco espaço de discussão sobre a temática, pretendemos, portanto, com este estudo esperamos contribuir para ampliação das discussões sobre o assunto.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Diante da necessidade de trabalho, no ensino de EJA, com a prática do texto escrito, procuramos desenvolver propostas de atividades que contemplassem a produção escrita, em especial com o gênero proposto “*curriculum vitae*”. Elaboramos um plano de aula para ser desenvolvido em seis encontros em uma turma do ciclo IV.

A Escola Municipal Dr. Severino Patrício, foi a instituição de ensino escolhida para a realização da atividade de intervenção, por ser ela a que melhor nos acolheu. Atualmente, a escola está passando por reformas e está enfrentando muitas dificuldades, pois o seu funcionamento das suas turmas está dividido em dois locais: Centro da Juventude nos turnos da manhã e tarde e à noite com a EJA na Escola Municipal Luiza Lima Lobo. As condições de trabalho na Escola Luiza Lima Lobo não são boas, pois há a falta de água constantemente na escola, seja por problemas na própria escola seja por falta de água no bairro, o que afeta diretamente no funcionamento normal das aulas.

Outro problema que existe na escola é a falta de ventiladores nas salas de aula. Esse problema tem feito com que muitos alunos não frequentem às aulas todos os dias por causa do calor. Além disso, as turmas não têm acesso à biblioteca, e nem à sala de informática, pois a gestora administrativa da escola não concede acesso livre aos alunos da EJA, por serem alunos de outra escola e estarem utilizando o prédio emprestado. Por isso, as aulas têm sido ministradas na maioria das vezes somente utilizando a lousa e o pincel, pois até mesmo o livro didático da EJA está escasso, e não é distribuída uma versão atualizada do PNLD desde o ano de 2017.

A EJA da Escola Severino Patrício está funcionando há, pelo menos, a 1 ano e um mês no prédio da Escola Luiza Lima Lobo no horário noturno. Neste turno há uma turma de ciclo I, uma de ciclo II, duas de ciclo III e duas de ciclo IV.

Ao fazermos a primeira visita à escola escolhida para realizarmos o diagnóstico inicial, percebemos uma quantidade assídua de alunos, sobretudo, no ciclo IV C, está por sua vez foi escolhida para intervenção, por ser a turma com maior número de alunos frequentes.

Ao retornarmos em um segundo momento para aplicação dos questionários percebemos que a quantidade de alunos havia reduzido, por dois motivos: o primeiro foi que a turma havia sido dividida, por causa do tamanho da sala, haja vista que no horário diurno o funcionamento da escola está reservado ao fundamental I da Escola Luiza Lima Lobo, e, por isso, o espaço fica reduzido ao número máximo de 35 cadeiras para os alunos. O segundo motivo se deu por causa da evasão, devido à estrutura da escola, outros por causa de trabalho em que os alunos vêm em dias alternados ou passam dois ou três dias seguidos sem comparecer à escola. Há também alunos que passam uma ou duas semanas inteiras sem aparecer na escola, sem motivo justo aparente. Percebemos, portanto que, o cenário mudou mais do que o previsto, mediante a todos os fatores os quais expomos, conseguimos realizar a escolha da escola para a intervenção.

A metodologia utilizada foi apoiada, por sua vez, em uma pesquisa qualitativa dividida em dois momentos significativos, são eles: a sondagem pedagógica da turma (conversa) e da necessidade e anseio que eles buscam nas aulas de Língua Portuguesa. Já segunda parte da pesquisa, aplicamos um questionário, no intuito de entender a necessidade do alunado. Esta se caracteriza também como um estudo de caso quantitativo com intenção final de análise qualitativa.

Ao analisar tanto a sondagem quanto os questionários, percebemos a real pretensão dos discentes que é aprender como construir um “*curriculum vitae*”. Então, juntamente com professor titular, planejamos uma aula conjunta, a quais contemplaram o gênero “*curriculum vitae*”, e o professor abordou o gênero oral “entrevista de emprego”, de maneira interdisciplinar. Para isso, levamos em consideração critérios de interdisciplinaridade, isto é, buscou-se uma abordagem científica que visou à unidade do conhecimento, a exemplo, do mercado de trabalho, procurando estimular a compreensão da realidade associado à disciplina Língua Portuguesa e sua aplicabilidade. Para melhor assimilação do assunto apresentamos um vídeo sobre o cenário atual do campo de trabalho, no intuito de mostrar as novidades e diferenças de uma área de atuação para outra.

Além disso, contextualizamos para os alunos a definição de “*curriculum vitae*” e enfatizamos os diversos tipos de *curriculum* e sua adaptação linguística,

estrutural, adequação, e, sobretudo, discursiva, pois priorizamos o conhecimento particular do aluno, bem como a sua construção escrita. Nesse sentido, essa proposta vai ao encontro do que é postulado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que trazem a ideia de que o texto existe na sociedade enquanto produto histórico e cultural, tendo a finalidade de facilitar o aluno a estabelecer um diálogo entre seus interlocutores. No Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): Utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso (BRASIL, 1988, p. 32).

É importante, ainda, observarmos que o trabalho com produção de gêneros textuais e/ou textos não pode ser desvinculado da realidade, como bem é apontado nos PCNs, pois essa relação está intrínseca, e não pode ser dissociada, constituindo, assim, uma tríade entre sujeito, língua e sociedade.

Diante disso, os (PCNs), por entenderem que todos os textos se apresentam na sociedade, em sua maioria através de um gênero, propõem que o ensino de língua portuguesa tenha como objeto de estudo textos, formas de manifestações dos diferentes gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos. O que nos remete para a necessidade fundamental de trabalharmos o “*curriculum vitae*” atrelado à necessidade dos educandos no que se refere a sua produção escrita, bem como desmistificar a maneira de como os gêneros são trabalhados em sala de aula pelos educadores. Ainda no tocante aos gêneros textuais, é impossível pensar neles sem levar em conta a língua e a linguagem, pois aquela, em seus aspectos discursivos e enunciativos, é entendida como uma “[...] forma de ação social e histórica” (MARCUSCHI, 2005, p. 22).

Nessa perspectiva, pensamos em um processo avaliativo que considerasse a ação contínua de assimilação do conteúdo, em outras palavras, cada parte da aula seria uma forma de avaliação em um viés qualitativo, com atividades de discussão e produção para que, ao final do transcurso das aulas, os alunos pudessem avaliar-se mediante ao que foi visto durante todo o processo de construção do conhecimento. Ao final de toda a atividade foi atribuída uma pontuação, para no final formar uma nota, na intenção de incentivá-los mediante ao trabalho efetivado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA NA EJA

Neste trabalho, envolvendo o ensino na EJA, com a prática de texto escrito, procuramos desenvolver propostas de atividades que contemplassem a produção escrita, principalmente relacionada ao cotidiano dos alunos. Elaboramos um plano de aula para ser desenvolvido em seis encontros, pois o gênero “*curriculum vitae*” requer que seja feito um estudo teórico e prático, que levasse em consideração uma metodologia com apresentação visual dos elementos textuais e discussão a respeito de suas características, função e importância na estética e na construção de autoria sobre determinado assunto.

Além disso, apresentar como ponto de pauta, reflexão sobre a modernização e a tendência atual no mercado de trabalho, e, por fim, a produção, pois é neste momento que os alunos aliam à discussão feita em sala com à elaboração escrita do gênero em estudo. O intuito foi fazer com que os alunos vivenciassem uma experiência com “[...] suas próprias histórias, com seus próprios modos de subjetivação que os transforma em sujeitos na relação com outros sujeitos” (MOURA, 2018, p.13), pois o que eles buscam é aliar o conhecimento adquirido em sala de aula para melhorar a sua vida profissional ou conquistar este espaço na sociedade.

Ao apresentarmos o gênero “*curriculum vitae*” aos alunos, e levando em consideração a aula ministrada pelo professor titular da sala de aula sobre o gênero “entrevista de emprego”, percebemos que, ao escolhermos tais temáticas para abordar em sala, tivemos êxito por dois motivos: primeiro porque os alunos apresentaram uma boa receptividade ao assunto e interagiram muito: indagaram ao longo de toda a intervenção, trouxeram dúvidas, compartilharam seus anseios de inserir-se no mercado de trabalho, as dificuldades de definir em que área pretendem atuar.

Os alunos que já estão no mercado de trabalho, buscaram mais conhecimento para ter ascensão no local de trabalho, e almejem outros campos de atuação, após concluir os estudos. O segundo motivo diz respeito à estratégia metodológica utilizada, pois optamos por expor de forma imagética o gênero em estudo, além da apresentação de vídeo e de modelos de diversos

curriculum e suas respectivas áreas. Isso fez com que o interesse dos alunos se aguçasse, pois o ensino se esquivou um pouco da aula tradicional, as quais eles estão acostumados, como podemos observar nas figuras 01 e 02.

Figura 1 – Apresentação do gênero *Curriculum Vitae* e suas especificidades



Fonte: Acervo particular de Fernanda Diniz Ferreira (2019).

Figura 2 – Discussão coletiva após a exposição do vídeo sobre as principais tendências do mercado de trabalho



Fonte: Acervo particular de Fernanda Diniz Ferreira (2019).

Diante do cenário da EJA, é necessário que o âmbito escolar busque promover e adotar procedimentos metodológicos, os quais atendam às necessidades básicas da clientela Jovens e Adultos, objetivando, assim, aproximar-se da vida real desses alunos que almejam a escolarização.

Acreditamos que, nós, enquanto educadores, sempre estamos em processo de aprendizagem, assim como os alunos, e, na sala de EJA percebemos que é um momento em que aprendemos juntos, pois eles, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais,

São jovens e adultos, muitos deles trabalhadores, maduros, com larga experiência profissional ou com expectativa de (re) inserção no mercado de trabalho e com um olhar diferenciado, sobre as coisas da existência, que não tiveram diante de si (BRASIL, 2000, p.33).

Podemos pronunciar, portanto, que obtivemos êxito em nossa intervenção, por ser significativa não só para aprendizagem do alunado, mas também para nós professores, pois entendemos este momento de ensino e aprendizagem como compartilhamento de aprendizado, pois ambos saem com um pouco de experiência, seja ela de vida, seja ela de conteúdo.

4. DO COTIDIANO À SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE ESCRITA TEXTUAL E SEUS DESAFIOS NO CONTEXTO DA EJA

Levando em consideração a clientela da EJA e as dificuldades que este público enfrenta no cotidiano escolar, foram divididas, portanto, a nossa intervenção em encontros. Isso com o intuito de não se tornar algo cansativo, buscando sempre a presença do aluno, a dinamicidade e a interação no processo de ensino e aprendizagem.

Nos três primeiros momentos iniciais com a turma, isto é, no período em que foi feita a explanação sobre o gênero “*curriculum vitae*”, sobre a linguagem e as imagens empregadas, os principais operadores importantes para elaboração de textos, a apresentação, interpretação e análise de diversos modelos de *curriculum* que circula na sociedade de acordo com cada área que pretendemos

atuar, foram percebidos uma quantidade significativa de alunos atentos ao que foi exposto em sala de aula.

Em nosso quarto encontro foi quando começaram os desafios e dificuldades para continuar a execução da proposta. Neste dia reservado para exposição do vídeo sobre as novas tendências do mercado de trabalho, e, posteriormente, o detalhamento de construção do gênero não obtivemos êxito, pois ao chegar ao local os alunos haviam sido liberados antes do previsto do horário normal, por motivos comuns que foi a falta de água no espaço da escola, impossibilitando a realização da refeição deles, por isso, a não permanência deles no recinto.

Diante dessa situação, se fez necessário replanejarmos o dia e, conseqüentemente o nosso tempo, juntamente com o professor que cedeu o espaço, logo, sentimos a necessidade de refazermos nossa sequência didática, ao invés de uma aula exclusivamente para apresentação do vídeo e detalhamento do gênero, tivemos que fazer tudo isso, além da produção inicial da escrita do texto, pois este momento era crucial, sobretudo, quando o sujeito tem algo a expressar para o outro, como afirma Koch & Elias (2014, p. 36) ao dizer que:

A escrita é um trabalho que o sujeito tem algo a dizer e o faz sempre em relação a um outro (o seu interlocutor/leitor) com um certo propósito. Em razão do objetivo pretendido (para que escrever?), do interlocutor/leitor (para quem escrever?), do quadro espaço-temporal (onde? quando?) e do suporte de veiculação, o produtor elabora um projeto de dizer e desenvolve esse projeto, recorrendo a estratégias linguísticas, textuais, pragmáticas, cognitivas, discursivas e interacionais, vendo e revendo, no próprio percurso da atividade a sua produção (KOCH & ELIAS, 2014, p. 36).

Nesse sentido, entendemos a necessidade do trabalho escrito, especialmente, quando se trabalha com gênero do cotidiano, para ponderarmos se verdadeiramente o aluno conseguiu apreender o assunto. Essa estratégia de escrita tende a mostrar não só para o professor, mas também, para o educando o nível de organização linguística, discursiva e de aprendizagem adquirida.

Pensando nisso, a nossa quarta e quinta visita à escola teve que ser realizada em uma única aula. Esta foi dividida para apresentação do vídeo sobre as novas tendências do mercado de trabalho, detalhamento de construção do gênero, e, em seguida, a elaboração da produção escrita do gênero textual mediada, é claro, por nós. Apesar do curto tempo, percebemos que os discentes desenvolveram de forma satisfatória e bem ordenada à proposta. E que o espaço proporcionou inclusive, o inter cruzamento não só de conhecimento unilateral, mas também de “[...] culturas, acúmulo de experiências e vivências” (MOURA, 2018, p. 28), as quais contribuiriam para composição das subjetividades de cada um deles.

E, por fim, a nossa última visita, esta, também adiada por duas vezes, por motivos particulares da escola, os quais não cabem aqui entrar em detalhes. Todavia, é importante frisar que finalmente conseguimos concluir neste último encontro, desta vez sobre a produção do gênero, e de forma coletiva, além de discutirmos, propomos que cada aluno trocasse os *curriculum* entre eles e que os colegas apontassem os pontos pertinentes e não relacionados à sugestão. Sem dúvida, este momento foi prazeroso, pois pudemos perceber o quanto eles superaram nossas expectativas, no que diz respeito à escrita e seus respectivos operadores.

A versão final foi feita coletivamente com o professor, que mediu, auxiliou a atividade de produção. Pensamos, portanto, em uma reescrita para que os alunos pudessem comparar a versão inicial e a versão final, a qual foi feita. Podemos confessar que, apesar de todas as dificuldades, o resultado final consistiu em um efeito ímpar no aprendizado de todos os envolvidos.

Logo, podemos dizer que é por meio do texto que o aluno/autor assume-se diante do outro. Isso pode ser caracterizado pela sua subjetividade à medida que produz o texto. Dessa forma, entendemos que a linguagem que produzimos está relacionada às nossas representações do mundo, e que refletem na escrita e na fala, sobretudo na escrita.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que o texto se constitui enquanto unidade de sentido na sociedade, e por isso, manifesta-se como uma fundamental ferramenta da comunicação humana. Nesse sentido, é inegável a necessidade de trabalhar a produção escrita com alunos da EJA, pois é através desse trabalho com o texto escrito que desenvolvemos ferramentas de leitura, reflexão e construção de novos conhecimentos.

Neste trabalho realizado encontramos relevância na medida em que nos propusemos em a analisar o texto dos alunos e as dimensões que assumem, principalmente no que diz respeito às marcas de autoria e a subjetividade construída ao deixar às suas impressões sobre o conhecimento de mundo e de língua no texto. Partindo dessa ideia foi possível percebermos, através das experiências vivenciadas, nessa modalidade de ensino, o interesse dos alunos em trabalhar com atividades que envolvam a escrita, principalmente quando se refere a temas relacionados ao contexto sociocultural em que estão inseridos, e a proximidade do conteúdo didático com a realidade, uma vez que isso contribuiu para um maior aprendizado.

É claro que as contribuições no transcorrer do curso de aperfeiçoamento foram bastante significativas, sobretudo, pelo aporte teórico e as discussões realizadas sobre os temas de diversidade e inclusão, esses assuntos fazem com que nós enquanto docentes reflitamos a respeito do que estamos construindo e, também contribuindo para formação dos nossos alunos da EJA, levando em consideração que é um público diferente, e, é neste âmbito que se constrói a “[...] diversidade e na multiplicidade os saberes” (MOURA, 2018, p. 19), estes são surgidos através do diálogo graças a estas diferenças.

Apesar dos obstáculos enfrentados quanto a questão organizacional da escola, percebemos que os resultados obtidos em sala de aula foram satisfatórios em relação à leitura e escrita. O exercício de escrita proposto foi realizado com êxito pelos discentes, que demonstraram compreensão do tema trabalhado.

Dessa forma, defendemos a ideia de que é possível trabalhar a produção de gênero com alunos da Educação de Jovens e Adultos, aliado às aulas de Língua

Portuguesa, de forma reflexiva, construindo, assim, o aprendizado de modo mais eficiente, principalmente se essa escrita estiver intimamente relacionada com questões de seu cotidiano e interesse.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 10 maio 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Resolução nº1, de 5 de julho de 2000. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos**. Diário Oficial da União, Brasília, 19. Jul. 2000. Disponível em: <portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>.

DOLZ, Joaquim, SCHNEUWLY, Bernard; et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo, 2004

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. 2. ed. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). Gêneros textuais e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MOURA, Carmen Brunelli de; SILVA, Marluce Pereira da. O sujeito da EJA. In: GARCIA, Renata Monteiro; SILVA, Marluce Pereira. **EJA, diversidade e inclusão**: reflexões (im) pertinentes. João Pessoa: Editora UFPB, 2018.

CAPÍTULO 7

A valorização da identidade para o sujeito da EJA

Márcia Barbosa da Silva
Eliana Shirley do N. Lisboa
Célia Regina Teixeira

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta relatos da aplicação de uma sequência didática, como trabalho de conclusão do curso de aperfeiçoamento Educação de Jovens e Adultos: diversidade e inclusão.

O tema em questão pretende estudar e envolver os alunos da EJA, na temática abordada que versa sobre a Valorização da Identidade para o sujeito da Educação de Jovens e Adultos. Resgatando assim a real importância da identidade do educando, mediante a sociedade. Isso é importante para que o mesmo construa a sua identidade, pois é nela que apresenta e informa quem ele é, independentemente de cor, religião e condições financeiras.

O trabalho visa resgatarmos o indivíduo de maneira única, fazendo com que cada indivíduo enxergue a sua identidade e a sua história. Sabe-se que toda pessoa possui a sua própria identidade, independentemente da sua religião, sexo e classe social. O que o torna único não é o seu nome, pois existe centenas ou até mesmo milhares de nomes iguais. O que o torna único é a sua digital, a sua maneira de conduzir e reivindicar por seus direitos como pessoa e cidadão. Situações adversas são encontradas o tempo todo, mediante uma sociedade preconceituosa com os menos favorecidos e neste aspecto somos livres para romper com esses preceitos e assumir a nossa história, a nossa cultura, a fisionomia, o nosso emocional a nossa estrutura física. Cada pessoa tem o seu traço, sua digital, tornando-o único.

Segundo o projeto SER EJA Cidadã, lançado no segundo semestre de 2018 pela secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT),

conquistou os alunos da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), aumentando o número de matrículas para este ano. No ano passado, 28 escolas participaram da fase piloto: 25 Escolas Cidadãs Integrais que também ofertaram a Modalidade EJA nas cidades de João Pessoa, Bayeux, Santa Rita e Campina Grande e mais três escolas que ofertam a modalidade EJA presencial e Semipresencial na cidade de João Pessoa. Ao todo a demanda foi de 3.500 alunos beneficiados com o SER EJA Cidadã. Em 2019, estas escolas já experimentam o aumento de 33% nos números de matrículas na EJA, 4.669 matrículas realizadas, ampliando a oferta de ensino nesta modalidade educacional. A Rede Estadual da Paraíba conta com 481 com a modalidade de EJA, o que representa mais de 58 mil alunos.

A proposta metodológica SER EJA Cidadã tem como centralidade o sujeito de direitos, os estudantes. E com isso, despertar o encantamento da comunidade escolar para o protagonismo pedagógico na Educação de Jovens e Adultos a partir das trajetórias de vidas, dos sonhos e da efetivação de direitos desses sujeitos.

O processo de formação inicial e continuada teve como elementos articuladores a pedagogia de projetos, pedagogia da presença e a teoria da problematização. Foram realizados fóruns temáticos, onde os estudantes escolheram os fenômenos/temas a serem pesquisados e os professores mediarão pedagogicamente essa ação com ênfase na mediação pedagógica interdisciplinar entre conteúdos e saberes que consideraram as trajetórias de vida dos estudantes da EJA. Com isso valorizou-se a questão da identidade desses alunos.

Quanto a formação continuada, foram capacitados 458 agentes educacionais: 351 professores, sendo, 214 do polo de João Pessoa, abrangendo escolas do município de Bayeux e Santa Rita, 28 gestores; 23 coordenadores pedagógicos e 56 estudantes líderes de turma.

A Secretaria de Educação do Município de Santa Rita está fazendo uma convocação especial a chamada escolar. O foco é em pessoas que não concluíram o ensino fundamental na idade apropriada para que se inscrevam na modalidade de ensino EJA (Educação de Jovens e Adultos), disponível na rede municipal.

Para se inscrever é preciso ir a uma das unidades onde será ofertada a EJA e apresentar os documentos pessoais e a declaração de transferência, no caso de não estar no nível de alfabetização.

Em 2018, foram formadas 29 turmas do ensino fundamental I, com 719 alunos. No ensino fundamental II formaram-se 36 turmas, com 1.435 estudantes. O projeto atualmente funciona em nove escolas na zona rural e em 13 na zona urbana, totalizando 2.872 alunos matriculados. Compuseram os ciclos cerca de 90 professores, todos capacitados e com participação no planejamento curricular.

O tema “ A valorização da identidade para o sujeito da EJA” tem como enfoque, resgatarmos a dignidade dos alunos para si e para sociedade, fazendo com que eles entendam que todos merecem ser respeitados, visando assim a valorização dos seus direitos como pessoa e como cidadão.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A Escola Municipal do Ensino Infantil e Fundamental Prof^a Cândida de Sá Andrade, localizada na zona rural de Santa Rita-PB tem a turma da EJA do ciclo II do 1º segmento. Estão matriculados 22 alunos, destes 17 estão frequentando regularmente. A faixa etária desses discentes é entre 20 a 55 anos de idade, de ambos sexos. Uma boa parte dos alunos são casados no civil, outros convivem em união estável, uns tem mais de 3 filhos, outros apenas 1 ou 2. Os alunos veem das redondezas da escola. Alguns nasceram e foram criados e moram até hoje no campo ao redor da cidade. Alguns já moraram em outros municípios, mas, no momento, estão morando no campo.

No entorno da comunidade há Usinas e alguns desses alunos trabalham nelas. Outros são agricultores, plantam, vendem e extraem do solo o seu sustento e o da família. E por trabalharem, muitos relatam que não é fácil voltar a estudar depois de tanto tempo.

Cada aluno tem um motivo que o fez voltar para a sala de aula depois de tanto tempo, uns afirmam que é para serem alfabetizados, outros para atender as exigências do mercado de trabalho e alguns para poder dar um melhor auxílio

nas atividades dos filhos e netos. No contexto da religião, uma parte é evangélica e a outra frequenta a igreja católica.

Os alunos vêm de uma rotina de trabalho diário cansativa, pois trabalham o dia todo e a noite encontram estímulos para ir à escola.

Quanto ao perfil dos professores da EJA tem um perfil flexível, pois tem que se adequar aos vários e inúmeros obstáculos vivenciados todos os dias. Os desafios são muitos, dentre eles a evasão escolar, pontos principais que o desafiam cotidianamente em sua sala de aula, pois por diversos problemas de ordem familiares e sociais muitos alunos acabam evadindo. Os professores esperam que os seus alunos ao retornarem as salas de aula depois de tanto tempo, encontrem e reativem os seus objetivos de aprendizagem ao longo desse período escolar. Visando ter uma parcela maior e melhor dentro do contexto da sociedade e no mercado de trabalho, vindo assim a ter sucesso.

A recomendação que deixamos é de ajuste por parte das políticas públicas para com quem vem de uma jornada exaustiva de trabalho para a sala de aula, afinal esses discentes voltaram em sua maioria a sala de aula para obterem melhor desempenho nos setores de trabalho. Na esteira da compreensão Freire afirma que:

É preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, [...] adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história (1979, p. 21).

A necessidade da escolha do tema para elaborarmos uma intervenção, surgiu depois, de observar o perfil da turma, observamos que os mesmos precisavam descobrir a sua própria identidade. Tendo em vista abordar a inclusão e a diversidade. Os conteúdos abordados foram elaborados de acordo com o perfil da turma, visando a contribuir com o desenvolvimento dos discentes.

Os conteúdos trabalhados foram: Quem eu sou, Texto Identidade, Construção de identidade do educando e gráficos. As estratégias de ensino para o primeiro dia, foi uma dinâmica, para resgatarmos a identidade do educando. Leitura e interpretação da música de Zé Ramalho, “Cidadão”. Roda de conversa,

sobre quem eu sou? Esse momento foi importante, pois os discentes refletiram sobre quem É, do quão importante ele É. E a contribuição que tem perante a sociedade.

No segundo momento, executamos a construção de gráficos estilo questionário. Terceiro momento, cada aluno recebeu um poema sobre identidade. Executamos a leitura do poema seguida de diálogo e questionário. No quarto momento os alunos construíram sua identidade, por meio da elaboração dos dados do questionário, contendo informações únicas de cada um deles. A seguir falaram das informações obtidas no documento, da escrita da sua digital. Seguimos com a exposição do documento e de todo o material elaborado durante esse período. O processo avaliativo ocorreu de forma participativa, oral, construtiva e dialogada. Aconteceram outras atividades complementares e de exposição das atividades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES – O RELATO DA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA NA EJA

O contato com a turma em que foi executada a intervenção foi muito satisfatória, pois os alunos, em sua maioria foram bastante acolhedores e extrovertidos. E a dinâmica inicial foi um ponto alto na apresentação da proposta de intervenção que desencadeou num maior envolvimento de todos.

Os alunos demonstraram que são esforçados e participativos, se envolvendo com a temática da Identidade. Isso foi notório ao relatarem suas vivências anteriormente e da satisfação ao dizerem sobre a importância da sua própria identidade. Relataram ainda, situações no dia a dia que em algum momento não foi exercido o direito de cidadania para com eles. Seja, pelo pouco estudo, ou pelo fato de serem humildes e serem quem são.

Durante a intervenção pedagógica, os alunos da EJA destacaram que foi de suma importância para a vida dos educandos nosso encontro, pois ao longo das atividades ministradas relataram o quão satisfatório foi falar, participar, interagir, construir, se envolver e resgatar a sua identidade mediante as atividades de intervenção.

No início da intervenção, a turma estava com alguns tímidos, outros bem a vontade e alguns calados. Depois das apresentações e do início com dinâmicas, essa barreira foi rompida e maior interlocução com todos no decorrer das aulas aconteceu. Numa avaliação geral da turma, a maioria são ágeis na leitura e na interpretação, acompanharam e aceitaram bem as atividades propostas para eles. Entretanto, já em algumas atividades observei que duas alunas estavam com dificuldade em acompanhar a leitura e interpretação da letra da música Cidadão. Porém com intervenções pontuais ao longo da aula, observamos suas motivações em aprender. Assim demos suporte para que elas pudessem resolver as atividades. As atividades foram ministradas e aceitas pelos discentes de maneira satisfatória.

Os resultados foram de satisfação, pois ao escutar o outro, sobre as suas experiências, observamos o respeito que ia transparecendo no olhar de cada um dos alunos. Conhecer a identidade do colega foi uma experiência única para cada um deles. A temática resgatou o valor da identidade para vida dos discentes, já que alguns desconheciam o significado da valorização da sua própria identidade perante a sociedade.

Mediante a aplicação das atividades, os alunos foram se encontrando e falando da importância de ter e de assumir a sua identidade perante a sociedade, pois ser quem realmente queremos ser não é tarefa fácil, mediante as questões de preconceito, racismo, desigualdade social e outras coisas a mais.

Freire (1996) corrobora dizendo: O bom senso me diz. Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e na, prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante.

De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade mais impor ao educando a vontade arrogante do mestre (1996, p.62).

Com a valorização da identidade dos alunos da EJA é que as pessoas vão construindo a sua identidade desde o nascimento, a formação e com as opiniões. Essa identidade vai sendo formada com o passar do tempo, desencadeando gostos,

valores, religião, políticas e críticas. Tornando o indivíduo um ser construtivo e com identidade. Cada pessoa tem a sua cultura. E deve ser respeitada, uma vez que favorece e produz sentido a sua origem e enaltece a sua cidadania.

Foto 1: Aula explicativa



Foto 2: Identidades confeccionadas



Fonte: Acervo particular do pesquisador.

Assim os registros fotográficos colaboram para valorizarmos a identidade dos alunos da EJA, por se constituírem em momentos construtivos, nessa vivência.

Segundo Silva (2009, p.57), “[...] cabe à sociedade, dentro desse contexto, transmitir às novas gerações valores e modelos educacionais nos quais os jovens possam pautar sua caminhada rumo à sua vida adulta de cidadão ético e responsável”. Sendo assim é no início das nossas relações sociais que vamos descobrindo e aperfeiçoando as nossas perspectivas sobre a nossa identidade construtiva, com o sentido para cada coisa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências adquiridas ao longo do curso de aperfeiçoamento em EJA foram extremamente satisfatórias e somatórias para a minha formação docente e para o meu crescimento na EJA. Todo conteúdo disponibilizado na plataforma *Moodle* e todos os encontros presenciais foram enriquecedores para aprimorar e somar com a minha bagagem de conhecimentos.

As atividades propostas na plataforma *Moodle* foram importantes ao logo do curso, pois através delas, os cursistas tiveram a oportunidade de executar trocas de

conhecimentos e experiências com diversas pessoas diferentes, tanto em formação como em realidade de trabalho. Destaco ainda que os tutores e professores tiveram um papel de excelência, por terem sido dedicados e competentes com os cursistas, dialogando e interagindo no decorrer do processo de ensino aprendizagem.

É necessário que o docente seja dinâmico, motivador e criativo, que a mediação do discente na sua prática diária de conhecimento e aprendizagem, englobando músicas, vídeos, aula de campo, aulas em grupo para trabalharmos a interação entre os alunos, vindo assim a desenvolver uma boa convivência. Com essa prática dos professores e tutores ficou a certeza de que isso colabora e muito com a aprendizagem e, portanto, devemos levar isso para nossas salas de aulas.

Destacamos que durante os encontros presenciais, tivemos riqueza de material didático, bem como nos debates, nas trocas de conhecimentos entre mestres, doutores e cursistas. É importante analisarmos e ajudar a compreender as dificuldades por parte dos discentes ao longo da passagem pelo ensino aprendizagem da EJA. Isso observamos ao trazer questões da atualidade para o contexto identitário. Alguns cursistas/professores tinham pouca experiência a ser divulgada.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Teoria e Prática da Liberdade**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GARCIA, Renata Monteiro, SILVA, Marluce Pereira da. **EJA, Diversidade e Inclusão**: reflexões (im) pertinentes. João Pessoa/PB. Editora: UFPB, 2018.

SILVA, A.B.B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

<http://paraiba.pb.gov.br/noticias/metodologia-ser-eja-cidada-matriculadas-da-educacao-de-jovens-e-adultos-crescem-33>

<https://www.santarita.pb.gov.br/destaque/eja-esta-com-matriculadas-abertas-para-jovens-e-adultos/>

A biografia como facilitadora do aprendizado na EJA

Jadeilda Mauricio da Silva Araújo
Maria de Fátima Macedo dos Santos
Francymara Antonino Nunes de Assis

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho final, de conclusão do curso de aperfeiçoamento tem como objetivo demonstrarmos por meio da execução de uma sequência didática que o gênero textual biografia é fundamental para o conhecimento de mundo do alunado da educação de jovens e adultos (EJA). Justificamos que temas relacionados com o respeito humano, com grupos diversificados que, oriundos de vários contextos culturais, têm a questão da inclusão das múltiplas culturas e superação dos que possuem a dificuldade de aceitarem o diferente.

Neste sentido a biografia atrelada as discussões das diferentes culturas e suas constituições nos demonstra a sua relevância adquirida pela cultura e pela diversidade cultural nos últimos anos, conforme aponta-nos Eagleton:

[...] Como ideia, a cultura começa a ser importante em quatro pontos de crise histórica: quando se torna a única alternativa aparente a uma sociedade degradada; quando parece que, sem uma mudança social profunda, a cultura no sentido das artes e do viver não será mais nem mesmo possível; quando fornece os termos nos quais um grupo ou povo busca sua emancipação política; e quando uma potência imperialista é forçada a chegar a um acordo com o modo de vida daqueles que subjuga (EAGLETON, 2005, p.41-42).

Em razão do que apontam este e outros autores, podemos compreender alguns fatores que justificam o reconhecimento e valorização da diversidade cultural nos dias atuais e nos encaminhamentos políticos, principalmente no campo educacional. De acordo com o exposto por Eagleton (2005) se percebe

a relevância da formação continuada para os docentes. Sabemos que o termo diversidade cultural incorpora um amplo conjunto de definições e conceitos, cujo escopo é extremamente variado. Em geral, diz respeito à multiplicidade de ideias, hábitos, valores, crenças, comportamentos e características espirituais e materiais, intelectuais e emocionais que definem os diferentes grupos humanos, atribuindo-lhes identidade em um determinado tempo e território. Como profissionais inseridos diretamente na educação, achamos de grande importância trabalhar temas variados na modalidade EJA, utilizando como suporte pedagógico a sequência didática e o gênero textual (biografia), pelo fato de os alunos começarem a fazer parte do mundo do aprendizado.

Na EEEFM Abreu e Lima (Cabedelo-PB), trabalhar com temas que façam com que os alunos da EJA se envolvam de forma que suas contribuições no processo de aprendizagem, muito assegure seu envolvimento nas aulas.

A escola citada fica localizada em uma comunidade em Cabedelo-PB, em que a realidade desses alunos da EJA não é fácil e, na maioria das vezes, atrapalha o desempenho na escola. Por isso, nós como profissionais da educação, precisamos ter um olhar diferenciado. Para isso, fazer um diagnóstico da turma, para a partir daí, elaborarmos as atividades de acordo com a realidade da turma é o princípio de uma prática comprometida com os alunos e suas individualidades.

Por isso, ao trabalharmos com o gênero textual biografia na EJA tivemos como objetivo, além de trazer a história de vida de cada aluno, também aproveitarmos os acontecimentos e imprevistos na escola para os alunos produzirem textos relatando esses momentos históricos da sua vida escolar. Desse modo, pretendemos dar oportunidade para que os alunos fossem protagonistas das suas próprias vidas escolares. Assim, o alunado da EJA tem condições de sair da tradição de “coitadinho” e passarem a participar de forma ativa das atividades realizadas na sala de aula, como também na escola.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A EEEFM Abreu e Lima atende a um público que vive à margem da sociedade, marcado pela violência na adolescência que leva muitas crianças e

jovens a abandonarem a escola. E a ela retornarem na vida adulta. Esses alunos voltam para a escola muitas vezes à procura de uma conclusão de curso, que muitas vezes pode vir a mudar a sua cruel realidade.

Assim sendo, os profissionais da educação diante desta realidade precisam fazer um planejamento que contemple a realidade da turma. E por saber que muitos possuem dificuldade de se expressar implementamos o gênero textual, biografia. O principal objetivo de trabalhar com o gênero textual biografia na EJA foi fazermos com que o aluno participasse de forma ativa das atividades durante a aula. Buscamos uma proposta para sair do modelo tradicional de ensino, em que o professor é o único que sabe e que transmite conhecimento. A partir do momento em que os alunos realizam a produção textual com a sua história de vida, isso enriquece a aula e também, dá aos alunos o poder de participarem ativamente da aula e interagir com os colegas da turma.

A sequência didática aplicada na turma da EJA teve como primeiro passo apresentar para a turma o gênero textual (Biografia), qual é a sua finalidade e funcionalidade, qual a sua estrutura e o que seria trabalhado; exemplificando com a história de cada aluno. Esse material produzido será uma ferramenta de trabalho que o docente pode utilizar em sala para elaboração das práticas avaliativas, sendo assim os alunos podem ver o seu material sendo útil, pois o professor sai um pouco da utilização dos textos tradicionais e das provas.

As estratégias de ensino usadas durante as atividades tiveram como objetivos fazer com que os alunos da EJA passassem a conhecer um gênero textual e que pudessem realizar a sua própria biografia. Além de fazerem uma análise de sua vida, de forma que produzissem material para o seu próprio aprendizado. Com isso, fomos trabalhando elementos da autoestima e da inclusão da sua vida na trajetória escolar.

As atividades foram realizadas através de aulas expositivas e dialogadas. Com trabalhos em grupo; os alunos fizeram pesquisas fazendo uso das novas tecnologias. Dessa maneira, tivemos a condição de traçar o perfil da comunidade que a escola está inserida, pudemos também reconhecer e diferenciar os conceitos relacionados a diversidade cultural dos alunos da sala de aula da EJA por meio de oficinas temáticas.

A importância da aplicação dessa atividade foi justamente trabalhar com a interdisciplinaridade por meio de rodas de conversas e debates em sala de aula, por disciplina, após estudo dirigido de texto, música ou mensagem, visando a reflexão de temas que pudessem contribuir com o seu conhecimento de mundo, pois cada aluno da EJA traz consigo a sua identidade e sua cultura. Na escola, devemos dar oportunidade para que esses momentos sejam realizados com frequência no intuito de que o aluno se sinta sujeito ativo e respeitado.

É interessante que os demais profissionais envolvidos na educação dos alunos organizem palestras, seminários, oficinas para oportunizar aos alunos e capacitá-los de forma humanizada, procurando sempre manter uma cultura de paz, pois sabemos que existem diferentes culturas encontradas no mesmo ambiente na sala da EJA, e isso é de uma riqueza que os alunos não percebem, pelo contrário, ficam ridicularizando colegas que trazem culturas diferentes da sua. Para a efetivação da atividade de produção de texto (Biografia) fizemos uma sondagem diagnóstica para saber qual era a necessidade dos alunos, o que era necessário para incentivar a turma a participar, bem como o que já sabiam sobre Biografia. Foi possível verificarmos durante e após a realização da atividade o empenho, a participação e sucesso dos alunos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA NA EJA

Como relatado anteriormente, o público alvo da proposta de intervenção foi uma turma da EJA. As estratégias adotadas durante as atividades foram uma sequência didática com: apresentação de uma biografia já pronta, que teve o objetivo de dar oportunidade ao aluno de conhecer o gênero a ser trabalhado; em seguida foi explicado qual é a sua finalidade e funcionalidade; por fim foi apresentado e explicada a sua estrutura.

Na aula seguinte foi solicitado que os alunos produzissem a sua própria biografia, já com a intenção de utilizar esse material como ferramenta de apoio nas produções das práticas avaliativas. Enquanto os alunos estavam realizando as produções, recebiam apoio e tiravam dúvidas. Os alunos demonstraram satisfação em realizar a atividade.

A proposta teve como principal foco as produções textuais dos discentes, assim, realizamos também a leitura de alguns materiais de apoio, como textos variados, para que os alunos pudessem se familiarizar com diferentes linguagens e despertassem o gosto pela leitura e produção de textos. Essa atividade foi realizada de forma que os alunos descobrissem os caminhos para uma produção de texto prazerosa.

Com isso, como professora da turma, no papel de **mediadora**, precisava fazer essa ponte entre o material de leitura da turma e as suas produções, assim os alunos ficaram mais à vontade para fazerem perguntas e tirarem dúvidas surgidas no momento da atividade. Concluída essa atividade já tínhamos o material de trabalho, que eram as produções textuais dos alunos. Essas produções, com o foco na escrita, permitiram que o aluno aprenda a partir do seu próprio material. Assim ele participa do processo de aprendizagem, uma vez que o conteúdo ali escrito faz parte do seu mundo.

Sendo assim, tornar-se-á mais eficaz o seu aprendizado, passando a ter sentido muito próximo dele. Desta maneira será uma aprendizagem ressignificada, a partir do momento que o aluno passará a utilizar na prática o que aprendeu na teoria.

Durante o processo da leitura utilizamos as etapas apresentadas por Cabral (1986): decodificação, compreensão, interpretação e retenção. A decodificação resulta do reconhecimento dos símbolos escritos e da sua ligação com os significados; a compreensão ocorre quando o leitor capta do texto a temática e as ideias principais; a interpretação é a fase de utilização crítica do leitor, o momento em que faz julgamentos sobre o que lê; e a retenção é o que o leitor absorve do que compreendeu ou interpretou sobre o texto.

Seguindo essa perspectiva, os alunos puderam receber um aprendizado de maneira significativa, pois antes foi feita uma sondagem da turma para sabermos qual seria a proposta de ensino adequada, ou pelo menos qual faria diferença para os alunos, ou mesmo seria significativa perante a realidade da turma.

O relato do passo a passo das atividades executadas no plano de intervenção apresentado anteriormente foi suficiente para que percebêssemos que realmente teve como foco principal o aluno da EJA e seu cotidiano. Desafios

surgiram, mas não nos impossibilitaram de continuarmos as atividades, e foi a partir do momento em que colocamos os alunos como protagonistas das suas próprias histórias que eles puderam resolver questões ligados a seus direitos e deveres educacionais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho tivemos a intenção de facilitar o ensino e buscar meios que servissem como alternativas que favorecessem a leitura e a escrita para a turma do Ciclo III da EEEFM Abreu e Lima. Observamos que houve grande interesse por parte dos alunos, tornando-os protagonista de sua vida escolar.

Recomendamos após essas atividades executadas que é necessário que o docente, ao perceber quais as necessidades dos seus alunos, crie condições para que homens e mulheres jovens e idosos desenvolvam suas competências para criar, dialogar e intervir com o diferente, assumindo seus lugares no mundo, compreendendo e participando de forma ativa da realidade em que vive.

E é necessário um aprendizado significativo por toda a vida escolar do aluno. No momento em que aceitamos o desafio de ensinar, devemos ter em mente que essa missão não será realizada apenas por meio de transmissão mecânica de conhecimentos. É importante que despertemos no aluno da EJA o processo de ensinar a pensar, ou seja, nós professores temos de mostrar como é ser cidadão ativo.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Amílcar. **Nacionalismo e cultura**. Santiago de Compostela: Laiovento, 1999.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Tradução por: Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GARCIA, Renata Monteiro, SILVA, Marluce Pereira da. **EJA, Diversidade e Inclusão**: reflexões (im) pertinentes. Paraíba, João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto**: construção de sentidos. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

Protagonismo no EJA: propostas de implementação de metodologia ativa

Anderson Duarte da Silva
Maria de Fátima Macedo dos Santos
Maria Valdenice Resende Soares

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma proposta de intervenção, desenvolvida no curso de Aperfeiçoamento em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social oferecido pela Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a conclusão de curso.

Teve como foco despertar um olhar mais enfático para a EJA, para o desenvolvimento de práticas de inclusão, direcionando maior qualidade de ensino para esta modalidade. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) considerada uma política pública educacional que ganha força nos anos de 1960, vem enfrentando diversos desafios durante seu percurso que devem ser analisados e pensados com cautela para identificar, diagnosticar, planejar e implementar melhores ferramentas metodológicas para utilização no processo de ensino e aprendizagem na formação de professores e sua posterior atuação.

[...] está cercada por enormes desafios, como a fragilidade nas políticas públicas, o alto índice de analfabetismo, a evasão escolar, a pobreza, a vulnerabilidade social, os baixos salários, o orçamento insuficiente e uma carência enorme ainda na formação docente para os educadores e educadoras que lecionam nessa modalidade de ensino (SILVA e BAPTISTA, 2017, p. 2).

O estado da Paraíba é considerado na atualidade como “[...] um dos Estados com maior taxa de analfabetismo do país, correspondendo a 21,9% as

pessoas com 15 anos ou mais de idade, e que serão matriculadas na EJA, uma vez que se encontram fora da faixa etária regular” (SILVA e BAPTISTA, 2017, p.2).

Tem fundamento legal segundo Silva (2014, p.28)

[...] assegurada na Constituição Federal de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, bem como nas Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos, Parecer CNE/CEB 11/2000. Além destas instâncias é referendada nos documentos como: Declaração de Hamburgo sobre a Educação de Adultos - CONFINTEA V (Alemanha, 1997), Declaração Mundial sobre Educação para Todos de Jontien (Tailândia, 1999), Compromisso de Dakar (Senegal, 2000), Plano Nacional de Educação (PNE nº 10.172/01) e a Declaração das Nações Unidas para a Alfabetização (2003-2012).

Na Resolução nº 030/2016 que estabelece normas para a Educação de Jovens e Adultos – EJA e no sistema estadual de ensino da Paraíba, traz em seus dispositivos legais o objetivo preconizado em seu artigo 2º “[...] prover a escolarização ou a continuidade de estudos àquele (as) que não puderam ter acesso ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio na idade própria” (Paraíba, 030/2016).

O parágrafo único traz observações para o direcionamento na formação de professores. “A EJA deverá levar em consideração às condições sociais e econômicas, o perfil cultural e os conhecimentos dos estudantes, com vistas ao Exercício da cidadania, à formação para o mundo do trabalho e ao longo da vida [...]”.

Defende ainda essas bases legais que para haver uma atuação mais coerente na docência é preciso ter uma visão macro, dinâmica e social. E a partir de um comportamento mais holístico, autônomo e coeso, desenvolver e implementar metodologias de acordo com a realidade encontrada. É necessário conhecer de perto as bases que mantém a comunidade escolar, desde a infraestrutura quanto à cultura, aspectos econômicos e de desenvolvimento.

Em relação a estrutura da EJA na Paraíba temos:

Art. 8º Os cursos de EJA, dos Ensinos Fundamental e Médio, com avaliação no processo, serão ministrados em regime presencial e estruturados

em ciclos para atender ao tempo de duração e à carga horária definida nas matrizes curriculares de cada segmento, e com exigência da frequência, conforme se estabelece:

I – Ciclo da alfabetização (Ler, entender e fazer) – será ofertado por meio de programas e parcerias, com carga horária mínima de 320 (trezentas e vinte) horas e duração mínima de 8 (oito) meses.

II - Primeiro segmento do Ensino Fundamental - será ofertado em 2 (dois) anos letivos, por meio do ciclo I e do ciclo II, totalizando uma carga horária mínima de 1.230 (mil duzentas e trinta) horas, nos dois ciclos;

III - Segundo segmento do Ensino Fundamental - será ofertado em 2 (dois) anos letivos, por meio do ciclo III e do ciclo IV, totalizando uma carga horária mínima de 1.660 (mil seiscentos e sessenta) horas nos dois ciclos;

IV - Ensino Médio - será ofertado em 2 (dois) anos letivos, por meio do ciclo V e do ciclo VI, totalizando uma carga horária mínima de 1.660 (mil seiscentos e sessenta) horas nos dois ciclos, considerando:

a) no ciclo V, serão trabalhados conteúdos correspondentes aos conhecimentos do primeiro e do segundo ano;

b) no ciclo VI, serão trabalhados conteúdos correspondentes aos conhecimentos do terceiro ano e aprofundamento dos conteúdos trabalhados no ciclo V.

§ 1º O curso previsto no inciso I e II destinam-se aos(às) candidatos(as) que tenham 15 (quinze) anos ou mais, completos até a data da matrícula.

§ 2º O curso previsto no inciso III destina-se aos(às) candidatos(as) que tenham 16 (dezesesseis) anos completos, até a data da matrícula.

§ 3º O curso referido no inciso V destina-se aos(às) candidatos(as) que tenham no mínimo 18 (dezoito) anos completos, até a data da matrícula. (Paraíba, Resolução 030/2016).

Com essas orientações, podemos afirmar que a EJA no município de Mamanguape segue as diretrizes emanadas do nível estadual, tendo oferta tanto na rede municipal quanto na rede estadual. Portanto, a escolha da escola, no caso dessa proposta de intervenção, ocorreu na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Gustavo Fernandes de Lima Sobrinho, situado no bairro

do Areal, Município de Mamanguape-PB, ofertando no período noturno uma turma de cada ciclo a partir do ciclo III até o Ciclo VI com média de 120 alunos matriculados ao todo.

A atuação dos discentes na contemporaneidade vem mudando com o passar do tempo, apontando para a necessidade de atender aos novos estímulos de maneira mais produtiva. Diante dessas necessidades preconiza-se um discente que tenha um comportamento mais proativo, autônomo e que busque ter uma experiência exitosa em seu percurso educacional. Essa relação de ensino e aprendizagem deve ser mantida pelo elo inter e transdisciplinar entre a vida e o aprendizado adquirido no ambiente intra e extraescolar.

Sendo assim, passa a existir a preocupação com a qualidade e excelência do ensino a partir de metodologias inovadoras e que busquem atender ao aluno de acordo com suas especificidades e o meio em que vive, procura facilitar o protagonizar do discente de forma que ele possa ser produtor de seu alicerce cognitivo e educacional em um processo muito mais prazeroso e qualitativo de ensino e aprendizagem. Moreira e Ribeiro (2016, p. 95) citam que as metodologias ativas de ensino e aprendizagem fazem “[...] dos estudantes protagonistas [...] exigindo mudança de postura acadêmica, dedicação, autonomia e responsabilidade para dar sentido e aplicabilidade social ao que se aprende em sala de aula”.

Podemos citar algumas metodologias tanto para crianças (pedagogia) quanto para jovens e adultos (andragogia) com a finalidade no desenvolvimento em sala de aula, como o Brainstorming (chuva de ideias), Mapa conceitual, história em quadrinhos, júri simulado, seminário dinâmico, painel de notícias, stop motion, vídeos, aplicativos que contribuem para a aprendizagem e desenvolvimento de atividades pelo docente como o Edmodo e o Gradpen entre outras tantas que podem melhorar o desempenho do ensino e aprendizagem. No entanto, selecionamos nesse trabalho aplicar um mapa conceitual, um brainstorming e a produção de um painel de notícias, além de utilizar os moldes da sala de aula invertida. Ainda cabe ressaltar que assim:

O aluno interage com o assunto em estudo – ouvindo, falando, perguntando, discutindo, fazendo e ensinando – sendo

estimulado a construir o conhecimento ao invés de recebê-lo de forma passiva do professor. Em um ambiente de aprendizagem ativa, o professor atua como orientador, supervisor, facilitador do processo de aprendizagem, e não apenas como fonte única de informação e conhecimento (BARBOSA; MOURA, 2013, p.55).

É imperativo ressaltar a pesquisa de um psiquiatra americano chamado William Glasser e sua teoria da escolha. Essa teoria defende que ninguém acredita e deseja seu fracasso total e, sim, tende a gostar de aprender diariamente, pois é um movimento de liberdade pessoal. A escolha pelo estudo é motivada para que se satisfaça as cinco necessidades básicas: **sobrevivência, pertencimento ao grupo, liberdade, poder e diversão** (GLASSER, 2001). Desta maneira, cabe aos docentes identificá-las e realizar atividades baseadas nestes anseios para planejar sua atuação, visando a melhor aproximação, qualidade nos conteúdos e sua apreensão que resulta em uma menor evasão escolar.

Diante disso, a intervenção com seus resultados teve como objetivo contribuir através do relato da sequência didática aplicada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Gustavo Fernandes de Lima Sobrinho, aos alunos da modalidade EJA, ciclo VI, com subsídio de metodologias ativas de ensino. De objetivos específicos temos, compreender o processo de ensino e aprendizagem numa ótica mais emancipadora, em que o aluno é na maior parte, responsável pela construção de seu ensino; contextualizar o que é metodologia de ensino; apresentar uma breve experiência com utilização de metodologias ativas de ensino.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Ao iniciar este trabalho de cunho exploratório, qualitativo, bibliográfico e de campo, foi necessário, mapear o espaço que iria acontecer, ou seja, a realidade envolta e todos os aspectos inerentes que envolvem e influenciam a realidade discente. Para isso, foi realizado um questionário com perguntas abertas, juntamente com a gestão escolar no ciclo VI para que pudéssemos

ter uma amostra mais específica do nosso público-alvo (alunos do Ciclo VI) e mapeamos a primeiras impressões de perfil:



Uma sala com mais mulheres do que homens, podendo sinalizar a questão do interesse e da cultura da comunidade de que a mulher, pelo menos neste caso se mostra mais participativa e busca mais oportunidades ao conhecimento.

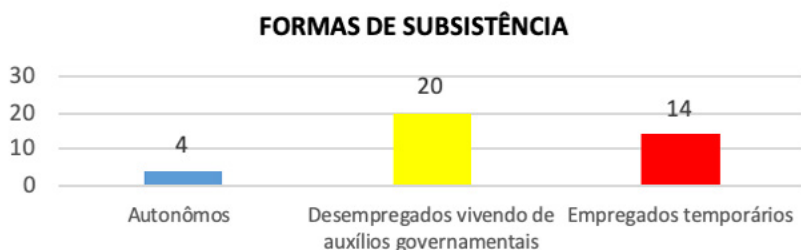
Sobre idade é perceptível a mescla de idades na turma o que faz que, a troca se bem direcionada, pode ser muito rica e produtiva.

Sobre o estado civil, a maioria deles encontram-se “casados” mesmo irregular do ponto de vista jurídico.

E quando perguntados porque muitos já haviam desistido de estudar, foi relatado por eles que devido aos afazeres domésticos e filhos (22 alunos da turma, já são pais) como um dos motivos de sua desistência/evasão escolar.

Sobre suas origens sociais Campo ou cidade foi constatado 100% da área urbana, incluso na faixa de classe baixa, enquadrados pelos perfis estipulados pelos programas sociais do governo.

Sobre os meios de subsistência dos alunos da Eja, detectamos grande parte desempregados, vivendo de auxílios do governo, média de 20 alunos, alguns trabalham nas usinas em torno da cidade de forma temporária, no período de moagem (Monte Alegre, Miriri e Japungu), média de 14 alunos e 4 são autônomos.



Ainda sobre o motivo da interrupção do estudo, foi relatado que questões culturais e históricas do bairro que vem mudando com o decorrer do tempo, foi uma das influências em que antes o estudo era visto como uma questão secundária a vida da comunidade, e hoje não mais. Outro fator é o critério de renda que força a comunidade a trabalhar muito cedo e ter que abandonar os estudos por falta de tempo e dinheiro. Ou seja a sobrevivência imperando sobre os estudos.

Quando perguntados sobre o motivo da volta ao estudo constatamos os seguintes motivos:

Nesses itens do gráfico e pelos relatos conseguimos constatar que servir de exemplo para futuras gerações/filhos e o impacto cultural através do exemplo, tem sido fatores preponderantes nesta turma para voltarem a estudar, seguido da busca por melhores oportunidades de emprego.

Após realizar e ter o diagnóstico do perfil da turma, fomos organizando as atividades para a sequência didática. Assim pensamos em como poderíamos fazer aulas mais motivadoras e atrativas para que esse público, que tem um perfil diferenciado, marcado por lutas diárias, e com o desejo de crescer e aprender, envolver no ato de aprender com prazer. Refletindo sobre o aprender a aprender, nossa formação na área de Letras-Português e a proposta de utilização de metodologias ativas, utilizando aspectos da interdisciplinaridade, contextualização, diversidade da turma e a necessidade de incluir de maneira qualitativa, sem fugir do currículo necessário para ampliar os horizontes da disciplina, direcionou a organização da seguinte sequência didática para a turma:

Do Ciclo VI da EJA, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Gustavo Fernandes de Lima Sobrinho, com a carga horária da sequência didática de 4 aulas de 50 minutos, em que seria executada a Apresentação do Tema sobre a Primeira fase do Modernismo e contextualização de Manuel Bandeira, apresentando suas características revolucionárias em relação aos pressupostos modernistas.

Tratamos da poesia modernista e de suas vertentes, como recurso para o conteúdo. Destacamos a poesia de Manuel Bandeira como índice de ruptura e superação aos anseios inovadores do Modernismo, sobretudo os da primeira

fase. Sobre os Conteúdos e métodos trabalhados, seguimos os seguintes tópicos, literatura, modernismo, mapas conceituais, brainstorming, sala de aula invertida, texto dissertativo argumentativo.

Nessa sequência tivemos como objetivos pedagógicos: desenvolver o gosto pela literatura e a prática de textos argumentativos sobre a temática; Incitar em sala de aula o conhecimento e o gosto pela leitura e literatura, utilizando a poesia de Manuel Bandeira e seu caráter revolucionário em relação aos pressupostos modernistas, para que assim, o público da EJA pudesse aprofundar seus conhecimentos acerca de autores e épocas literárias, tão importantes para a produção de conhecimento e sentido histórico, cultural, social e literário.

Utilizamos de metodologias ativas para produção e participação dos discentes de forma mais dinâmica. Para estas aulas utilizamos os seguintes materiais: papel, lápis, pincel de quadro branco, laboratório de informática com internet, cartolina.

A primeira aula começamos com a contextualização, fazendo a primeira questão a ser colocada em pauta, o debate sobre o que se considera moderno, trazendo conceitos, exemplos de livros, filmes dentre outros materiais para sondar o conhecimento dos discentes em relação ao conteúdo, suas impressões.

Logo depois disso, foi visto os métodos mais específicos para a turma de como explicar a proposta modernista brasileira. Sua apropriação e adequação própria por uma busca pela identidade nacional. Trazer exemplos, relações com o cotidiano e conceitos, com a produção de um quadro explicativo do Modernismo com autores e suas obras, enfatizando neste momento Manuel Bandeira, foi utilizado um vídeo para o conhecimento da obra, intitulado: Desencanto de Manuel de Bandeira, acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LECeilwf1D8&feature=youtu.be>.

Dividimos a turma em grupos de 4 para pesquisar sobre a primeira fase do Modernismo e sobre o autor Manuel Bandeira. O foco foi cada grupo fazer a montagem de um texto dissertativo argumentativo sobre a temática que foi debatida.

Na segunda aula trabalhamos o desenvolvimento da temática em formato de mesa redonda e apresentamos os textos produzidos pelos grupos,

ênfatizando as características percebidas sobre o autor Manuel Bandeira e sua diferença com os demais autores do Modernismo da primeira fase utilizando da técnica de Brainstorm (chuva de ideias). Para terminar a aula, trouxemos o texto de Manuel Bandeira Nova Poética. E assim, mostrar de acordo com o debate as características que rompem com características Modernistas trazendo uma contestação, uma ruptura com a poesia distante da vida que era posta naquele tempo, um poeta lírico que não forçava a inovação pela inovação, era algo natural sem moldes e que trazia a realidade como emblema, sem rotulações, estereótipos e regras rígidas fixadas em sua forma. A seguir foi proposto uma atividade para a aula seguinte: Escolha de poemas de Manuel Bandeira para a produção de um sarau.

Na Terceira aula, após a escolha dos textos pelos grupos, executamos a produção do Sarau. Ao final da atividade foi feito, um mapa conceitual sobre o que foi aprendido do modernismo, atores, obras e características.

Na Quarta aula, trouxemos a parte de Considerações finais com a Apresentação dos mapas conceituais, e possíveis correções, bem como a avaliação entre eles, expondo impressões e opiniões sobre a metodologia utilizada. Durante todo o processo os alunos foram avaliados referentes a sua participação e produção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA NA EJA

A atuação dessa sequência didática proporcionou a turma da EJA, momentos de descontração e muita participação. Desde os debates trouxeram conceitos, exemplos, divergiram de ideias e souberam argumentar para defendlas, a montagem de um consenso e a participação com respostas inusitadas através da técnica do brainstorming.

As dificuldades encontradas na produção do mapa conceitual, foram importantes para o processo formativo e avaliativo, na percepção do desenvolvimento exitoso da atividade. Tudo isso, para pensarmos e desenharmos melhor o tipo de abordagem para cada técnica de metodologia ativa a ser utilizada e que precisa ser vista de acordo com o público-alvo. O sarau trouxe

textos interessantes, escolhidos por eles e assim, a prática da oralidade/leitura se fez presente.

Os alunos da EJA além de muito participativos, atendeu o objetivo de proporcionar atividades que envolvessem a sala de aula invertida, buscando conteúdos e textos para compartilhar em sala de aula. Os alunos apresentaram corajosamente ao coletivo as deficiências na escrita, mesmo assim, os textos dissertativos ficaram muito bons, pois, trouxeram em si, marcas da experiência vivida, da oralidade, da bagagem contida intrinsecamente em cada um. O compartilhamento de visões e dimensões diferentes de vida, apesar de se apresentarem no mesmo espaço foi de uma riqueza sem tamanho.

A contribuição desde o diagnóstico da turma até a implementação das metodologias foi muito bem recebida pelos alunos da EJA. As estratégias de ensino utilizadas geraram maior curiosidade, competição e, conseqüentemente, resultaram em uma aprendizagem significativa, das quais eles conseguiram debater e produzir com propriedade sobre o conteúdo.

Os desafios encontrados na sala de aula e na aplicação, se deram por uma série de fatores, entre eles, o cansaço do dia a dia, pois, muitos além de procurarem um meio de produzir sua subsistência, tem afazeres de casa, filhos pequenos e motivá-los é uma tarefa que necessita de maior atenção.

Outra constatação verificada por nós foi a falta de vontade e costume de ler, além da deficiência na escrita, com isso, foi importante utilizar de incentivos e metodologias diferenciadas que pudessem mediar a leitura e o interesse em sala de aula, contextualizando suas experiências aos conteúdos dados na aula.

Com isso, podemos afirmar que de acordo com a defesa da teoria da pirâmide da aprendizagem de Glasser (2001) que defende que:

10% do conteúdo é aprendido quando lemos; 20% do conteúdo é assimilado quando escutamos; 30% é aprendido quando assistimos/observamos algo; 50% é assimilado quando combinamos escuta e observação; 70% é aprendido quando discutimos, conversamos, perguntamos e debatemos o tema e 95% do conhecimento é aprendido quando temos que ensinar alguém, explicando, resumindo, definindo e estruturando o conhecimento, sendo a metodologia ativa e técnicas dinâmicas ótimas ferramentas de otimização dessa

aprendizagem (GLASSER, 2001, p.4). Neste sentido, verificamos que quanto mais ativo, dinâmico e protagonista ele se torna, maior será sua construção de conhecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do vivenciado na execução da sequência didática foi perceptível que os discentes da Educação de Jovens e Adultos merecem maior atenção. Não existe uma receita pronta, é necessária maior atenção para pesquisar, diagnosticar, e só depois planejar, formular e implementar metodologias que se adequem a realidade e ao objetivo estipulado.

Verificamos que a sequência didática foi realizada com êxito, os objetivos propostos foram alcançados, além do mais, foram perceptíveis a participação e a fluência do ambiente e da aprendizagem.

As metodologias ativas tendem a quebrar paradigmas, atuando na busca de um discente protagonista de seu conhecimento, que a partir da abordagem consegue atrair o discente a produzir com qualidade, sendo estabelecida uma relação sadia e dialógica entre o ensino e aprendizagem, o ponto principal que queremos chegar. Diversas deficiências e barreiras encontradas podem ser rompidas, caso a metodologia utilizada consiga adentrar aos caminhos preponderantes ao desenvolvimento e curiosidade do discente. Praticar literatura de maneira exitosa, parte do pressuposto de uma mediação de leitura e metodologias com estudantes de forma a assimilar suas vivências e despertar o gosto pela leitura. Competição, jogos, dinamismo podem ser bons itens para acrescentar a sala de aula.

Portanto, o uso de metodologias ativas como o mapa conceitual, o brainstorming, técnicas de leitura em voz alta, mesa redonda, utilização de sarau, pesquisas, elaboração de questionários e métodos da sala de aula invertida mobiliza os alunos, pois foge dos moldes tradicionais das aulas, fazem com que os alunos despertem seu interesse e curiosidade nas aulas. Sendo mais participativo, produzindo e buscando mais sobre o conteúdo abordado, constatando e reforçando a teoria da escolha para a pirâmide do aprendizado com foco nos jovens e adultos (andragogia).

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. **Itinerário de Pasárgada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BANDEIRA, Manuel. **A cinza das horas, Carnaval e O ritmo dissoluto**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem & Estrela da Manhã**. 16.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

BARBOSA, Eduardo Fernandes; MOURA; Dácio Guimarães. Metodologias ativas de aprendizagem na educação profissional e tecnológica. **Boletim Tec**. Senac, Rio de Janeiro, v.39, n.2, p.48-67, 2013.

GLASSER, W. **Teoria da Escolha**: uma nova psicologia de liberdade pessoal. São Paulo: Mercuryo, 2001.

MOREIRA, Jonathan Rosa. RIBEIRO, Jefferson Bruno. Prática pedagógica baseada em metodologia ativa: aprendizagem sob a perspectiva do letramento informacional para o ensino na educação profissional. **Periódico Científico Outras Palavras**, volume 12, número 2, ano 2016.

GARCIA, Renata Monteiro. SILVA, Marluce Pereira da. Orgs. Livro: **EJA, Diversidade e Inclusão**: reflexões (im) pertinentes. João Pessoa: Editora: UFPB, 2018.

PARAÍBA. Resolução 030/2016. **Estabelece normas para a educação de jovens e adultos-EJA, no sistema estadual de ensino, revoga a resolução CEE/PB nº 229/2002 e dá outras providências**. Paraíba. 2016.

SILVA, Genilson José. BAPTISTA, Maria das Graças A. **A formação docente continuada em EJA no município de João Pessoa Paraíba**: uma investigação teórico-prática. Congresso Nacional de Educação- CONEDU. 2017.

SILVA. Juçara Maria de França. **Evasão escolar na EJA**: um estudo de caso da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Deputado João Fernandes de Lima. Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba João Pessoa-PB, 2014.

O processo da leitura e da escrita: perspectiva e desafios no 3º ciclo da educação de jovens e adultos

Elizângela Martins dos Santos
Eliana Shirley do N. Lisboa
Célia Regina Teixeira

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como enfoque relatar o processo da leitura e da escrita no 3º ciclo da Educação de Jovens e Adultos, a partir de uma sequência didática, executada junto aos alunos. No decorrer das aulas, foi feito um diagnóstico de observação dos alunos da EJA, com relação ao processo leitura e da escrita. A modalidade da EJA requer uma metodologia que atenda suas necessidades de forma diferenciada, pois os alunos, reingressam muitas vezes após anos de ausência do contexto escolar. E para superar e valorizar sua ausência, um dos pontos que destacamos é a valorização das vivências que são protagonistas, uma vez que ao serem valorizadas pelos educadores, o procedimento inclusivo é fortalecido.

Neste contexto, os professores procuram trabalhar em suas metodologias as dificuldades com a leitura e escrita, propondo textos curtos com questões que fazem parte da realidade dos alunos, sempre lendo em voz alta para os mesmos, pois segundo o Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

Para entrar em contato com os textos, os alunos que não são capazes ainda ler com autonomia dependerão da ajuda do professor, que deve criar as estratégias para apoiar seus alunos nesse sentido. Uma estratégia fundamental é ler em voz alta para eles. Ouvindo a leitura em voz alta do professor, os leitores iniciantes vão se familiarizando com a estrutura sintática e com o vocabulário que caracteriza as diferentes modalidades de textos (BRASIL, 2001, p. 56).

Segundo a professora da sala que foi executada a sequência didática, os professores devem trabalhar a comunicação oral dos alunos, visto que o público desta modalidade na sua maioria é bastante comunicativo e isso só vem a contribuir para um ensino e aprendizagem significativo. Sobre isso o PCN aborda que cabe ao professor: “[...] planejar estratégias para que os alunos experimentem e ampliem suas formas de expressão, promover momentos em que os educandos se expressem em pequenos grupos, em grupos maiores, em conversas com o professor” (BRASIL, 2001, p. 53).

Durante a vivência da escola, observamos que os discentes são estimulados a expressar suas ideias trazendo suas experiências para sala de aula. Encontramos na sala de aula, situações em que os alunos têm seus conhecimentos prévios valorizados.

Os professores que lecionam na EJA têm graduação. Como afirma a Resolução CNE/CP nº 1/2006: “[...] à formação de professores para a educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, na Educação de Jovens e adultos, nos cursos de ensino médio na modalidade normal, na educação profissional nas áreas de serviço e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos” (BRASIL, 2006).

Neste contexto, escolhemos aleatoriamente a sala de aula de aula que formos executar a sequência didática. O professor tem sua formação adequada e se constituiu num determinante facilitador, pois verificamos de que a EJA atualmente no município em que foi usado como referência apresenta aspectos que precisam ser melhorados, como: alunos desmotivados, índice alto de evasão e problemas de aprendizagem. O que demanda maior incentivo por parte de todos os envolvidos no sistema da EJA.

Tivemos como objetivo nesse projeto, trabalhar a leitura e a escrita de uma forma interdisciplinaridade entre dois Componentes Curriculares: Língua Portuguesa e História. Destacamos que a leitura é muito importante para o ensino e por isso, esse trabalho propôs incentivar aos alunos a prática da leitura e o aprimoramento da escrita.

A EJA no município de Santa Rita é dividida na Zona Urbana e na Zona Rural, cada uma com 3 polos, totalizando assim 22 escolas, 09 da Zona Rural

e 13 na Zona Urbana. Atualmente algumas escolas foram fechadas por motivo de evasão escolar.

Dessa forma este trabalho interdisciplinar, veio contribuir para formar jovens e adultos que já são trabalhadores e que necessitam de se aperfeiçoarem, sem serem vistos como seres inferiores e excluídos por não possuírem educação escolar. Neste sentido, a educação de jovens e adultos visa também contribuir para a inclusão social, para encurtar a distância entre os incluídos e excluídos das novas formas de conhecimento existente no mundo globalizado do trabalho e das novas tecnologias.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A escola escolhida para realização da sequência didática foi, Escola Municipal de Ensino Fundamental Estevão José Carneiro da Cunha, Zona Urbana, no Município de Santa Rita-PB. A metodologia adotada no presente trabalho, o qual aborda o processo da leitura e da escrita no 3º Ciclo do Ensino Fundamental da EJA, foi construída mediante a busca de informações advindas dos alunos acerca da prática de leitura e escrita.

A turma que foi selecionada a participar dessa atividade apresenta 23 alunos matriculados, mas 5 alunos já se encontram evadidos. Dos 18 alunos frequentando a escola, 10 alunos são do sexo feminino e 8 do sexo masculino, variando dos 17 aos 33 anos de idade. Alguns trabalham, outros não; são donas de casa e desempregados. Cabe ressaltar que, boa parte dos jovens que frequentam as aulas, muitas deles, assumiram, por força das circunstâncias, papéis adultos, já constituíram famílias e já lutam pela sobrevivência delas.

O grande número de alunos adolescentes e jovens vem declinando da escola uma adequação às características dessa faixa etária, sendo que o aspecto da socialização tem se mostrado o fator mais atrativo para estes jovens.

Os alunos adultos, pais e mães de família, trabalhadores e idosos são alunos que nunca estudaram ou que há muitos anos deixaram de estudar em função de terem que atender as demandas financeiras de uma família, do trabalho e da sobrevivência e agora vem em busca de resgatar sua condição de cidadãos por meio do estudo.

Nos dias que foram executados a sequência didática tinham apenas 13 alunos. Através de uma breve sondagem sobre aspectos da leitura e escrita, foi verificado que alguns discentes deixaram de estudar para trabalhar e outros por falta de motivação. E que possuíam dificuldade em ler e em retirar conteúdo do quadro ou do livro para seu caderno.

Assim o tema surgiu a partir de uma data comemorativa: 22 de abril, Dia do Descobrimento do Brasil. Houve a interdisciplinaridade com os Componentes Curriculares: História e Língua Portuguesa.

O 1º encontro iniciou com a explanação de um fragmento de um texto: Carta aberta aos nossos descobridores, onde o professor fez uma reflexão com a turma e em seguida os alunos compartilharam com experiências atuais vivenciadas por eles. Dando continuidade à aula, foi observada a oralidade dos alunos, alguns apresentando dificuldade na leitura, mas mesmo assim, através de estímulo e motivação foram se sentindo inclusos no processo.

No 2º encontro foi trabalhada a ortografia contextualizada, tendo como foco a fonética, sempre respeitando o nível de intelectualidade da turma.

No 3º encontro foi feito o manuseio do dicionário, pesquisando o significado de algumas palavras que foram destacadas no texto: Carta aberta aos nossos descobridores, e para finalizar a sequência-didática.

No 4º encontro, os alunos produziram um texto do gênero: Carta. Simulando na carta um relato aos portugueses do que eles iriam ver aqui no Brasil se chegassem nos dias de hoje.

Portanto, foi nesse contexto de troca de conhecimentos que foi construído um leque de informações que nortearam todo o processo da leitura e da escrita com os alunos, onde o ambiente escolar tem sido favorável, no que diz respeito as atividades de leitura e escrita. A perspectiva de formar leitores competentes supõe conduzir alguém a compreender não só o que está codificado, mas perceber as ideias secundárias do texto, o que não está escrito, identificando elementos implícitos, que estabeleça relações entre o texto que se lê a partir de outros textos já lidos. Perceber sentidos que podem ser atribuídos a um texto que consigo justificar e validar a leitura e escrita.

Para assim, tornar os alunos bons leitores além de desenvolver muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura e a escrita. Isso por entendermos que cada sala de aula, por meio do planejamento, o professor precisa de mobilizá-los internamente, pois o ato de ler e escrever requer muito esforço e muita rotina. Precisar fazê-los achar que a leitura e a escrita são algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará a eles autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a aprender fazendo. Uma prática de leitura é algo que requer, portanto, condições favoráveis, desafiadoras e o principal motivadoras.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Todas as atividades propostas aos alunos foram recebidas de forma gratificante, pois o processo de curiosidade estava presente no decorrer das aulas. Os 4 (quatro) encontros por meio da sequência didática na EJA serviram de eixo motivador para as aulas de Língua Portuguesa. Aproveitando a vivência dos alunos, a proposta pedagógica se desenvolve englobando os conteúdos de Língua Portuguesa e História de forma interdisciplinar, cujas atividades apresentaram uma linguagem clara e objetiva que contextualizada com a realidade desses alunos enriqueceu e facilitou o processo de ensino e aprendizagem. De forma lúdica e desafiadora reconhecemos a importância da educação inclusiva e do processo de leitura e escrita de Jovens e Adultos. E foi a partir da leitura e da escrita que os alunos participaram e desenvolveram o raciocínio, adquirindo novos conhecimentos e valorizando os relacionamentos em vista de um compromisso com todos os envolvidos na sala de aula.

Durante o desenvolvimento desse trabalho, manteve-se o objetivo principal, cuja função foi de principalmente desenvolver a aprendizagem, por meio de ações transformadoras referentes a uma data comemorativa como tema norteador. E formar leitores críticos, capazes de dialogar e trocar experiências. Assim, priorizamos nosso foco numa educação mais humanizada, considerando principalmente a interação nas relações interpessoais reforçadas no desenvolvimento de atividades de leitura, de debates e relatos envolvendo o tema gerador: O Descobrimento do Brasil e os fatos atuais que o país está

passando. Foi gratificante ouvir dos alunos que a vida agora faz sentido, porque já interpretam o que ouvem e o que veem. Que ao irem ao supermercado, por exemplo, já não precisam mais perguntar nada a ninguém, já reconhecem o ônibus que devem tomar sem medo de errar. Dessa forma reforçamos o princípio social da educação de que a escola tem o dever de fortalecer a consciência, pois promove o convívio entre as diferenças, além da autoestima e luta pela igualdade.

A EJA é um nível de ensino que tem o histórico de fracassos, pois são alunos que não conseguiram ser alfabetizados em tempo adequado. Por isso, muitos duvidam da própria capacidade de aprender, tem autoconceito ruim e sua autoestima é baixa. Por isso, é fundamental a construção de um vínculo de confiança entre professor e aluno e entre aluno aluno. Os alunos apresentam dificuldades e precisam de apoio reforçados para desenvolver as atividades cognitivas numa prática diferenciada e inclusiva por meio de estratégias que valorizem seu progresso. Para isso, busca-se maior conhecimento na troca de experiências com os colegas nas leituras de textos pertinentes aos assuntos de seu cotidiano.

O trabalho é um desafio já que atuamos com educandos jovens, idosos, trabalhadores, desempregados, que precisam de apoio para desenvolver as atividades por meio de estratégias que valorizem seus progressos com relação à leitura e a escrita, pois são alunos com características acentuadas de desatenção e às vezes de desequilíbrio emocional. Percebe-se que gostam da escola, pois se sentem valorizados por poderem regressar à ela e ampliar seus conhecimentos interagindo com o coletivo tornando-se capazes de transformar o ambiente e a si mesmo.

Para Freire (2008, p. 84) “A ação pedagógica desenvolvida nos coloca mais perto da *práxis* que buscamos por meio do diálogo, esclarecendo as dúvidas e nos fazendo refletir sobre algumas situações e atitudes com as quais nos deparamos em nosso dia a dia”.

Sendo assim, nós educadores de jovens e adultos, precisamos estar conscientes de termos formação continuada e da necessidade do bom relacionamento entre professor e aluno. Para isso devemos pensar quais as práticas de leitura e escrita são as adequadas e necessárias ao observamos os

educandos. Em síntese devemos criar atividades relacionadas às necessidades e interesses dos alunos que facilitem a sua aprendizagem.

A sequência didática, teve em nossa proposta a preocupação de se desenvolver a partir de palavras geradoras ou temas que se relacione com a realidade dos alunos, englobando os conteúdos de forma interdisciplinar, cujas atividades apresentaram uma linguagem clara e objetiva que contextualizada visou enriquecer e facilitar o processo de ensino e aprendizagem na alfabetização de jovens e adultos.

A partir das nossas reflexões ficou evidente que uma nova sugestão de estudos seria de grande relevância para uma prática pedagógica mais eficaz sobre as metodologias de ensino aplicadas para o trabalho com os jovens e os adultos deste nível de ensino. Pois, o processo de ensino e aprendizagem nessa modalidade de ensino é uma questão que precisa de muitas reflexões e ajustes. Ou seja, de uma proposta adequada de trabalho.

O resultado da execução da sequência didática foi gratificante quando no *feedback*, por meio das imagens pudemos observar como o trabalho teve seus objetivos alcançados.



Fonte: Acervo particular da autora

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a execução da sequência didática nos proporcionou fazer uma relação direta entre teoria e prática e ainda, a desenvolver competências necessárias para a nossa formação continuada enquanto profissional da EJA. Para que possamos contribuir de forma consciente e significativa na formação de cidadãos autônomos, promovendo assim a construção de uma sociedade com mais igualdade e honestidade.

Assim, percebemos durante esses dias, principalmente que planejar não significa estar totalmente seguro, que o planejamento está sujeito à mudanças, e nós precisamos estar em constante processo de adaptação. Mas podemos dizer que a experiência foi proveitosa e ajudou-nos a perceber as singularidades de cada aluno e que cada um se desenvolve de um jeito e ao seu tempo. E nós precisamos nos adaptar a esse ritmo que nos é apresentado diariamente no cotidiano escolar. E destacamos que é importante que o trabalho com os alunos seja voltado para um desenvolvimento focado no âmbito pessoal, social e profissional; devendo utilizar metodologias criativas e envolventes, transmitindo-lhes não somente o ensino letrado, mas também uma consciência crítica e política, de forma que fortaleça seus vínculos familiares, de solidariedade e de tolerância recíproca, elementos indispensáveis à vida social. E por último, que não desvalorizemos seus conhecimentos, sua cultura e sua identidade.

Ao finalizarmos a execução da sequência didática e diante das falas dos alunos acreditamos que contribuímos para a formação dos alunos, baseadas nos conhecimentos adquiridos durante todo curso de aperfeiçoamento, com os textos estudados e troca de experiências nos encontros presenciais. E que além disso, essa vivência trouxe grandes ensinamentos como educadora, pudemos vivenciar durante os dias da realização da sequência, as dificuldades e especificidades do público dessa modalidade de ensino.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer do Conselho Nacional de Educação**. Brasília, DF 13 de dez de 2005. Diário Oficial da União, Brasília, 15 de mai. 2006.

BRASIL. Secretaria de educação fundamental. **Educação para jovens e adultos**: ensino fundamental: proposta curricular – 1º segmento. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GARCIA, Renata Monteiro, SILVA, Marluce Pereira da. **EJA, Diversidade e Inclusão**: reflexões (im) pertinentes. Paraíba, João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

A sequência didática com música – um componente de aprendizagem na EJA

Martha Valeria Barbosa Duarte
Maria de Fátima Macedo dos Santos
Francymara Antonino Nunes de Assis

1. INTRODUÇÃO

Este capítulo é resultado do trabalho de conclusão de curso — Curso de Aperfeiçoamento Educação de Jovens e Adultos (EJA): Diversidade e Inclusão. Foi executada uma sequência didática em uma turma de Educação de Jovens e Adultos com o objetivo de criar oportunidades de saberes e socialização entre os estudantes.

De acordo com a LDBEN 9394/96 a Educação de Jovens e Adultos (EJA) passou a ser uma modalidade da Educação Básica brasileira nas etapas de Ensino Fundamental e Ensino Médio. Assim percebemos a importância dessa modalidade nos dias atuais. Os alunos da EJA são sujeitos pertencentes à classe popular, com enormes carências de emprego, de moradia, de infraestrutura básica e cultura. A constituição familiar, em sua grande maioria, não é nuclear, sendo a família constituída por uma rede de relações, envolvendo avós, tias, tios, padrastos e madrastas. Há um constante movimento migratório entre os bairros das comunidades locais e zona rural.

Destacamos que o público desta modalidade está praticamente à margem da sociedade em todas as instâncias, sendo moradores de periferia onde os serviços básicos públicos são poucos e insuficientes para atender a demanda, principalmente no tocante à saúde, ao trabalho e ao lazer. A baixa renda, que não é suficiente para manter a família, também não oportuniza que estas pessoas possam aproveitar o que a contemporaneidade pode oferecer, em termos de capital cultural. Este tipo de atividade é tão importante quanto a

questão dos serviços públicos, uma vez que forma sujeitos capazes de pensar e refletir sobre si mesmos e sobre a sociedade que estão inseridos, podendo agir conscientemente sobre a sua realidade. A escola acaba transformando-se na única forma de acesso a estas atividades culturais e de lazer.

Cabe ressaltarmos ainda que, boa parte dos jovens que frequentam nossas salas de aulas, muitas vezes, assumiu, por força das circunstâncias, papéis adultos. E já constituíram famílias e já lutam pela sobrevivência delas.

O grande número de alunos adolescentes e jovens vem demandando da escola uma adequação às características dessa faixa etária, sendo que o aspecto da socialização tem se mostrado o fator mais atrativo para estes jovens. Os alunos adultos, pais e mães de família, trabalhadores e idosos são alunos que nunca estudaram ou que a muitos anos deixaram de estudar em função de terem que atender as demandas da família, do trabalho e da sobrevivência, retornando agora em busca do resgate de sua condição de cidadãos através do estudo.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A escola para a execução da sequência didática foi a Escola Municipal Dr. Severino Patrício, no bairro Alto do Mateus, no município de João Pessoa, com o ciclo III. Trinta e cinco alunos estão matriculados, no entanto, apenas vinte e cinco estão frequentando, as aulas. Os alunos têm faixa etária entre 18 a 56 anos, sendo quinze do sexo feminino e vinte do sexo masculino. A maioria é da zona urbana, já tem filhos e são responsáveis por suas famílias, apenas dois alunos vem da zona rural.

A diferença de idade dos alunos foi algo preocupante, por que como tínhamos em sala de aula alunos jovens e idosos, e obviamente os gostos musicais eram diferenciados. Assim ao escolher a música que agradasse a todos, selecionamos “*We are the world*”, de Michel Jackson. A música é importante para os adultos, pois, como relata Souza (2004, p.8) “representa a manifestação de uma identidade”.

A escolha da música “*We are the world*”, de Michel Jackson, se deu pelo fato de sermos professora de inglês e planejarmos sempre as aulas com

músicas. Como fazemos parte da escola como professora percebemos ao longo da docência como a música é um elemento facilitador e que eles interagem e as aulas ficam mais significativas. Ao percebermos que quando as aulas aconteciam apenas com quadro, sem dinâmicas, o aprendizado não era o mesmo, escolhemos planejar a sequência didática com o tema música, trabalhando paralelamente os conteúdos, letras de forma/bastão/impressa e letras cursivas, leitura e interpretação, verbo *to be* e oralidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA NA EJA

A sequência didática foi uma proposta muito bem aceita pelos alunos, foi desenvolvida de forma prazerosa e significativa, pois os alunos participaram das atividades, através de rodas de conversas, atribuindo as atividades relacionadas com os conteúdos advinda da reflexão sobre a letra da música. Ao trazeremos a música de Michael Jackson, pedimos para que cada um deles lessem os verbos, trabalhando a oralidade, por que segundo o PCN (2001):

A linguagem oral é o meio linguístico primordial dos seres humanos. É basicamente através da comunicação oral que nós desenvolvemos como participantes de uma cultura [...] Mesmo a aprendizagem da leitura e escrita depende fundamentalmente do comentário oral sobre o texto escrito (BRASIL, 2001, p. 52).

Percebemos que os alunos decodificaram as letras conseguindo ler na maioria das vezes apenas quando elas estavam na ordem, quando perguntamos as vogais aleatoriamente eles têm dificuldades em responder. Observamos que muitas vezes a música não é trabalhada de forma eficiente, pois limita-se apenas ao aspecto da diversão e do cantar. Neste contexto devemos superar essa dimensão e incorporar em nosso planejamento questões que envolvam sobre quando vamos trabalhar a música e definir nossos objetivos. Essa sequência didática como trabalho de intervenção promoveu a aquisição de conteúdos de forma simples, significativa e prazerosa. É importante destacar que as aulas tradicionais de língua estrangeira podem ser eficientes, no entanto, dependendo da forma como são trabalhadas, podem se tornar monótonas para os alunos.

Por isso procuramos uma música conhecida e que eles gostassem. O trabalho realizado com música busca tornar o aprendizado de inglês mais divertido e consistente, porque possibilita que o aluno se familiarize com o modo de ser de outros povos e desenvolva um vocabulário ativo.

Os desafios de trabalhar com música foram superados e possibilitaram aos alunos uma aprendizagem significativa, pois os alunos interagiram e participaram de toda aula, com um pouco de timidez, mas participaram. Percebemos que os alunos gostaram de participar das aulas, de falarem um pouco, de se expressarem, apresentando suas histórias, suas experiências e saberes muito mais importantes e que precisam ser discutidos na sala de aula. E como educadores, precisamos valorizar esses saberes. De acordo com Oliveira:

O adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daquele da criança e do adolescente. Traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas (OLIVEIRA, 2001, p. 18).

Para nós, esses saberes são muito significativos, a cada dia de aula da sequência aprendemos mais com esses alunos, nos tornando melhores, graças a toda experiência que eles nos mostravam. Percebemos este ser o papel do educador, permitir aos alunos nos mostrarem seus saberes e nos propormos com eles também a aprender. Ao finalizarmos a aplicação da sequência didática e diante das falas dos alunos acreditamos que contribuímos um pouco para a formação daqueles alunos. Baseada nos conhecimentos adquiridos durante toda a graduação no curso de Língua Inglesa e vivência no curso de aperfeiçoamento EJA pudemos colocar em prática todo aprendizado, além disso, essa vivência trouxe grandes experiências enquanto professora. No sentido de que conhecemos e podemos vivenciar as dificuldades e especificidades do público dessa modalidade de ensino.

Figura 1 - Corrigindo as atividades



Fonte: Acervo da professora.

Figura 2 - Traduzindo a letra



Fonte: Acervo da professora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Curso de Aperfeiçoamento favoreceu reflexões e muito aprendizado para trabalhar com a EJA, os encontros presenciais foram ricos em conhecimento e troca de saberes. Observamos ao longo da sequência que todos os alunos da turma trabalham e que optaram por voltar a estudar devido as cobranças no trabalho ou por quererem subir de cargo no emprego. O fator econômico

é um dos principais motivos para o regresso a escola, lugar bastante temido por alguns alunos. E que é a vontade de mudar o padrão de vida, de ascender socialmente ou como eles mesmos dizem “ser alguém na vida”, que os motiva a voltar para a escola.

Ao pensarmos sobre a Educação de Jovens e Adultos percebemos a importância de se promover mais reflexões e discussões acerca deste nível de ensino, por percebermos que ainda sofre grandes influências da educação que é destinada às crianças. É preciso compreender a importância da alfabetização e pós-alfabetização, a luz das especificidades dos alunos da EJA com suas histórias e conhecimentos.

Durante todo trabalho, reflexões sobre nossa prática ocorreu, para assim poder avaliar os alunos. A partir da avaliação é possível identificar a qualidade da aprendizagem de cada aluno, dando ao professor uma oportunidade de perceber seu trabalho. A professora regente da turma da EJA, que executamos nossa sequência didática enfatizou a necessidade que os alunos têm de fazer a prova como único meio de avaliação.

Segundo Luckesi (1998, p. 14): “A prática da avaliação da aprendizagem, para manifestar-se como tal, deve apontar para a busca do melhor de todos os educandos, por isso é diagnóstica”. Portanto, a avaliação e a aprendizagem, estão relacionadas e fazem parte do processo educativo cotidiano. Os alunos da turma na qual fomos necessitam de medir seus conhecimentos através da prova. À medida que a avaliação e a aprendizagem são processos com certo grau de distinção, ao mesmo tempo estão intimamente ligados, inter-relacionados.

Assim, posso dizer que aprendemos muito durante esses dias, principalmente que planejar não significa estar totalmente seguro, que o planejamento está sujeito às mudanças, e nós precisamos estar em constante processo de adaptação. Assim, concluímos que a experiência foi muito proveitosa e nos ajudou a perceber as singularidades de cada aluno e que cada um se desenvolve de um jeito e ao seu tempo, e nós precisamos nos adaptar a esse ritmo que nos é apresentado no cotidiano escolar.

A partir das reflexões chegamos a conclusão de que uma nova proposta de estudos seria muito importante para uma reflexão mais relevante sobre as

metodologias de ensino adotadas para o trabalho com os jovens e os adultos da EJA, pois o processo de ensino-aprendizagem nessa modalidade de ensino é uma questão que carece de muitas reflexões, além de uma proposta adequada e uma metodologia eficaz, uma metodologia lúdica, sem ser infantilizada.

Enfim, acreditamos que um dos caminhos para uma Educação de Jovens e Adultos passa pela democratização do ensino, onde todos possam de forma igualitária opinar pelo que se quer aprender e ensinar, para que possamos assim usufruir de forma plena de uma educação significativa e que proporcione a quem dela participa uma formação de qualidade.

Portanto, ao final deste trabalho, percebemos que nossos olhares para a Educação de Jovens e Adultos se amplificaram, nos tornando mais consciente da importância de um trabalho pensado especialmente para este público, e da importância de intensificar este trabalho, indo para além da sala de aula, e tornando toda escola um ambiente propício para o saber.

REREFÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília.

GARCIA, Renata Monteiro, SILVA, Marluce Pereira da. **EJA, Diversidade e Inclusão**: reflexões (im) pertinentes. Paraíba, João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: Estudos e Proposição. São Paulo: Cortez, 1998.

OLIVEIRA, Maria Kahl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimentos e aprendizagem. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Educação de jovens e adultos**: novos leitores, novas leituras. Campinas, SP: Mercado das letras: Associação de Leitura do Brasil: ALB: São Paulo: Ação Educativa, 2001. (Coleção Leituras do Brasil).

RIBAS, Maria Guiomar de Carvalho. Coeducação musical entre gerações. In: SOUZA, Jusamara (Orgs.) **Aprender e ensinar música no cotidiano**. Porto Alegre: Sulina, 2009. pp.141-165.

Sequência didática – geometria espacial nas formas dos minerais em salas de EJA

Lúcio Flávio Moreira Cavalcanti
Maria de Fátima M. dos Santos
Célia Regina Teixeira

1. INTRODUÇÃO

A Matemática no contexto da prática escolar não é muito desafiadora e motivadora, por isso é fundamental que os professores busquem estratégias de ensino e aprendizagem focadas no desenvolvimento da curiosidade, motivação e a capacidade crítica dos alunos. Além desse entrave, muitas vezes, os discursos nas escolas entre alunos, professores e pais é que é muito difícil aprender matemática e os livros didáticos colaboram ao trazerem textos descontextualizados do dia a dia dos alunos e serem utilizados como uma ferramenta mecânica, sem despertar interesse e desafiar o aluno.

No contexto da matemática, a geometria nem sempre é vista como um elemento a ser valorizado. Muitos valorizam o cálculo, desconsiderando a geometria. O estudo da geometria, principalmente no que diz respeito à expressão gráfica das formas e suas relações matemáticas, é fundamental ao desenvolvimento do raciocínio do estudante. Na atualidade, percebemos que boa parte dos alunos terminam a educação básica sem ter uma base suficiente sobre este assunto. Ainda, observamos que as políticas públicas da educação também tratam as possíveis deficiências de conteúdos dos educandos, apenas com a questão do ato de ensinar, mas pouco se sabe sobre a realidade do conteúdo oferecido por elas.

Neste sentido, pensamos que para modificar esse quadro, devemos buscarmos um meio de iniciar os alunos nesse conteúdo por meio de um trabalho prático. Analisando as formas geométricas encontradas na natureza, através dos

cristais de minerais. Sendo assim, o professor ao planejar essa atividade, precisa sentir-se como agente motivador no ensino e aprendizagem da Matemática, incentivando os alunos a buscarem fontes e documentos que mostrem a contribuição desse ramo da Matemática a partir de pesquisas bibliográficas feitas na *internet* e através de aulas de campo. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A abordagem tradicional, que se restringe a métrica do cálculo de áreas e volumes de alguns sólidos, não é suficiente para explicar a estrutura de moléculas e cristais em forma de cubos e outros sólidos, nem tampouco justifica a predominância paralelepípedos e retângulos nas construções arquitetônicas ou a predileção dos artistas pelas paralelas nas pinturas e esculturas. Ensinar geometria no Ensino Médio deve possibilitar que essas questões aflorem e possam ser discutidas pelos alunos (BRASIL, 1997, p. 119).

Neste contexto, observamos que o ensino de Matemática tem sido monótono, onde o professor esclarece conceitos fundamentais por meio de aulas expositivas, sem fazer com que o educando se sinta parte do processo de aprendizagem. Logo, acreditamos que por meio dessa proposta buscamos com que o aluno através de pesquisas e aulas diferenciadas desenvolvam aptidões para evoluir na aprendizagem, considerando seu próprio ritmo.

Acreditamos que a geometria espacial, possa cada vez mais ser ensinada de maneira aplicada e prática, principalmente quando o aluno é levado a observar as formas que estão em nosso mundo, tanto na natureza como as formas construídas pelo homem. Neste aspecto o estudo da Geometria nas aulas de matemática, com o conhecimento das formas dos minerais, busca desenvolver uma melhoria na aprendizagem, bem como desenvolver o raciocínio lógico matemático e ainda aplicar os conhecimentos adquiridos no projeto em novas experiências pedagógicas.

Assim, torna essencial no desenvolvimento dessa sequência didática que os educandos possam desenvolver o raciocínio lógico matemático com atividades que contribuam para a construção de significados de áreas e volumes, estimulando a curiosidade e a investigação, por meio de diferentes modos de

representação, como linguagem verbal, pesquisas virtuais, em bibliotecas e utilização de ferramentas tecnológicas, despertando a participação do aluno nas atividades escolares.

Pretendemos demonstrar a presença da geometria no nosso dia a dia e na natureza, visando despertar o interesse dos alunos nesta área e melhorar a sua visão espacial, auxiliando-os na distinção entre o tridimensional e o plano. Entretanto, buscaremos também explorar as características dos poliedros e corpos redondos, através da observação dos cristais de minerais e rochas.

Portanto, buscamos ao longo desse projeto, depois de toda vivência no curso de aperfeiçoamento de educação de jovens e adultos, todas aulas presenciais, textos e vídeos disponíveis na plataforma, favorecer que o aluno desenvolva o gosto pela leitura, pesquisa, prática e, principalmente, pelo estudo da Matemática. Nessa perspectiva, buscamos em consonância com o projeto político pedagógico da escola, inserir esse aluno num mundo em constante mutação. Valorizando a importância que cada um tem dentro nessa sociedade em constante mutação e com tantas diferenças.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo da Geometria é um tópico bastante questionado em reuniões pedagógicas de Matemática, principalmente aquelas voltadas para o público da EJA. Logo, ao longo do desenvolvimento desse curso de aperfeiçoamento buscamos trabalhar uma sequência didática de forma interdisciplinar aliada ao conhecimento das formas dos minerais, na busca por uma melhoria na aprendizagem, bem como desenvolver o raciocínio lógico matemático e ainda aplicar os conhecimentos adquiridos na sequência didática em novas experiências pedagógicas.

Assim sendo, partimos dos conceitos de perímetros, áreas e volumes de figuras planas e espaciais, demonstrando que as aulas de geometria espacial são fundamentais para um melhor aprendizado na Matemática, além de estimular a curiosidade em relação a esta ciência. Partindo dessa perspectiva o educando começa a desenvolver uma postura crítica com relação ao estudo da Matemática.

As várias formas encontradas na natureza têm chamado a nossa atenção há muitos séculos. Ao observar as formas dos cristais e rochas encontrados na natureza, percebemos que parecem que foram esculpidos por nossas mãos e não pela ação do tempo. Através desse estudo, podemos trabalhar a Geometria com os problemas relacionados ao meio ambiente, entre outras, permitindo ao docente uma concepção social que o aluno poderá contextualizar no universo da sala de aula. Partindo desse princípio, o aluno cria uma abstração de um mundo que faz parte de sua realidade.

Portanto, esse trabalho teve por finalidade demonstrar aos alunos e a comunidade escolar que o estudo da geometria espacial é algo fundamental para construção do mundo e ainda, demonstrar que tal ramo da Matemática pode fazer com que o aluno perceba a geometria de maneira que possa unir a compreensão da teoria, a aplicabilidade dos conhecimentos científicos e a realidade.

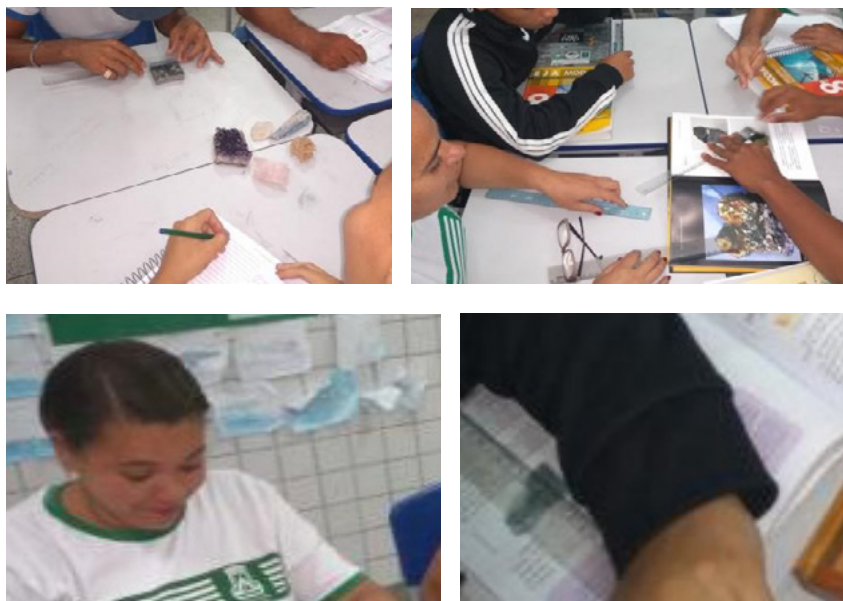
A sequência didática e suas etapas:

1ª etapa: Sugerimos aos alunos que fizessem uma pesquisa bibliográfica sobre os Cristais de Minerais encontrados na natureza e suas formas. Foi feita a pesquisa na *internet*, em seguida, os alunos socializaram para a turma a partir das equipes selecionadas.

2ª etapa: Pedimos para cada equipe socializar as pesquisas feitas por eles e, ainda, observamos a compreensão de cada equipe.

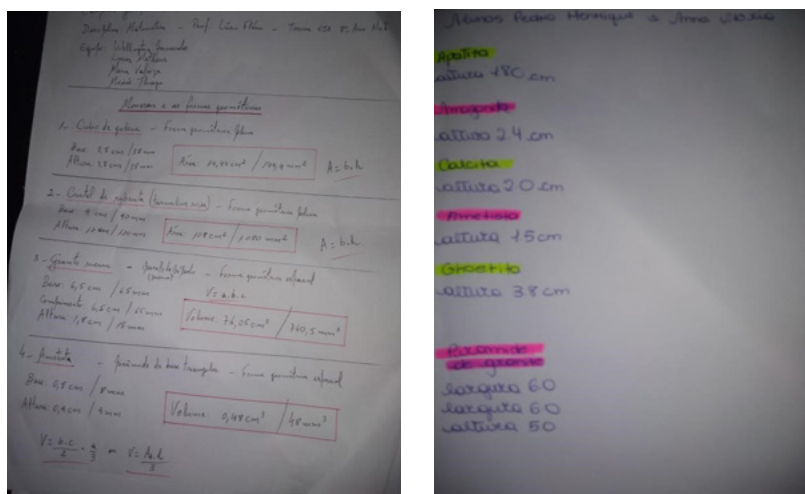
3ª etapa: Mostramos aos alunos alguns minerais que apresentavam hábitos com formas geométricas bem definidas, e também alguns blocos de rochas ornamentais para que eles aprendessem as noções de perímetros, áreas e volumes de figuras tridimensionais.

Figura 1 – Alunos aprendendo a manusear as formas planas e espaciais



Fonte: Acervo particular da autora

Figura 2 – Atividades envolvendo formas espaciais e minerais



Fonte: Acervo particular da autora

4ª etapa: Solicitamos a turma que confeccionassem *banners* para serem apresentados para toda a comunidade escolar e local, na mostra pedagógica da escola, cujo tema será “Meio Ambiente”. Além disso, o professor de Geografia da turma dará suas contribuições como forma de auxiliar os alunos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do desenvolvimento dessa sequência didática percebemos que houve um avanço significativo na aprendizagem dos alunos, uma vez que eles começaram a perceber que a Geometria Espacial pode ser aplicada em situações do nosso cotidiano. E que muitas vezes nem percebemos. Os alunos fizeram a pesquisa bibliográfica dos cristais de minerais e suas formas, e observaram que existem inúmeras aplicações desses minerais na indústria, que contribuem para o desenvolvimento econômico de nossa sociedade.

A turma de alunos da sala, foi dividida em grupos e cada grupo desempenhou uma função importante na hora da socialização com a turma. Foi visível a importância dessa etapa de interação, numa perspectiva de possibilidades de interação e respeito com o trabalho executado.

Para isso, vale destacar que a intervenção sistemática do educador é elemento primordial para o sucesso de uma proposta de interdisciplinar, pois é de forma planejada tendo como ponto de partida os saberes iniciais e de chegada, o que eles aprenderam com o foco no desenvolvimento integral dos alunos.

A pesquisa virtual inicial demonstrou que a partir desse desenvolvimento os alunos chegaram as aulas com um conhecimento prévio do que estava sendo abordado, já as aulas interdisciplinares proporcionaram espaços para que os alunos fossem mais atuantes e participativos, construtores do próprio conhecimento, descobrindo que o estudo dos minerais e suas formas geométricas é mais do que um mero aprendizado de Geometria espacial. Através de aulas práticas os alunos aprenderam a interagir com as suas próprias dúvidas, chegando a conclusões, à aplicação dos conhecimentos por eles obtidos, tornando-se protagonista do seu aprendizado.

Dentro dessa sequência, o papel do professor orientador vai além de apenas acompanhar o desenvolvimento das atividades, torna-se um provocador

que acredita no potencial dos seus alunos, e, na etapa de socialização para a comunidade escolar, enquanto espaço que todos mostram que compreenderam e aprenderam ao longo das etapas da proposta. Houve alunos que muitas vezes não aprendiam os conteúdos trabalhados e tinham dificuldades de expor suas dúvidas, hoje eles são participativos e agentes de sua aprendizagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento dessa proposta com a turma do 8º ano da EJA, turno noite, foi muito gratificante, pois, constatamos que o envolvimento seguido da aprendizagem dos alunos durante a execução da sequência didática, bem como, a relação com a disciplina tornou-se mais dinâmica e motivadora. Ainda, observamos que muitos alunos não conheciam nada sobre minerais e rochas, nem mesmo sua relação com as formas espaciais.

Na etapa inicial alguns alunos sentiram dificuldades em fazer pesquisas na *Internet*, mas com o auxílio do professor de Matemática tudo foi sendo amenizado, outros alunos demonstraram senso crítico na hora de fazer uma pesquisa e, recorrem aos professores de Matemática, Geografia e Artes para fundamentar suas pesquisas. Mas, todas essas dificuldades foram sanadas ao longo das atividades propostas, onde os alunos tiveram um avanço na aprendizagem dos conceitos matemáticos, melhorando assim o seu rendimento e, ainda perceberam a relação da Matemática com outros ramos do conhecimento.

Além disso, as equipes formadas pelos grupos, mostraram criatividade nas apresentações do tema, fazendo com que as pesquisas executadas pelos grupos fossem vistas com olhos aprovadores e que mereciam respeito. Para o professor foi gratificante porque percebe que através desse estudo, pode encontrar uma nova forma de ensinar, motivando e despertando interesse mútuo na Matemática, tanto da parte dele como da parte do aluno, o que foi e será muito importante para o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem.

Sendo assim, essa sequência foi de grande utilidade para todos nós, representando uma situação rica e desafiadora tanto para os alunos como para a professora. Pois, o ensino tradicional não atende às dificuldades que alguns alunos apresentam, fazendo emergir a necessidade de uma intervenção pedagógica,

onde o aprender a aprender faça parte do cotidiano dos alunos e professores. A mudança da metodologia teve um papel principal na transformação do processo de ensino aprendizagem. Para o aluno, isso ocorre, principalmente quando percebemos o prazer de participar da produção e criação das ideias, envolvidas no projeto de matemática. E para o professor, porque pode encontrar nas atividades propostas uma maneira significativa de ensinar, compreender, trabalhar e estabelecer relações entre a Matemática com seus conteúdos e outras disciplinas e seus conteúdos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Matemática. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Ensino Médio – Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Brasília, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Meio Ambiente. Brasília: MEC/SEF, 1997. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM). Parecer CEB nº 15/98.

Disponível em <http://www.cefetce.br/Ensino/Cursos/Medio/parecerCEB15.htm>. Acesso em 15 de ago 2008.

GARCIA, Renata Monteiro, SILVA, Marluce Pereira da. **EJA, Diversidade e Inclusão**: reflexões (im) pertinentes. Paraíba, João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

MACHADO, N. J. **Matemática e Educação**: alegorias, tecnologias e temas afins. São Paulo: Cortez, 1992 (Coleção Questões da Nossa Época, n. 2).

Adequação de material didático na educação de jovens surdos na EJA

Adilma Gomes da Silva Machado
Maria de Fátima Macedo dos Santos
Francymara Antonino Nunes de Assis

1. INTRODUÇÃO

Os discursos acerca do sistema educacional brasileiro anunciam a importância da Educação dos Surdos como ato inclusivo num sistema que tem a finalidade oficial de garantir o acesso e o sucesso da aprendizagem desses sujeitos, bem como valorizar os processos linguísticos, cognitivos e culturais da comunidade surda. Com isso é através da Educação Inclusiva que o sujeito surdo está integrado nos espaços educacionais, pois esses espaços ampliam a participação de todos os estudantes nos estabelecimentos de ensino regular, visto que essa ação surgiu como forma de garantir a permanência dos educandos com alguma especificidade no sistema educacional.

Assim o presente trabalho de conclusão do curso de aperfeiçoamento tem como objetivo trazer reflexões e discussão sobre a formação continuada do professor na perspectiva de educação inclusiva do sujeito surdo, tendo como base a proposta de ensino do Decreto nº 5.626/05, que determina a obrigatoriedade da disciplina Língua Brasileira de Sinais (Libras, a seguir) nos cursos de formação de professores, fonoaudiólogos e demais cursos superiores, na categoria optativa.

A proposta delineou-se, em seu caráter analítico e interpretativo, na dimensão histórica, social e cultural do surdo, em que a língua de sinais é instrumento de comunicação e expressão da identidade da pessoa surda. A Língua Brasileira de Sinais pertencente à comunidade surda brasileira assim como afirma a Lei de Libras nº 10.436/02, todavia encontramos desafios desde a formação do professor até no manejo da sala de aula, devido à falta de informação

e formação que atenda a necessidade dos estudantes. Conseqüentemente o processo de ensino aprendizagem não apresenta uma metodologia adequada, uma vez que a proposta de educação para as pessoas surdas deve ser na modalidade bilíngue. Sendo assim, se faz necessário refletirmos sobre uma educação de surdos que desenvolva um currículo que contemple elementos que fortaleçam a sua identidade.

Diante do exposto, apontamos a necessidade de ter escolas preparadas para oportunizar de fato ao sujeito surdo uma educação bilíngue, que ofereça instrutor, tradutor/intérprete de Libras, tecnologia assistiva, professores bilíngues preparados à realidade do educando e uma comunidade escolar interativa. Neste contexto, não podemos exigir do surdo algo que não é de sua competência linguística (língua oral), e compreender que é direito da pessoa surda o uso da língua de sinais na comunicação e formação de conhecimento de mundo.

Apesar das lutas e conquistas da comunidade surda, o que nós sentimos no dia a dia é que falta muito ainda para que os surdos possam receber uma educação adequada e humanizada. A realidade que vivencio, por exemplo, na instituição em trabalho EEEFM Padre Roma (João Pessoa-PB), os alunos da EJA têm livros, mas não tem material didático para o aluno surdo que acompanhamos. Isso é mais uma barreira que o aluno surdo enfrenta, dificultando assim que acompanhe a aula. É na escola citada acima que foi realizada a Sequência Didática com o objetivo de fazer os apontamentos para a construção do Trabalho de conclusão de curso.

Assim, conhecendo a realidade da educação em que o sujeito surdo está inserido, como o material disponível nas escolas são direcionados para os ouvintes e sabendo das dificuldades do professor adaptar o material para outra língua, até mesmo pela falta de conhecimento da Libras, procuramos conversar e esclarecer essa situação para os professores. Com isso, nos disponibilizamos a fazer as adaptações necessárias dos materiais didáticos para que o aluno surdo tenha condições de acompanhar as aulas com facilidade e qualidade. Compreendemos que é direito do surdo receber educação na sua primeira língua, que é a Libras.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

O fato do sujeito surdo estar inserido no sistema educacional, não garante o seu desenvolvimento na comunicação e aprendizagem, pois nem sempre seu atendimento educacional é satisfatório e acontece como deveria. Não por falta de interesse dos profissionais que o cercam, mas pela falta de conhecimento da cultura surda. Esses profissionais poderiam participar ativamente do desenvolvimento educacional dos surdos que se encontram na escola, fazendo valer um direito conquistado pela comunidade surda.

Entretanto, destacamos que a principal dificuldade quando se trata de educação inclusiva é a formação inicial e continuada do professor, pois repetidas vezes, é mencionada a falta de preparo desse profissional no ambiente educacional. Neste contexto, Skliar traz algumas considerações, que nos chamam a atenção, em relação ao “estar preparado”, pois:

Afirma-se que a escola e os professores não estão preparados para receber os “estranhos”, os “anormais” nas aulas. Não é verdade. Parece-me ainda que não existe nenhum consenso sobre o que signifique “estar preparado” e, muito menos, acerca de como deveria se pensar a formação quanto às políticas de inclusão propostas em todo o mundo (2006, p.31).

Desse modo, acreditamos que os cursos de formação inicial e continuada para docentes contribuirão para a atualização científica, didática, humana, à medida em que se torna capaz de gerar conhecimentos, estudos de reflexão e experimentação por meio da prática docente (PIMENTA, 2002).

É por meio do esclarecimento, conhecimento e da comunicação com o aluno surdo que o profissional inserido na educação pode contribuir de alguma forma na interação do aluno surdo com os demais personagens que fazem parte do seu dia a dia.

Com essa atitude de interação, podemos evitar a violação desse direito quanto ao aluno surdo, evitando o isolamento que sofre, mesmo estando inserido no sistema educacional que se propõe garantir esse apoio e acompanhamento

para a sua inclusão educacional. Infelizmente, o que se vê é só a sua inserção na escola comum, pelo fato de se tratar de uma minoria linguística.

Nesta conjuntura, o trabalho pretende contribuir no desenvolvimento do respeito às características e às diferenças individuais, ampliando a permanência e habilidades nas relações interpessoais, de modo a se tornarem mais humanas e solidárias, atentando para o contato com as peculiaridades, possibilitando um trabalho cooperativo em função dos interesses e das necessidades dos alunos com surdez.

Não se pode imaginar um projeto de educação direcionado ao público da EJA sendo esse único e inflexível, que se aplique uniformemente nas diferentes realidades sociais brasileiras. Para se pensar em uma escola democrática e cidadã, é preciso ir muito além de uma prática pedagógica engessada e baseada no formalismo, na qual predominam as tarefas de planejar, executar e avaliar os conteúdos de ensino, sem ao menos pensar na diversidade que circulam os corredores de uma instituição, em específico da EJA.

A iniciativa destas reflexões se deu por entendermos que os direitos a comunicação do aluno surdo ocorrem tendo como mediador o profissional de intérprete de Libras. Observamos a necessidade de fazer um acompanhamento em relação à integração do aluno surdo com os demais alunos no ambiente escolar e os docentes, por isso a importância do mediador que vai facilitar de início a comunicação do surdo com os docentes e professores. Além de trabalhar a facilitação da comunicação, também devemos com os docentes esclarecer questões que vão da comunicação até a adaptação de materiais pedagógicos para alunos surdos nas diversas disciplinas do currículo escolar. Pelo fato desse aluno fazer uso de outra língua, o material adaptado facilita o seu acompanhamento durante as aulas e garante os seus direitos como cidadão usuário de uma outra língua.

Diante dessa realidade vimos a importância de oferecer um curso básico de Libras para a equipe escolar, pois é a partir desta ação que os profissionais envolvidos na educação dos alunos surdos estarão de fato preparados para uma comunicação completa, e capacitados para fazer a adaptação do material didático utilizado durante as aulas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA NA EJA

A presente proposta teve como objetivo sensibilizar estudantes, professores e funcionários da escola sobre a necessidade dos alunos ouvintes aprenderem o básico da Libras para que, dessa forma, a instituição de ensino pudesse garantir aos alunos surdos o direito a comunicação.

Com isso, foram realizadas atividades em que os docentes refletissem sobre a contribuição da escola no processo de socialização e aprendizagem do aluno surdo. Outras atividades envolveram incentivar os professores de cada disciplina a adaptar os materiais e a forma de abordagem nas aulas, de modo que o aluno surdo tivesse condições de acompanhar e se sentir parte daquele espaço escolar. Também discutimos com os professores como acontece o processo de aprendizado, compreensão e aquisição da Língua Portuguesa, com o agravante de que o ensino desta língua tem o livro didático comum como único material apresentado para o aprendizado da Língua Portuguesa (língua majoritária do país), inclusive para os alunos surdos.

Dessa forma, foram feitas adaptações de material didático para o aluno surdo, tendo como referência teóricos que apontam a necessidade de material didático específico, ampliando suas especificidades. Também discutimos a importância da educação do surdo, principalmente a garantia de seu direito à comunicação para assegurar a sua socialização como indivíduo que faz parte da unidade escolar.

Como atividades, foram realizadas palestras e oficinas sobre a educação do surdo como garantia de direito humano, na oportunidade os docentes apresentaram os resultados das suas aulas com o material adaptado, como também o rendimento do aluno surdo. Os desafios encontrados foram vários como, por exemplo, fazer um levantamento, através de questionário, junto aos professores das diferentes disciplinas e funcionários da escola sobre a interação e o rendimento do estudante surdo, tendo em vista que nem sempre os horários de trabalho eram compatíveis.

Na realização das oficinas pedagógicas com professores e funcionários sobre a língua de sinais não foi fácil, como também os encontros das rodas de

diálogo com projeção de filmes e documentários sobre metodologias de ensino e atividades de apoio ao processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos. Há, portanto, a necessidade de construção de uma cultura de colaboração coletiva para tornar as escolas mais inclusivas. Mesmo diante das dificuldades, todas as barreiras foram superadas, sendo possível a efetivação das atividades. Na oportunidade realizamos oficinas com discussão, aberta a toda a escola e comunidade, sobre a comunicação do surdo como direito humano e necessidade pedagógica. Discutindo também com os alunos uma possível proposta para que possam motivá-los a participar de forma mais ativa das atividades da escola, como também das reuniões pedagógicas. A direção da escola pôde contribuir em todas as atividades, priorizando a participação das turmas que têm alunos surdos, como também convidando sempre a família desse aluno para essas atividades. Foram realizados monitoramentos e avaliações durante todas as propostas de atividades, com o objetivo de verificar se estava havendo uma interação comunicativa dos alunos surdos com os alunos ouvintes, além do corpo docente e equipe de apoio.

A intenção das intervenções era que houvesse uma comunicação entre o aluno surdo e os demais alunos, como também com o corpo docente e demais profissionais que atuam na escola, porque o que verificamos é que, vendo o aluno junto com a intérprete, todos acreditam que está tudo resolvido, mas não é assim.

A intérprete é a mediadora entre o surdo e os ouvintes, e não a professora. Com a aplicação das atividades essa visão errônea em relação ao surdo começou a mudar, e percebemos como foi positiva a intervenção. Essa é uma das nossas inquietações em relação ao atendimento educacional ao aluno surdo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização das atividades ficou evidente que as atividades diárias desenvolvidas na sala de aula pelos docentes possibilitam ao aluno surdo desenvolver tarefas de acordo com a sua realidade, se o material didático adequado for utilizado. Sabemos que a atuação do professor está ligada à sua dedicação e observação. E é a partir dessa observação que temos o resultado e conhecemos a necessidade de mudança.

Portanto, é esse o ponto norteador que mobiliza seu saber para que novas mudanças sejam feitas, possibilitando o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos. Logo, o desenvolvimento do material didático específico que auxilia no processo de educação de alunos surdos se torna positivo em relação à interação desse sujeito no aspecto social.

Dessa forma, podemos ressaltar que esse processo é decisivo para o desempenho de uma prática de ensino eficaz e produtiva. O desenvolvimento do material didático específico tem como objetivo auxiliar o aprendizado de alunos surdos, com alguns aspectos que devem ser bem elaborados. Por essa razão, é preciso investigar e conhecer as particularidades linguísticas das duas línguas que se pretende trabalhar. É importante, também, refletir sobre as escolhas metodológicas e, sobretudo, satisfazer as necessidades de interação de alunos surdos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua brasileira de sinais – libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidente da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 3p, 2005

BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais – libras e dá outras providências. Disponível em: www.portal.mec.gov.br/CICCONE, Marta. Comunicação total. 2. ed. Rio de Janeiro: Cultura

GARCIA, Renata Monteiro, SILVA, Marluce Pereira da. **EJA, Diversidade e Inclusão**: reflexões (im) pertinentes. Paraíba, João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

PIMENTA, S.G; GHEDIN, E. **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

SKLIAR, Carlos. et al. **Educação & Exclusão**: Abordagens sócioantropológicas em educação especial. 5.ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

A importância da família na educação de jovens e adultos

Keila Lourenço da Silva
Maria de Fátima Macedo dos Santos
Maria Valdenice Resende Soares

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade, refletir sobre o perfil do aluno da EJA e elaborar e executar uma sequência didática, envolvendo a temática família com uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Neste artigo concebemos que alfabetizar uma classe com jovens e adultos que não terminaram seus estudos em idade própria, vai além do que dotá-los da leitura e escrita. Alfabetizar ou ensinar jovens e adultos é levá-los a se sentirem pertencente ao mundo em que vivem. Muitos já não se sentem pertencente ao mundo que o rodeiam, principalmente em uma era dinâmica, tecnológica e diversificada.

Assim é preciso, em primeiro lugar, entendermos quem são os sujeitos que faz parte da Educação de Jovens e Adultos. Sujeitos esses, que outrora não puderam terminar seus estudos por muitos motivos, e que agora procuram reparar o tempo perdido. No entanto, há uma nova versão para composição de uma sala da EJA que são os jovens, que por motivos de evasão ou repetência voltam à sala. Porém, nesse novo contexto, a sala da EJA cria nova versão contendo múltiplas identidades e novos desafios.

Para pensar nos sujeitos em uma sala da EJA, se faz necessário pensar no papel do professor desse segmento, uma vez que sabemos que a experiência docente envolve vários saberes entre eles os adquiridos no âmbito acadêmico, no dia a dia através das experiências nas relações professor e aluno, professor e professor e professor e comunidade escolar. Com isso é preciso estabelecer uma

relação social, através de diálogos com os sujeitos. Respeitando o seu mundo e os conhecimentos que cada um deles traz consigo.

Ao ingressar em uma sala da EJA, o professor precisa desconstruir o discurso que o ensino deve ser ligeiro, para reconstruir uma nova identidade levando em consideração as singularidades e histórias de cada indivíduo. Para Caldeira (2000) a “[...] identidade profissional baseia em tripé envolvendo construção/desconstrução/reconstrução permanente” (2000.p.2). Ou seja, cada sala, cada espaço educativo requer uma constante redefinição por parte do professor, considerando que ao mesmo tempo em que ele ensina, ele aprende.

Mediante discussões realizadas em sala sobre abordagem da sequência didática para desenvolver nesta turma da EJA, surgiu uma temática curiosa, que foi envolver o tema FAMÍLIA, algo simples, todavia, muito importante, por existir muitas opiniões diversificadas sobre o assunto.

Na escolha da temática tivemos a surpresa de quando anunciado o tema na sala de pós-graduação, ocorreram alguns espantos e caras de descontentamento, os quais me deixaram intrigadas. Mesmo cada um fazendo parte de uma família, seja ela em qualquer contexto, parar para refletir ou abordar o tema para muitos ainda existe o receio e o desconforto em discutir tal assunto, por considerá-los de ordem particular e delicado para se discutir com alunos jovens e adultos.

Na Constituição Federal do Brasil (1988) houve uma modificação sobre a concepção de família, reconhecendo todos iguais perante a lei, muitas mudanças ocorreram e foram de suma importância, pois os padrões cristalizados e existentes sobre família, foram quebrados e aceitos na sociedade, mesmo nos dias atuais com o auxílio das políticas públicas para isso.

O objetivo da proposta foi os alunos da EJA fazerem uma reflexão sobre o tema família, analisando o conceito, os diferentes tipos de famílias, bem como sua importância e assim, refletirem como o indivíduo da EJA se reconhece como membro da família em que vive.

2. METODOLOGIA

A abordagem metodológica tratada nessa intervenção foi baseada em uma pesquisa social, a partir de uma aplicação de uma Sequência Didática, com atividades interativas e questionário aplicado a uma sala da Educação de Jovens e Adultos. Isso para atender o objetivo de refletir sobre a temática Família estabelecendo uma mediação entre os conceitos que possuem com a realidade em que nos encontramos.

A visita para realização da intervenção ocorreu no Centro Educacional Osmar de Aquino, localizada na cidade de Guarabira/PB. Uma escola municipal com boa infraestrutura para realização dos trabalhos pedagógicos. Conforme pode ser observado na figura 01.

Figura 1 – Centro Educacional Osmar de Aquino – Guarabira/PB



Fonte: Acervo da pesquisadora

Fomos bem recebida pelos gestores, coordenadora e todo corpo docente. A qual a coordenadora acompanhou-nos na realização da atividade, me apresentando a sala. Nessa escola funciona os turnos da manhã, tarde e noite, sendo que a tarde funciona duas salas da EJA dos segmentos IV e V, ou seja (8º e 9º ano).

A execução da sequência didática ocorreu em uma sala da EJA no segmento IV- 8º ano. Uma sala bem frequentada por 18 alunos. É uma sala mista em termo de gênero e idade. Sendo oito do sexo femininos e nove do sexo

masculino, a maioria das meninas são casadas e mais velhas e os meninos em sua totalidade mais jovens. Uma sala bem participativa para debate, no entanto quando foi proposto um questionário alguns jovens não se sentiram confortáveis em responder. Justificamos que escolhemos o questionário, por ser uma das formas mais eficaz para coletar dados. Ela se insere em um espaço conceitual maior que é a interação propriamente dita que se dá no momento da coleta. Nesse sentido, para nós, ela pode ser concebida como um processo de interação social.

Com os questionários pudemos conhecer a realidade dos discentes. Segundo GIL (2008), os questionários têm o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, etc. E com base nesse pressuposto utilizamos desse instrumento para a realização da pesquisa para compor o artigo, além das atividades realizadas com a aplicação da sequência didática.

As atividades iniciamos com uma roda de conversa sobre o tema e ouvi as opiniões dos alunos da EJA. Fizemos uma dinâmica da árvore da família e os frutos que ela produz. Trabalhamos também a música Família do grupo Titãs.

Propusemos um questionário para conhecimento da turma composto de cinco perguntas abertas, em que os alunos iriam relatar alguns fatos sobre sua família, e como era a participação dos mesmos em sua vida. Abordar o tema Família foi usado com o intuito de levar os alunos a fazerem uma reflexão sobre essa instituição tão presente e marcante em nossa sociedade, e que ao longo do tempo tem passado por transformações e mudanças. Com sua reorganização muitas dificuldades e violências as famílias enfrentam e assim debater sobre isso é parte do momento presente de todos nós.

Os conteúdos abordados foram de História - onde foram trabalhados os conceitos e a composição atual dos grupos familiares, Língua Portuguesa com o questionário proposto, leitura da música e produção oral.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme já mencionado, nosso artigo teve como proposta relatar o resultado de uma sequência didática em uma sala da EJA com o tema família, pois nos dias atuais encontramos uma diversidade de modelos de famílias.

Ao chegar à escola, fomos bem recebida pela equipe e professores, assim como na sala também tivemos uma boa receptividade dos alunos e do professor titular da sala. No entanto ao relatar sobre o tema da aula, houve alguns sons de espantos como: Nossa! É difícil.

Em um primeiro momento foi realizado uma roda de conversa sobre o tema família, abordando as seguintes questões: O que é a família para vocês? É importante ter uma família? A participação foi intensa, houve relato da importância da família, os problemas que enfrentavam, a violência, o fato da ausência dos pais por terem que ir trabalhar e a estrutura familiar do passado e do presente.

Em um segundo momento foi proposto a eles formarem uma árvore, em que o tronco dessa árvore seria o nome FAMÍLIA (base). Levamos os desenhos das maçãs recortadas na qual eles iriam descrever quais os frutos que essa árvore (família) poderia produzir. Houve mais uma vez uma intensa participação da turma, todos participaram e escreveram. As respostas obtidas foram: união, paz, amor, felicidade, lealdade, respeito, compreensão.

Figura 2 – Turma EJA – IV ciclo/ 8º ano



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 3 – Árvore (família) e seus frutos



Fonte: Acervo da pesquisadora

Em outro momento propusemos um questionário com cinco perguntas a fim de obter informações sobre a família e como se expressavam através da escrita descrevendo seu núcleo familiar e como eles se veem dentro desse contexto. Conforme já descrito, o desafio encontrado por alguns jovens foi escreverem, não entanto esse desafio não impossibilitou a execução do trabalho.

Dos 18 entrevistados apenas três não responderam o questionário, eles terão seus nomes resguardados no anonimato e, com os demais trabalhamos por nomenclatura – A1 (Aluno 1) e assim sucessivamente.

Em outro momento, trabalhamos a música Família do grupo Titãs. Eles puderam cantar a música, sendo que alguns já conheciam (os mais jovens) e os que não conheciam puderam conhecer. Analisamos a música com as seguintes abordagens: Que atividades as famílias realizavam juntas? Suas famílias realizam as mesmas atividades que estão descritas na música? O dia a dia das famílias presente na música é igual ou diferente da época dos seus pais, avós? E hoje como são? Os alunos debateram sobre a música, expuseram seu ponto de vista, houve participação da sala em geral. E com base nessa música pudemos perceber a realidade da família de cada um, através da análise do questionário.

Em seguida, no conteúdo de Língua Portuguesa trabalhamos, o vocabulário das palavras, as palavras que rimam, classificação das palavras quanto ao número de sílabas, exercícios de revisão como algumas classes gramaticais, por exemplo: o Substantivo. Trabalhamos o gênero do substantivo, para eles apontarem as palavras do texto e transformariam o gênero feminino para o masculino. Ex: mamãe, tia, sobrinha, vovó, galinha e outras palavras que foram acrescentadas para fixação do conteúdo. Além de uma produção textual sobre A Importância das Mulheres na Família.

O resultado da aplicação dessa sequência didática foi um tanto desafiador, interessante e ao mesmo tempo intrigante. Por ser uma sala mesclada e isso foi importante para o desdobramento da atividade, as opiniões foram diversas e pudemos perceber que por ser um tema tão atual e presente na sociedade quando se volta para ele refletindo e discutindo, há total desconforto de alguns alunos. Durante as realizações da sequência, houve participação de todos, tanto nos debates, como na montagem da dinâmica (árvore), na análise da música, nas atividades escritas. Entretanto ao propor o questionário, houve certa relutância por parte de alguns, principalmente dos jovens. A sala foi participativa e não tivemos dificuldade em realizar as atividades escritas, pois já estavam em nível avançado de alfabetização, a leitura e escrita eram muito boas.

Abordar o tema Família na realidade atual do século que estamos vivendo, é um tanto desafiador, porque estamos no século XXI e o preconceito ainda é muito forte, sendo necessários políticas públicas em defesa desses modelos novos de família.

Vivemos em uma época que a família tem sofrido abalos interno e externo com várias interferências sejam elas política, social ou econômica. Segundo o dicionário Aurélio: o termo Família significa: “Grupo das pessoas que compartilham a mesma casa, especialmente os pais, filhos, irmãos etc. Pessoas que possuem relação de parentesco”.

Giddens (2013, p. 175) também confirma esse conceito ao afirmar que uma Família é um grupo de pessoas unidas diretamente por laços de parentesco, no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças”. Ou seja, esses laços para ele se formam através de casamento que sempre ocorre

na união entre dois adultos e que, por conseguinte esses laços aumentam com o ingresso de outros parentes.

Mesmo com as mudanças ocorrida no contexto familiar, de acordo com os questionários, ainda podemos perceber uma família formada por mãe, pais e filhos e que também na sua maioria surge outros parentes – esposo, filhos, netos etc. Em uma das questões analisadas foi perguntado, quais eram os membros da sua família? Como a maioria das alunas eram casadas se podia notar que além de sua família sanguínea, estas já constituíam outra família. Embora em alguns deles possa observar que alguns integrantes da primeira família, pai ou mãe não se encontram mais presente.

Nas repostas das perguntas do questionário observamos que na 1 - Quais eram os membros da sua família?

A1 – Mãe, Esposo e Filhos

A2 – Pai, Mãe, Maridos e Filhos

A3 – Pai, Irmãos, Maridos e Filhos

A4 – Esposo e Filhos

A5 – Mãe, Irmã, Padrasto e Cunhado

A6 – Pai, Mãe e Irma

Com as repostas, podemos observar que as relações familiares são vistas de muita importância para o convívio. E bem sabemos que umas das primeiras instituições que fazemos parte quando nascemos é a família, nela aprendemos crenças e valores e algumas regras para conviver em sociedade.

No entanto, as famílias vêm sofrendo inúmeras mudanças, principalmente com o advento da tecnologia. Essas mudanças são oriundas também a partir da Revolução industrial quando o modo de vida alterou o modo de viver das famílias, passando assim não só o pai que ir trabalhar, mais também a mãe. Para ajudar nas despesas da casa. Embora que, esse cenário não era bem visto por alguns alunos, os quais opinavam que a mulher deveria ficar em casa, essas observações puderam ser analisadas a partir da roda de conversa. Um ponto que merece ser destacado na família é a presença feminina em sua maioria e que também na ausência delas alegou sofrer abalos, levando-nos a entender que a família só estava segura com uma presença feminina – a mãe.

Um ponto destacado foi o hobby dos alunos com a família, com base na pergunta 2 - Que lugares sua família costuma frequentar?

A1- Igreja, feira

A2- Igreja

A3- Casa e Trabalho

A4- Igreja

A5- Igreja

A6- Igreja, Praça e Sítio

A7- Igreja

A8- delegacia, Hospital

As respostas apontam que as famílias também têm seus momentos de lazer sejam eles individuais ou em grupo. Pelo que podemos observar, a religião é um fator predominante no seio familiar, mesmo que frequentemente outros lugares, é a religião que os une. Giddens (2013) ressalta que “Ao longo de milhares de anos a religião tem tido um importante papel na vida dos seres humanos”. Isso implica dizer que ela pode tanto juntar quanto separar as pessoas, influenciando também em seu modo de viver.

É possível observar que o conceito de “família perfeita”, não está apropriado nessa análise, até porque toda família é composta de ser humano e cada um com suas particularidades. Mas é possível observar que, enquanto alguns caminham para um lazer em família, lugares que costumam frequentar. Há, no entanto, famílias que caminham para lugares opostos. Na fala desse aluno A8 é possível notar certo tom de revolta, que família para ele não era nada.

Nesse item, foi possível refletirmos em como se encontra a estrutura familiar no cenário atual da sociedade, e procuramos trazer respostas as indagações sobre a importância da família na EJA. Foi possível notar que para alguns alunos isso não ocorre, assim também para os que não responderam, pois não sentiam vontade de falar sobre suas famílias.

Um ponto a ser destacado, numa das perguntas do questionário foi saber como o indivíduo se vê dentro da sua família. Como é sua participação dentro da sua família?

- A1- diálogo para conseguir o que quer
- A2- participação importante desde a morte da mãe
- A3- só observo as coisas acontecerem
- A5- participação compartilhada se precisar ajuda
- A6- normal
- A7- presente
- A8- não participo de nada, nem tenho vontade

Observamos que quando se fala de pertencimento ao educando da EJA, não nos referimos apenas ao âmbito escolar, mas também no contexto familiar. Como a maioria dos alunos são casados, por conseguinte já se viam inseridos e com responsabilidade familiar, e assim também os jovens que mesmo sendo jovens exerciam um papel importante no seio familiar. Não importava a contribuição, estava na família ciente do seu papel de contribuição. É claro que em contrapartida tem os alunos que se abstraem e os que realmente não se importam em dar sua resposta.

Podemos afirmar que as discussões sobre o tema Família possibilitou-nos uma reflexão, que até para os próprios alunos não era esperada. Quando se debruçaram a pensar e discutir, ficou nítido que ainda é tabu para alguns falar sobre eles e os seus. Todos têm uma família, sabe como é composta, mas na hora de descrever ou pensar sobre o seu papel nela, surge um grande tremor. Sarti (1999) traz uma expressão bem singular para o tema quando diz que a família do século XXI “Com seus laços esgarçados, torna-se cada vez mais difícil definir os contornos que a delimitam”. As famílias estão sendo como elásticos, puxa de um lado, puxa de outro e a cada momento estão perdendo suas maneiras de relacionamento, pelas dificuldades da própria sobrevivência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começamos as considerações citando um poema de Fernando Pessoa: “Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer caminhos que nos levam aos mesmos lugares [...]”.

Pensar a Educação de Jovens e Adultos, é entender que os educandos são sujeitos ativos no processo histórico e que a cada momento é preciso de uma redefinição por parte do professor para melhor compreender as singularidades e particularidades de cada indivíduo da EJA.

Ao mesmo tempo em que intervir com a sequência didática em sala de EJA foi gratificante, paralelo a isso, um processo desafiador. Na sala onde a atividade foi realizada, embora fosse uma sala com poucos alunos, era uma sala mista, o que dificultou alguns trabalhos anteriormente desenvolvidos, de acordo com alguns professores da sala. Acreditamos que talvez essa dificuldade gire em torno do que se discutiu ao longo do curso, pois a sala da EJA não é mais aquela sala que era composta por adultos e idosos. Atualmente foi ingressado nela um grupo cada dia mais jovem, em decorrência de evasão escolar e de outros fatores. Assim, o professor da EJA deve considerar sempre seus educandos, suas respectivas faixas etárias e os conhecimentos que eles trazem consigo. Para isso muitas vezes, devem abrir mãos de metodologias tradicionais (em alguns momentos necessárias) para dar oportunidade a atividades mais ativas e participativas em que os educandos queiram, saber mais, sobre aquilo que não sabiam e, com isso venha se envolver mais em aprender. Sabemos que se os saberes forem contextualizados, de acordo com a realidade dos educandos e os educandos reconhecerem esse saber como parte do seu mundo, eles mais se envolveram.

Nesta conjuntura, para pensar em um currículo na EJA, é preciso reconhecer que os alunos são sujeitos ativos do processo tanto do ensino quando da aprendizagem. E que eles são dotados de singularidades, histórias e vivências que devem ser aproveitadas.

Isso justificou a escolha por nós do tema família, pois ao pensar em trabalhar o tema Família e conhecendo a diversidade da sala, buscamos trazer algo que não estava fora da realidade dos educandos, respeitando assim os saberes de cada um. Essa diversidade existente na sala da EJA instiga-nos como professor para a adoção de práticas pedagógicas inovadoras que atendam as multiplicidades desses sujeitos.

Entretanto, vale destacarmos que antes, porém, nós professores precisamos conhecer os sujeitos que vamos ensinar, não utilizando metodologias que irão infantilizá-los, mais sim os tornar protagonistas do seu processo de ensino.

Sendo assim, essas mudanças provenientes de reflexões do professor em sua formação, favorece diversificar suas práticas pedagógicas levando em consideração, as singularidades e subjetividades de cada educando da EJA.

Sabemos que a sociedade atual está mais “liberada” com relação aos novos modelos de famílias, através de muitas lutas empreendidas e vivenciadas por grupos sociais, onde muitos espaços têm sido conquistados, e apesar de ainda haverem muitos preconceitos e muitas coisas a ser mudada, nem sempre esse novo modelo esteve presente nas discussões entre os sujeitos.

O compromisso com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental (BRASIL, 1997, p. 15, v. 8).

Este compromisso deve ser assumido pela escola também no que diz respeito à família e aos assuntos voltados para formação humana. Para isso, torna-se necessário pensarmos em intervenções que possam levar os alunos a formar pensamento crítico sobre os mais variados temas.

Por fim, acreditamos que os objetivos propostos por esse trabalho educativo possam ser realidade, e passamos contribuir de fato para a conquista de uma educação de qualidade, que tanto gostamos de falar, e mais que isto contribuirmos para a conquista de uma educação para vida, se for executado de forma clara e objetiva respeitando toda forma de saberes que cada um dos alunos da EJA traz consigo.

REFERÊNCIA

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. In: <http://www.planalto.gov.br> - acesso em 01/09/2013.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (1ª a 5ª ano): apresentação dos Temas Transversais. v. 8. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF, 1997.

GARCIA, Renata Monteiro, SILVA, Marluce Pereida da. **EJA, Diversidade e Inclusão**: reflexões (im) pertinentes. João Pessoa/PB. Editora: UFPB, 2018. 478 p.

SARTI, Cynthia A. **Vida em família**. 6. ed. São Paulo. Cortez, 1999.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. São Paulo. 6. ed. 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

NASCIMENTO. Luiz Marine Jose do, SILVA, Rodrigo da Costa. **Alfabetização Inicial de Jovens, Adultos e Idosos**: a ousadia de fazer e o dever de mostrar. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2011.

Intervenções didáticas na EJA: um olhar interdisciplinar no meio ambiente e saúde

Isaque da Silva Rodrigues
Maria de Fátima M. dos Santos
Célia Regina Teixeira

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar reflexões sobre o ensino na modalidade de jovens e adultos na perspectiva da saúde e sustentabilidade como proposta transversal com alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito Gerbasi.

Para tanto, vale destacarmos que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui, de acordo com a LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96), uma modalidade específica da Educação Básica, pois é destinada ao atendimento dos jovens e adultos “[...] que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 1996).

Nesse sentido, dando continuidade a construímos uma explicação e conceitualização da modalidade de Jovens e Adultos, Oliveira (1996) aponta que “A EJA se define, portanto, pelas características e especificidades dos sujeitos jovens e adultos excluídos dos processos formais de escolarização”. De acordo, com isso ainda podemos inferir que muitos sujeitos deixam a escola por condicionantes sociais, por terem que ajudar na renda familiar. Pois quando falamos dos educandos dessa modalidade não falamos de Jovens e Adultos no geral, mas sim de um público muito específico. Quanto as especificidades dos sujeitos dessa modalidade, podemos levar em consideração o perfil em que a “[...] sua condição de não-crianças, sua condição de excluídos da escola e a sua condição de membros de determinados grupos culturais” (OLIVEIRA, 1996 p.3).

Diante dessa especificidade, a formação continuada dos profissionais que atuam nessa modalidade necessita estar condizente aos desafios e multiplicidades que compõem as salas de aulas. Na Paraíba a educação de jovens e adultos é vista como algo secundário, mesmo tendo ocorrido avanços em números de escolas ofertando essa modalidade. No município de Mamanguape, local que residimos poucas escolas ofertam a EJA nos primeiros ciclos. Além de ocorrer poucas formações e direcionamentos para os profissionais que nelas atuam.

Utilizamos para ilustrar essas palavras relatos sobre a experiência docente na EJA, Ireland (2000, p. 1), que ao tratar da formação de educadores e alfabetizadores de adultos nos afirma que:

[...] a história da formação de educadores para a educação de adultos, seja popular ou não popular no Brasil tem sido marcada, na maioria das experiências de grande ou pequena escala, pelo improviso. Basta boa vontade, um mínimo de compromisso político e uma semana de formação e o educador está preparado para enfrentar o grande desafio da educação da população adulta (2000, p. 1).

Compreendemos desta forma que a formação docente continuada, além de um processo de formação profissional dos(as) professores(as), é uma continuação da formação política, científica, didático, pedagógico, teórico e prático, que consiste em descobrir, organizar, fundamentar, revisar e construir conhecimento sobre o exercício do seu trabalho, da sociedade e, sobretudo da realidade que vivência cotidianamente, como define Freire (1997, p. 74) uma formação permanente.

Diante dessas contribuições nossa inquietude nasceu ao colocar em vigor as múltiplas facetas do profissional que atua nessa modalidade de ensino. Com isso nossa justificativa gira em torno de: Como nós professores (as) da EJA vivenciamos as propostas transversais na escola? A partir dessa inquietude trouxemos a sequência didática com o tema Meio Ambiente e Saúde, com a finalidade de instigar meios de alfabetização e letramento com a educação ambiental.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Realizamos a intervenção pedagógica na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito Gerbasi, Município de Rio Tinto/PB. A sala em questão consta de 22 alunos matriculados. A sala para a execução da intervenção foi uma turma do 4º ano. A faixa etária variou dos 16 anos aos 65 anos. A maioria mulheres, casadas, com filhos. Em consonância, com as palavras da professora regular da turma (Cristina Lima), o perfil dos sujeitos da Escola Prefeito Gerbasi, são de: Moradores da zona rural, filhos desses moradores, pequenos agricultores, trabalhadores safristas em usinas e donas de casas da redondeza. Os motivos de evasão da escola regular são muitos parecidos, infância pobre, ajudar os pais na lida do trabalho, envolvimento amoroso e casamento, e até mesmo distanciamento da escola pelo fato de morar em sítios nas redondezas do município. À volta à escola para eles foi para uma melhor oportunidade de emprego, outros para retirarem do documento o nome não escolarizado.

A escolha da temática na sequência didática se deu pelo fato de fazermos pouco uso dos temas transversais e com isso, acreditamos ser muito motivador a realidade dos alunos da EJA. Uma vez que muitos trabalham diretamente com o meio ambiente, os recursos naturais, sejam na agricultura, seus lares ou até mesmo em empresas que utilizam o meio ambiente par retirara a matéria prima para seus produtos. Além disso, quanto ao aspecto social, queremos trazer debates e saberes que envolvam a conscientização do uso descontrolado da natureza que impacta o meio ambiente fortemente. E conseqüentemente, a saúde de todos.

As intervenções abordaram questões de situações da língua, gêneros textuais, leitura e produção textual, em matemática as ideias de situações problemas, medidas e grandezas e interpretação de gráficos. (Letramento matemático) e conteúdos específicos de Ciências – água e ar, aquecimento global, poluição e doenças. A proposta dessa sequência foi de caráter expositivo, com ações dialogadas e produção de materiais, para que os problemas levantados nas exposições das aulas servissem também para direcionar reflexão crítica dos educandos.

Utilizamos na execução das atividades livros e cartazes, data show, pen-drive, caixas de som, recursos humanos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA NA EJA

Trazemos nos resultados de nossas vivências na EJA o quanto o tema foi relevante, pois os alunos ficaram engajados e participativos na aula. Ocorreram múltiplos diálogos entre os alunos e professor. Pudemos aprender e ensinar técnicas de aproveitamento da água na lavoura, em casa nas tarefas do dia a dia. Aprendemos em nossas trocas de experiências novas atitudes ecológicas na agricultura familiar, o gotejamento, os controles de pragas e a partir dessa temática aprofundar e trabalhar muito mais tempo os assuntos.

Em consonância a isso percebemos por meio dos diálogos com alunos da EJA, a importância dada ao respeito, ao diálogo, à troca de saberes, o que Paulo Freire (1996, p.12) sempre enfatizou: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém”.

Nesse sentido, ainda analisando nossa intervenção, no segundo dia da sequência didática o livro com plantas medicinais foi um grande desafio para eles, pois eles tinham que escrever sobre a utilidade das ervas e plantas. Houve uma interação muito interessante em sala, pois os que eram alfabetizados auxiliaram aqueles que ainda estão em processo. Escreveram 5 laudas somente com receitas escritas. Diante disso, recordo-me das palavras de Grossi (1990):

Dificilmente uma classe inteira de alunos avança igualmente no mesmo espaço de tempo. Esta heterogeneidade, ao invés de atrapalhar é muito benéfica ao andamento dos trabalhos em aula. Na inteiração de pontos de vista diferentes aumenta as possibilidades de aprender. A emulação que se cria quando os alunos se percebem em níveis distintos, se bem conduzidas, é fator de muito progresso numa classe (1990, p.27).

Desta forma, conforme Grossi (1990) uma função estratégica, consiste em agrupar os alunos por níveis diferentes de desenvolvimento, sempre deixando no grupo um aluno mais adiantado. Esse aluno servirá de estímulo para os outros

avançarem de estágio. Foi perceptível essa integração nos assuntos matemáticos, pois muitos tinham dúvidas de quantos litros de água cada ser humano podia gastar? Ou em relação ao uso? O que afeta a qualidade da água potável?

Durante as atividades proporcionamos vídeos do Canal Planeta Mundo (YOUTUBE) onde alguns ambientalistas e biólogos explicavam essas questões. Fomos assistindo e dialogando sobre o uso da água. No vídeo foi lançada uma atividade, que consistia em medir o quanto de água cada um consome por dia em sua residência, ou em um banho. Neste momento já lançamos a atividade com relação essas mesmas ideias. Trouxemos um gráfico de gastos de água e energia para eles analisarem, qual o maior o menor, qual ficou na média.

Com essa atividade de comparação foi sendo introduzido o tema a Educação Ambiental que dá conta de compreender e conscientizar todos os alunos e os aspectos do convívio social. Dentre várias formas possíveis de se trabalhar a Educação Ambiental, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) afirmam ser a interdisciplinaridade um elemento essencial ao desenvolvimento de temas ligados ao Meio Ambiente. E para tanto é necessário desfragmentar os conteúdos e reunir as informações dentro de um mesmo contexto, nas várias disciplinas e foi dessa forma que fizemos. Pois segundo Dias (1992), “[...] sabemos que a maioria dos nossos problemas ambientais tem suas raízes em fatores socioeconômicos, políticos e culturais, e que não podem ser previstos ou resolvidos por meios puramente tecnológicos”. Dessa forma sabemos que a grande importância da inserção da Educação Ambiental nas escolas, a fim de conscientizar nossos a se tornarem cidadãos pensando e agindo ecologicamente corretos. Ainda em análise pensamos em abordar o assunto saúde, em decorrência da ação desastrosa do homem com os recursos naturais. E o quanto essa ação pode afetar diretamente nossa vida. Colocamos os agrotóxicos, a poluição dos rios e cidades, o desmatamento como fonte principal para as doenças.

Trouxemos um segundo vídeo, com um documentário sobre o Lixo: do Lixo ao Luxo. Esse documentário era de um povoado que vivia do lixão, onde dezenas de famílias tiravam seu sustento. Muitos deles relatavam inúmeras doenças causadas pelo contato com o lixo, com a água suja, os animais e insetos que vivem lá. E isso foi a ponte para entrarmos na temática doenças. Juntos

propomos entrevistar os alunos das outras turmas, para saber quais doenças eles estavam mais comuns pela redondeza. Fizemos um questionário com 2 perguntas e com o total de 8 participantes da pesquisa realizada na escola tivemos os seguintes dados: 3 pessoas responderam que as doenças mais comuns na casa delas era dor de barriga e febre, 4 pessoas apontaram a dengue e apenas 1 pessoa relatou doença de pele por conta da água do rio que lavava roupas.

Na intervenção seguinte reunimos as garrafas descartáveis Pet's e confeccionamos vários materiais de artesanatos com a finalidade de eles interagirem e reaproveitar o que seria jogado no lixo. Destacamos que até um pneu conseguimos aproveitar e deixar para ambientação da escola. Trouxemos para os educandos da EJA um pensar diferenciado do Meio Ambiente, dos recursos naturais, das práticas interdisciplinares do processo dialógico nas relações professor aluno e na forma de sistematização das aulas e disciplinas.

Esses aspectos para a formação continuada dos professores demonstraram que “[...] as transformações contemporâneas contribuíram para consolidar o entendimento da educação como fenômeno plurifacetado, ocorrendo em muitos lugares, institucionalizando ou não, sob várias modalidades” (LIBANÊO, 1998, p. 26). Nessa perspectiva as aprendizagens, decorrentes da sequência didática foram significativas, favorecendo-nos espaço para pensar nessa temática com outros olhares mais criteriosos, principalmente quando o foco é contribuir com a modalidade de ensino de Jovens e Adultos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações destacamos o quão importante e significativo é esse curso de aperfeiçoamento para a prática docente. Esse refazer se torna mais constante na modalidade da EJA, por que os desafios são constantes e muito particulares, como: enfrentar as diferenças de aprendizagens, driblar o cansaço e desmotivação dos alunos, a evasão, pouco tempo das aulas, retirar o estigma de não ser capaz, além das outras questões externas que as vezes aparecem. Ser professor da EJA, nos aponta para planejarmos e com isso, ter o trabalho de pensar em atividades que alfabetizem sem estar ligado ao mundo infantil. Pois todos que estão ali conhecem do mundo e das coisas que nele existem,

acreditem do bastante trabalho. O que nos aponta para a ressignificação de conteúdos, que abrangem o universo dos alunos e suas especificidades.

Neste contexto, o professor da EJA deve estar disposto a aprender e reativar funções de mediação, bem como proposta de inclusão e integração de todos seus alunos. Isso por cada sujeito vir de um espaço cultural diferente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 11. ed. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/19339>. Acesso em 14/05/2019

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 1992.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. 8. ed. São Paulo: Olho da Água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Renata Monteiro, SILVA, Marluce Pereira da. **EJA, Diversidade e Inclusão: reflexões (im) pertinentes**. Paraíba, João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

GROSSI, Esther Pillar. **Didática do nível pré-silábico**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1990 (Didática da alfabetização, v. 1).

IRELAND, T. D. **A construção de um processo de formação para educadores alfabetizadores: reflexões em torno de uma experiência no nordeste brasileiro**. La Piragua, Ciudad de Mexico, n.17, 2000.

LIBANEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de profissionais da educação: Visão crítica e perspectiva de mudança**. Educação & Sociedade, ano XX, nº 68, Dezembro/1998

OLIVEIRA, Osmar. **Lições da história: avanços de sessenta anos e a relação com as políticas de negação de direitos que alimentam as condições de analfabetismo no Brasil**. OLIVEIRA, I.B.; PAIVA J. (orgs.) Educação de Jovens e Adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 1996.

Educação de Jovens e Adultos: da teoria a prática

Silvana Araújo Sobrinho
Maria de Fátima Macedo dos Santos
Francymara Antonino Nunes de Assis

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta as vivências realizadas através do Projeto de Intervenção do Curso de Aperfeiçoamento – EJA: Diversidade e Inclusão, onde tivemos a oportunidade de realizar práticas de intervenção na turma da EJA na EEEF Frederico Lundgreen, localizada no município de Rio Tinto-PB. É preciso entender e considerar as diversidades culturais, as identidades, as dificuldades, a classe social, a raça, o saber e a linguagem dos alunos, considerando a sua bagagem histórica e cultural, pois segundo Arbache:

Visualizar a educação de jovens e adultos levando em conta a especificidade e a diversidade cultural dos sujeitos que a elas recorrem torna-se, pois, um caminho renovado e transformador nessa área educacional (2001, p. 22).

Dessa forma, levando em consideração que o educador de Jovens e Adultos é capaz de fornecer um aprendizado relevante. E para isso tem a que permanecer preparado a fim de ajudar os estudantes, dentro de quaisquer que sejam as suas dificuldades. Por isso tem a necessidade de conhecer seus alunos e suas individualidades.

Neste contexto, pensar em relação a formação de professores, especificamente os de EJA, é essencial, pois quanto mais professores forem habilitados para a escolarização de jovens e adultos, mais potencialidade a escola terá para participar dos processos de uma mudança.

Atualmente, existem poucos programas de pós-graduação na área de especialização na área de Educação de Jovens e Adultos. Logo, verifica-se que o professor da EJA produz seus conhecimentos na atividade e na construção continuada, pois muitas vezes, na formação inicial ele não teve chances de desenvolver e expressar ações diferenciadas conforme os sistemas de evolução do estudante experiente.

Assim pretendemos com este trabalho refletirmos sobre a singular realidade do trabalho educativo com sujeitos de diversas idades e realidades, bem como colaborar para a reflexão crítica da realidade da Educação e, a valorização desta modalidade de ensino.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A escola escolhida para a aplicação das atividades de intervenção deste curso foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental Frederico Lundgren, localizada na Rua da Aurora, S/N, Centro de Rio Tinto –PB. A turma escolhida foi a das séries do 5º ao 9º anos do Ensino fundamental, as faixas etárias dos alunos variam entre 19 a 29 anos de idade. Os alunos da turma em análise são oriundos tanto do campo, quanto da cidade, de famílias de agricultores. São beneficiários do Bolsa família, sacoleiros, ajudantes de pedreiro, domésticas, trabalhadores das usinas, vendedores, ajudantes de mercadinho, entre outros.

As Diretrizes Curriculares Estaduais da Educação de Jovens e Adultos (DCEs, 2005) apontam como parte importante a consciência conforme o tipo de seus estudantes:

Compreender o perfil do educando da EJA requer conhecer a sua história, cultura e costumes, entendendo-o como um sujeito com diferentes experiências de vida e que em algum momento afastou-se da escola devido a fatores sociais econômicos políticos e ou culturais (DCEs, 2005, p 33).

Segundo os alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Frederico Lundgren, eles pararam por vários motivos: por causa de gravidez e casamentos precoces, necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da casa, falta de transporte escolar na época, filhos, maridos machistas, dentre outras situações.

Voltaram a estudar em busca de melhores condições de vida e de trabalho, realizando o sonho de estudar em uma faculdade, oferecer uma vida melhor aos filhos, arrumar um emprego fixo. Para Santos (2003):

Os jovens e adultos pouco escolarizados trazem consigo um sentimento de inferioridade, marcas de fracasso escolar, como resultado de reprovações, do não - aprender. A não-aprendizagem, em muitos casos, decorreu de um ato de violência, porque o aluno não atendeu às expectativas da escola. Muitos foram excluídos da escola pela evasão (outro reflexo do poder da escola, do poder social); outros a deixaram em razão do trabalho infantil precoce, na luta pela sobrevivência (também vítimas do poder econômico) (2003, p. 74).

Para tratar essas questões foi proposto na sequência didática “O Cotidiano”. Este foi o eixo norteador do trabalho. Respeitar a realidade, a cultura do estudante é fundamental em qualquer seguimento e modalidade de ensino, é necessário levarmos em conta sua origem, bem como os conhecimentos prévios. Os professores da EJA têm a função de ajudar o adulto a perceber de forma mais sensível e crítica o mundo que o cerca, se reconhecendo como ser integrante reflexivo, ampliando seus conhecimentos para que consigam solucionar problemas cotidianos com maior propriedade.

Na sequência, foram trabalhados os conteúdos em dois blocos interdisciplinares: o primeiro teve como conteúdos, Gêneros Textuais: Lista de compras e cardápio; Adição; Subtração e Sistema Monetário Brasileiro, e o segundo contém os conteúdos Gêneros Textuais: Bula de Remédio e Receita Culinária; Medidas e Quantidades. Os recursos e metodologias utilizados foram: dinâmica de grupo; computador; data show; quadro escolar; encartes de supermercados; bulas de remédios; revistas; livros de receitas culinárias; atividades xerocopiadas; confecção de cartazes; atividades de leituras coletivas e individuais; discussão coletiva sobre os assuntos; atividades coletivas; atividades individuais. Respeito com o nível de aprendizagem de cada um; trabalho com os diferentes tipos de Gêneros Textuais colocando os conhecimentos disponíveis a serviço da interpretação e análise da realidade; ligações dos conteúdos aos fatos e acontecimentos da vida social e da vida cotidiana dos alunos.

O processo avaliativo foi de forma sistemática e contínua, empregando instrumentos de avaliações como: observação, exercícios, atividades práticas, relações com os colegas e o professor titular da turma, fluidez na leitura, organização dos trabalhos, resolução de problemas, entre outros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA NA EJA

Voltamos a ser professora da EJA durante as intervenções, além de ter sido uma experiência muito gratificante, nos fez lembrar a importância dessa modalidade de ensino, o quanto ela é desafiadora. Precisamos nos adaptar metodologicamente e didaticamente para que as aulas fossem compreendidas pelas “multigerações” existentes naquele ambiente de sala de aula. Além de tudo isso, o professor ainda precisa se automotivar e motivar também os alunos a não desistirem de estudar nem de alcançar seus objetivos pessoais.

Por se tratar de uma turma constituída na maior parte de adultos, buscamos conversar e nos relacionar com os alunos ao longo de toda sequência de ensino-aprendizagem. Procuramos fazer com que eles questionassem, perguntassem, porque somente dessa maneira seria capaz de atendê-los de modo mais favorável. Mostramos a importância dos registros no caderno ou no livro didático, pois eles ajudariam nos estudos e na memorização, caso eles tivessem dificuldade em relação a algum conteúdo. Foi no diálogo que transcorreu todo o nosso conhecimento entre professora-alunos-professora.

Ficou evidente para nós durante a execução que no decorrer desse processo é errando que aprendemos. E que o maior desafio nessa turma é tornar as aulas mais dialogadas. Estimular a interação dos alunos através da conversação faz com que nós educadores conquistemos a confiança dos estudantes, para que unidos sejamos capazes de criar uma forma de estudo eficiente e boa, com a finalidade de colher o saber que os eles já têm. Sem essas ações, as exposições se conduzem de forma mecanizada.

Destacamos ainda que não foi um processo fácil, pois para conquistar a confiança de cada discente leva-se algum tempo. Os alunos da EJA chegam às instituições de ensino com um pensamento padrão de modelo de escola.

Romper essa concepção leva determinado tempo, o que faz com que esta tarefa se torne ainda mais difícil durante o período de execução da sequência, porque o período de convivência com o aluno é pouco, o que inviabiliza na maioria dos casos a criação de vínculos. Ganhar a confiança dos estudantes é importante, pois assim conseguimos retirar o máximo de informação que o aluno já tem, refinando esse saber popular para a forma mais acadêmica.

Como resposta, obtivemos o alto desempenho dos alunos nas atividades propostas. Ao final da intervenção perguntamos se aquelas aprendizagens tinham sido relevantes para eles e os mesmos perguntaram quando iríamos voltar, pois tinham gostado muito da metodologia de ensino utilizada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Constituição Federal de 1988 estabelece que “a educação é direito de todos e dever do Estado e da família”. Porém, existem diversos obstáculos à execução deste direito. Não é necessário somente assegurar o acesso de todas as pessoas à escola, mas também o sucesso e acolhimento à diversidade, garantindo a permanência e aprendizagem.

Com isto, é fundamental considerar acesso efetivo a processos diferenciados de aprendizagem, meios técnicos, formação para docentes, grupos pluridisciplinares, dentre várias estratégias para proporcionar uma escola como espaço de permanência, qualidade e respeito à diversidade!

A experiência de intervenção na modalidade de Educação de Jovens e Adultos ocorreu de forma bastante produtiva e diferenciada. E destacamos que há fases e narrativas a serem contadas e ouvidas. Neste contexto convém a nós professores intervir na aprendizagem dos jovens e dos adultos privilegiando as experiências, os saberes prévios e seus acréscimos no letramento linguístico e matemático, de forma contextualizada e dialogada. Após as experiências com essa turma, refletimos e destacamos a importância de utilizar métodos alternativos em busca da aprendizagem e de reconhecer as especificidades desse público que frequenta a EJA.

Com base nos escritos de Camargo (1999), ao discutirmos a postura do professor e a do aluno acreditamos que um perfil possível ao professor da

EJA seja o que traz elementos democrático. Pois o professor, por meio de um contrato didático, poderá estruturar um ambiente de sala de aula favorável ao desenvolvimento de alunos jovens e adultos.

Este ambiente também será propício para construção de conhecimento, pois terá espaço para discussão e debates com expressão de opiniões. Notamos que essa ação é importante para alunos da EJA, que apresentam necessidade de se expressar e se relacionar, por timidez ou por serem introspectivos.

Por fim, mencionamos a importância de desenvolvermos uma metodologia diferenciada para alunos da EJA. Não uma metodologia que os considere inferiores a alunos de turmas regulares e impossibilitados de aprender, mas sim uma metodologia que considere o máximo de suas experiências cotidianas, os impulse à aprendizagem e os faça parte do processo de construção do conhecimento através de uma linguagem apropriada. Cabe a nós professores nos especializarmos, participar de eventos, aumentar nossos conhecimentos para ajudar a aplicar as teorias interdisciplinares. Só assim poderemos assegurar ao aluno o direito de estar no papel de protagonista, assumindo um compromisso pessoal e social com as mudanças de que a sociedade tanto necessita a serviço da construção da cidadania.

REFERÊNCIAS

ARBACHE, Ana Paula. **A Formação de educadores de pessoas jovens e adultos numa perspectiva multicultural crítica**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Papel Virtual Editora, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, DF, 2000.

GARCIA, Renata Monteiro, SILVA, Marluce Pereira da. **EJA, Diversidade e Inclusão: reflexões (im) pertinentes**. Paraíba, João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SANTOS, M. L. L. **Educação de jovens e adultos: marcas da violência na produção poética**. Passo Fundo: UPF, 2003.

O ensino da EJA — práticas pedagógicas para desenvolver o aprendizado na sala de aula

João Marinho Batista
Maria de Fátima Macedo dos Santos
Célia Regina Teixeira

1. APRESENTAÇÃO

Este é o resultado de uma sequência didática na escola, em salas de EJA. Justificamos que abordar o tema Educação de Jovens e Adultos se faz relevante no Brasil, pois ao longo dos anos ainda se vê a necessidade de políticas públicas de inclusão das classes sociais menos favorecidas, onde estão presentes idosos, jovens, adultos, trabalhadores, que na idade certa tiveram seus direitos excluídos, pois necessitam de lutar pela sua sobrevivência e da sua família e, muitos optam pelo trabalho, que naquele momento era mais importante do que o estudo.

Neste contexto, quando os alunos da EJA chegam ou retornam a escola é emergente a criação de uma política educacional efetiva, que atenda aos anseios desses sujeitos da EJA com investimentos reais favorecendo a continuidade aos estudos juntamente com a presença deles no ambiente escolar, respeitando as diversidades sociais, culturais que cada indivíduo possui. Assim, seguindo a concepção de uma educação desafiadora e emancipatória, centrada no sujeito educando.

O aluno deste segmento de ensino precisa da presença de políticas públicas, que em seu bojo trate sobre a inclusão, e que tenha o cuidado com temas que sejam significativos ao dia a dia deles, para se instalar um modelo justo de educação popular. Destacamos que em todo sistema educacional há resistência de alunos e não é diferente na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Nos professores devemos estar preparados para argumentar e convencer que as participações dos alunos nas atividades dirigidas são muito necessárias e

prazerosas. Com o uso de novas metodologias, em que os professores favoreçam ações ativas é possível criar situações que ajudem e melhorem o desempenho no ensino e aprendizagem dos alunos. Tébar (2011) nos diz que

É importante uma boa atitude do professor com relação à área, a fim de tornar possível que a aproximação dos alunos a ela se faça de forma criativa, lúdica e prática. A atitude do professor e o clima criado na aula condizionarão tanto a eficácia desse ensino como a metodologia que possa ser utilizado (2011, p.127).

A importância do planejamento da organização do plano de aula e a escolha dos recursos didáticos pedagógicos bem elaborados e dinâmicos, farão das aulas da EJA um momento de aprofundamento do conhecimento/ assunto e o elo entre o professor e o aluno, contribuindo para tornar as aulas bem participativas envolvendo todos da EJA. Nossa prática pedagógica é de essencial relevância para um desenvolvimento de qualidade para os alunos. As formações de aperfeiçoamento, palestras, encontros e relatos de experiência enriquecem e abrange nossos conhecimentos, melhorando nossa prática e métodos de ensino.

Todas essas habilidades adquiridas vêm aprimorar nossa experiência e abrange o currículo profissional, mas é na prática do dia a dia em sala de aula que fazemos a diferença. É na sala de aula que vivemos e notamos a diversidade de conhecimentos, isso nos alerta para um planejamento em como alcançar os objetivos que almejamos. E para alcançarmos os objetivos faz-se imperativo a construção de metodologias diferenciadas, fazendo de nossa docência um mecanismo de ajuda que auxilia cada aluno, incluindo-os no processo de ensino e aprendizagem.

O governo do Estado da Paraíba tem consolidado e ampliado as vagas para essa modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em toda rede estadual de ensino. Claro que existem dificuldades entre os alunos para frequentar as aulas, pois boa parte trabalha o dia todo e a noite o cansaço de ter que estudar fica para os alunos que trabalham, muitas vezes difícil. Mas apesar das questões individuais, o governo na perspectiva mais ampla, tem dado apoio na melhoria das escolas, na formação do docente, com materiais didáticos pedagógicos, valorizando a emergência de incluir os alunos da EJA.

No âmbito da esfera estadual, especialmente no município de Guarabira a Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem tido uma visão ampla. Essas informações constam no relatório de 2017, quando o tema é “Sobre as Ações, Programas e Projetos”, realizados na cidade de Guarabira: Em 2017 o foco principal foi a mediação entre o currículo e a *práxis* docente na educação de jovens e adultos, pois compreendemos que se faz necessário criar condições para que os estudantes desenvolvam suas competências e habilidades e esse desenvolvimento se deu em meio aos ciclos: ciclos II, ciclo III, ciclo IV e ciclo V (Relatório 2017, Ações, Programas e Projetos. Secretária Municipal de Educação. Guarabira, PB, 2017, p. 53).

De maneira consolidada e com desafios a rede municipal de ensino de Guarabira trabalha de forma que almeje todos os Ciclos da EJA, atendendo toda diversidade e valorizando a inclusão desses sujeitos. As ações pontuais foram as de formação para professores, palestras e escolas estruturadas e equipadas. E também eventos envolvendo o público da EJA, com o foco no diálogo para uma formação do caráter individual, contribuindo assim para a vida social.

Na perspectiva de sala de aula, quando o foco é o diálogo, sabemos da dificuldade de dialogar com alunos tímidos e que muitas vezes trazem em suas histórias escolar muitas situações constrangedoras. E, portanto, incluir suas vozes em situações de aprendizagem demandam rompermos com o que Freire nos aponta no conceito de Educação Bancária — dar voz aos alunos.

Para isso nós propomos uma intervenção pedagógica. Essa proposta de intervenção foi executada seguindo uma sequência didática de quatro aulas e um instrumento de ensino e aprendizagem articulado para o desenvolvimento do tema, a família. Esse tema foi escolhido por percebermos a importância da escola como lugar sistematizado, onde se deve falar sobre as diversas formas de família, a fim de favorecer debates e voz aos alunos da turma EJA (Educação de Jovens e Adultos). Proporcionando assim, um olhar mais flexível sobre o tema família que sirvam para intervenções e soluções em temas atuais.

Na execução da sequência didática tivemos o papel de professor mediador e, por isso as ações foram diversificadas, buscando e investigando o que eles pensam sobre o tema família em seu cotidiano.

Para desenvolver a motivação diante da proposta estabelecida, procuramos influenciar os alunos a participarem das aulas com uma metodologia inovadora, obtendo-se assim bons resultados. Dessa maneira o professor se torna a ponte para essas ações geradoras de opiniões e de formação desses educandos.

O objetivo principal da proposta abordada foi que eles sintam e veja a necessidade de uma boa formação familiar que resulte bons frutos tanto na família como na escola e na sociedade, valorizando e respeitando as diversidades encontradas na formação familiar. A escolha pelo tema foi por sabermos que o modelo de família mudou no decorrer dos anos e foi se adaptando de acordo com a sociedade a qual vivemos nos dias atuais.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os conteúdos da sequência didática foram elaborados e aplicado de forma dialogada. Com roda de conversa, com trocas de experiências do aluno da EJA, buscando o conhecimento que cada um possui. As atividades exploradas e propostas aos educandos foram elaboradas na lousa e xerografadas. As atividades ocorrem de forma individual e em duplas de maneira que todos, contribuíssem para o ensino e aprendizagem. Também ocorreram momentos de socialização.

Além das metodologias utilizadas na execução da sequência, os recursos foram também de principal importância para sua execução. Como: utilização de cartazes, fotos, caixa supressa, lápis de cor, giz de cera, quebra cabeça, músicas e dinâmicas fazendo das aulas bem participativas e atrativas. Ribeiro (2001) ressalta que:

É uma responsabilidade importante dos educadores de jovens e adultos favorecer o acesso dos educandos como livros, jornais, revistas, cartazes, textos, apostilas, vídeos, etc. Deve-se considerar o fato de que se trabalhar com grupos sociais desfavorecidos economicamente que têm pouco acesso a essas fontes de informações fora da escola (2001, p. 47).

Vale também ressaltar que as formas e metodologias utilizadas pelos professores podem favorecer a aprendizagem dos alunos. Principalmente se levar em consideração o contexto social e cultural de cada educando.

Foto 1 – Roda da conversa (Discutindo o tema)



Fonte: Acervo pessoal do Professor
Guarabira-PB, abril/2019

Foto 2 – Dinâmica: Pega no pé



Fonte: Acervo pessoal do Professor
Guarabira-PB, abril/2019

Portanto, estimular e ousar na metodologia deixando de lado a mesmice e trabalhar de forma agradável e dinâmica que auxiliem a interação e participação de todos os alunos no processo ensino e aprendizado é desafiador ao professor. Cada professor tem que renovar sua prática par contribuir na formação de cada aluno, pois a partir dessa mudança alcançaremos a realidade que desejamos, ou seja, uma educação com inclusão para todos, respeitando e valorizando as diversidades.

No decorrer de várias discussões sobre uma verdadeira educação inclusiva, vejamos a escola como espaço que favoreça dialogo e ao mesmo tempo seja compreendida em seu meio democrático e de participação e aprendizagem.

Dessa maneira o professor fará de suas aulas um momento único com apoio da gestão que é fundamental importância para esse elo dos amigos docentes, ampliando o ensino de qualidade para todos.

Foto 3 – Árvore da família (Construção)



Fonte: Acervo pessoal do Professor
Guarabira-PB, abril/2019

Foto 4 – Construindo conceito



Fonte: Acervo pessoal do Professor
Guarabira-PB, abril/2019

A EEEF Profº Edgardo Júlio localizada no bairro nordeste II, na rua Hermenegildo, abrange no turno da noite as turmas da EJA e médio. As turmas da EJA são as do Ciclo I e Ciclo II. É uma escola bem estruturada, agradável e organizada. Sua estrutura é ampla dividida em sete salas de aula, um refeitório, uma biblioteca, uma cantina, uma secretaria, e uma diretoria. No momento a escola passa por uma pequena reforma por causa do muro que caiu, mas não atrapalha as atividades pedagógicas.

A turma da EJA da intervenção pedagógica com a elaboração da sequência didática, foi a do ciclo I.A. A turma é formada por adolescentes, senhores, senhoras, adultos, viúvas e viúvos. Tendo como renda familiar: aposentadoria, assalariado e autônomos. Eles buscam o meio escolar para aprender, não ficar em casa, buscar conhecimentos e trocar experiências vividas e o dialogar com os colegas.

Por toda necessidade pelas mudanças encontradas no meio familiar a escolha do tema a família veio no momento certo onde criamos um vínculo para discussões sobre o modo de educar, esclarecer e sua formação familiar. Valorizando a diversidade e respeitando esse elo de debates e opiniões diversas.

Os conteúdos trabalhados de forma interdisciplinar, abrangeu as disciplinas de geografia e história. E na sequência didática foram: Conceito de família, minha família, as famílias são diferentes, Família é quem educa e ensina e Famílias do passado e presente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como professor tínhamos uma visão e pensamentos diferentes sobre a (EJA) Educação de Jovens e Adultos, mas no momento que passamos a ter contato e convívio através das aulas do curso de aperfeiçoamento “EJA: diversidade e inclusão social e até mesmo do dia a dia, passamos a perceber que cada um doa alunos, tem vasto conhecimento de mundo e histórias diferentes do nosso cotidiano.

As estratégias adotadas e expostas foram bem recebidas pelos alunos. A escolha do tema foi de suma importância, por ser um tema atual e necessário, pela diversidade de constituições familiares atuais. Debates muito sobre as diversas formas de família, o que os alunos pensavam sobre o tema, foi realmente

muito proveitoso e com certeza o objetivo foi alcançado, pois o foco principal foi o esclarecimento e o respeito a diversidade das famílias.

Cada aluno, tem seu pensamento reflexivo e crítico, bem relevantes sobre o tema discutido ou sobre qualquer tema, que venha futuramente ser apresentado. A forma deles verem a família passada, com a família do presente, fazendo aquele elo o tempo, entre as duas e pondo seus pensamentos, foi essencial para a compreensão de todos sobre o objetivo da sequência aplicada.

Também destacamos que o diálogo entre eles e tendo o professor para mediar esse momento foi relevante para esse processo de interação, pois quando surgiram as dúvidas ou até mesmos as críticas, conversamos de forma clara a importância do respeito, enfatizando que não devemos tolerar e sim respeitar. O destaque também ficou na escuta no momento da socialização, a humildade sobre o conhecimento, uma vez que isso faz a diferença na prática pedagógica.

Como a sequência didática foi durante quatro dias, não foi praticamente um desafio, mas, na terceira aula alguns perguntaram: De novo sobre a família? Por isso elaborar um plano de aula ou uma sequência bem dinâmica e participativa com atividades lúdicas apesar de ser o mesmo tema e com metodologias inovadoras fazem a diferença.

Não foi necessário chamar atenção deles, pois a turma era atenciosa nas aulas, porém cada turma da EJA é diferente dentro do contexto social. Isso mostra que o professor precisa avaliar sua prática pedagógica, planejamento e adequando seu planejamento a realidade social de seus alunos.

O professor não pode ficar preso na formação que recebeu na formação inicial, por que o tempo muda e novas inovações chegaram para ajudar no âmbito educacional e, nós professores precisamos adequar a forma de lecionar a essas inovações que auxiliam no aprendizado dos educandos.

Assim para construirmos novas práticas de ensino e aprendizagem na Educação de Jovens se faz necessário focar no crescimento estudantil e de um perfil crítico e pensante.

Villas Boas nos aponta que

[...] muitos aprendem e muitas coisas são aprendidas. Todas as atividades escolares, em todos os seus momentos e em todos

os espaços, proporcionam aprendizagem. [...] aprendem-se os conteúdos curriculares assim como as relações sociais e afetivas que inevitavelmente os acompanham (2008, p.132-133).

Por isso a necessidade de ampliar as várias formas de aprendizagem englobando todos recursos. A partir de uma simples roda da conversa, com dinâmica, interação em grupos, diálogos e até mesmo com múltiplas e variadas atividades que estejam no entorno escolar.

Tendo como ponto de partida essa lógica, é emergente a necessidade da inclusão das diversidades de pensamentos, conhecimentos variados, favorecendo o processo da aprendizagem para uma construção de saberes igualitária em todo contexto educacional além de favorecer a melhoria na vivência social e cultural dos alunos e professores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais, sermos um professor mediador de jovens e adultos é de muita responsabilidade e envolve múltiplos desafios, pois precisamos sempre nos preparar para os acontecimentos do dia a dia: emocionalmente, fisicamente e psicologicamente.

Durante a execução da sequência didática, além dos relatos nos encontros presencias do curso de aperfeiçoamento e o período que lecionamos, tivemos vários momentos bons e expectativas relevantes. A educação de jovens e adultos veio como resposta para um processo de formação de inclusão, comprometidos com a educação de várias diversidades, demonstrando a diferença entre a constituição das famílias.

Abordar essas questões, envolve a diversidade que é ampla, sujeitos diferentes com pensamentos e vidas diferentes, com ideologias que podem sim transformar e melhorar o convívio dos sujeitos. Cabe ao professor saber usufruir esses pensamentos para fazer a mudança em sala e assim ultrapassarmos as barreiras da ignorância que deixa o cidadão fora da verdadeira sociedade em busca de seus ideais.

Para que esses desejos sejam almeçados por todos precisamos dar as mãos, valorizando cada indivíduo independente de suas classes sociais, respeitando suas individualidades.

Acreditamos que é desafio ao professor da EJA orientar os colegas para a mudança. Os novos métodos, as orientações e os meios tecnológicos farão de maneira significativa a diferença no aprendizado desses sujeitos. A inovação na docência é essencial para uma revolução no ensino e na aprendizagem dos educandos da EJA. Então cabe a cada dos professores fazer sua parte e lançar novas metas para o desenvolver os conhecimentos dos mesmos.

Neste contexto, se faz essencial profissionais comprometidos com a educação no que diz respeito a uma prática pedagógica na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos, vendo o aluno como potencial e conhecendo sua vivência dentro do contexto educacional, “[...] valorizando-os como sujeitos da própria história, assumindo o compromisso como educadores de otimizar tempos e oportunidades de aprender” (HOFFMANN,2006, p.15). É com esse entendimento referente as práticas pedagógicas em sala da EJA, que valorizamos os sujeitos e suas individualidades.

Assim, finalizamos acreditando que um ensino satisfatório na EJA, também está relacionado a prática docente. E cabe também uma relação afetiva entre professor e alunos onde a diversidade e a inclusão sejam prioridade educacional, com expressões reais de igualdade e equidade.

REFERÊNCIAS

DIRETRIZES OPERACIONAIS PARA O FUNCIONAMENTO DAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE GUARABIRA. **Secretaria Municipal de Educação**. Guarabira, PB, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. 9. ed. Porto Alegre: Mediação,2006.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão. **Educação de Jovens e Adultos: Proposta curricular**. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001.

TÉBAR, Lorenzo. **O perfil do professor mediador**: Pedagogia da mediação. São Paulo: Editora Senac, 2011.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Virando a escola do avesso por meio da avaliação**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2008.

Oralidade e gêneros textuais em sala de aula: o papel social e escolar da entrevista de emprego no contexto da EJA

Jailton dos Santos Silva
Eliana Shirley do N. Lisboa
Maria Valdenice Resende Soares

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é produto da conclusão do Curso de Aperfeiçoamento em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social. Foi objeto de resultado de uma sequência didática numa turma do ciclo VI sobre as implicações do gênero oral “entrevista de emprego” no contexto dos alunos da EJA, principalmente sobre o peso que esse gênero exerce sobre os jovens que estão à procura de inserção no mercado de trabalho.

A busca por diferentes alternativas metodológicas para a sala de aula de EJA sempre foi (e ainda é) um desafio em todos os anos na formação continuada. É comum, nos encontros de formação, surgirem discussões, proposições temáticas, técnicas e diferentes metodologias para essa modalidade, visto que esse público é diferenciado por causa das expectativas, dos objetivos e das motivações que impulsionam esses alunos a estar presente neste espaço de aprendizagem todos os dias, porém, para muitos alunos de EJA, o retorno à sala de aula consiste muito mais na necessidade de conclusão do Ensino Fundamental e, quiçá, o Ensino Médio visando uma maior oportunidade de entrada no mercado de trabalho, principalmente, aqueles que pretendem obter o primeiro emprego.

Mesmo sendo previsto na LDB Lei nº 9.394/96, art. 36-A¹, parágrafo único, a formação continuada tem se limitado na maioria das vezes em cumprir a mera

1 BRASIL. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 2. ed. Brasília, Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

realização de um evento de formação, mas que é ineficaz para a promoção das ações transformadoras na vida dos alunos de EJA, pois trata muito pouco dos problemas que os professores enfrentam diariamente como evasão, falta de estrutura e de materiais que são indispensáveis para um bom funcionamento e consecução das aulas e do processo de ensino-aprendizagem.

Vale também salientar que a Educação de Jovens e Adultos no Estado da Paraíba tem sofrido muitas perdas, principalmente, no que se refere ao fechamento da oferta da modalidade no horário noturno, fazendo com que muitos alunos se desloquem para localidades ainda mais distantes. Além disso, a continuação dos estudos na EJA no Ensino Médio não tem sido amplamente disseminada, o que faz com que muitos concluintes sejam obrigados a estudar por mais três anos no ensino regular, atrasando a conclusão no nível médio. Principalmente para aqueles alunos jovens que estão em defasagem de aprendizagem e distorção idade/série. Acrescenta-se aqui, ainda, o fato de que é uma modalidade que deveria instrumentalizar os jovens e adultos na preparação do mundo do trabalho, principalmente para os jovens que nunca tiveram experiência com esse campo da atividade humana.

Partindo dessa ideia, o objetivo principal deste trabalho foi apresentarmos a execução de uma sequência didática desenvolvida e aplicada sobre o gênero “entrevista de emprego” no contexto da sala de aula de Educação de Jovens e Adultos (EJA), com o principal objetivo de preparar os discentes para a vida profissional/ mercado de trabalho, a partir do conhecimento adquirido através da aula sobre gênero textual oral “entrevista de emprego”.

A escolha por esse tema foi por considerarmos pertinente para este público, justamente porque muitos alunos da EJA não exercem atividade de trabalho formal e/ou informal, e outros não têm nenhuma experiência de trabalho por causa da falta de preparo, por serem jovens na faixa de 18 a 22, que vem de uma condição de excluídos e de repetentes (MOURA; JÚNIOR, 2018).

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A instituição para executar a sequência didática é a Escola Municipal Dr. Severino Patrício da Prefeitura Municipal de João Pessoa. A escola está situada em um bairro da periferia da cidade e, atualmente, enfrenta muitos problemas de funcionamento, pois o prédio sede da escola está passando por reformas há, pelo menos, um ano e três meses e sem previsão de normalização.

A escola está funcionando em dois prédios distintos do município: um Centro de Cursos e Capacitação e uma outra escola municipal, também da prefeitura. O Ensino Fundamental II e a EJA diurna estão funcionando nos turnos manhã e tarde no Centro de Capacitação Tony Cássio Estrela, com um número de cinco salas, em estado precário de uso, com salas apertadas e inapropriadas para as aulas.

A Educação de Jovens e Adultos no horário noturno funciona na Escola Municipal Luiza Lima Lobos, com um total de seis turmas, sendo 1 do ciclo I, 1 turma do ciclo II, 2 turmas do ciclo III e 2 turmas do ciclo IV, somando aproximadamente um total de 120 matrículas somente na EJA noturna. Entretanto, já é possível observar a evasão de muitos alunos, principalmente os jovens.

A escolha do tema “entrevista de emprego” tomou por base a idade, os objetivos e os anseios da turma, pois a maior parte dos alunos tem entre 21 e 40 anos.

A sala de aula selecionada para a execução da sequência didática tem 26 alunos matriculados, mas nem todos frequentam regularmente as aulas, apenas 17 alunos. Por isso, para que os alunos tivessem uma aula diferenciada, que pudessem aprender um assunto de seu maior interesse, foi escolhido falar sobre uma das questões mais importantes no momento, que é a de inserção no campo do trabalho.

Na sequência didática apresentada e discutida em sala de aula, o conteúdo trabalhado foi o gênero oral “entrevista de emprego”, no que tange ao seu uso, espaço de produção e propósito, apontando os aspectos pertinentes inerentes no momento de uma entrevista.

Para a execução da atividade foi preparada uma sequência didática sobre o assunto e trabalhada em quatro aulas. Foi executada por meio de aula expositiva, dialogada, exibição de *slides* e vídeos sobre o tema “entrevista de emprego”. Após a exposição foi feita uma simulação prática de uma entrevista de emprego, em que três alunos da turma foram voluntários para a simulação. Depois da aplicação da situação simulada, os alunos iniciaram uma discussão sobre os pontos positivos e negativos notados no momento da entrevista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA NA EJA

O trabalho pedagógico na Educação de Jovens e Adultos para ser executado com êxito é necessário que o professor de salas de EJA tenha um bom preparo, pois é preciso que essa modalidade do ensino seja compreendida como um ambiente heterogêneo e diversificado, pois “[...] o contexto da EJA é plural, uma vez que os sujeitos que participam dele chegam à escola com uma vida de histórias, vivências e saberes” (MOURA, 2018).

A sequência empreendida na turma do ciclo IV teve uma excelente aceitação, pois abordou um assunto de interesse do campo da empregabilidade. Alguns alunos interagiram, fazendo perguntas e colocações pertinentes tomando por base à sua própria experiência e compartilharam essas vivências e saberes em sala de aula.

A atividade foi aplicada em quatro aulas com a utilização de *slides* e vídeos sobre o assunto, além de uma simulação de entrevista. Primeiramente, foi realizada a exposição do assunto sobre o que é o gênero “entrevista de emprego”, em que esferas é produzido e, com que finalidade. O tema levado para a sala suscitou, nos alunos, algumas dúvidas e questionamentos. Muitos desconheciam sobre o que se deve fazer quando chegar o momento de uma entrevista. Para eles e para nós, a novidade da aula foi um completo aprendizado, rico em conhecimento, pois, a troca de experiências possibilito-nos que os alunos com idade maior de 52 anos compartilhassem suas experiências de trabalho. Para aqueles que nunca trabalharam foi um verdadeiro aprendizado. As figuras 1 e 2, expostas abaixo ilustram um pouco dessa jornada.

Figura 1 e 2 – Apresentação e participação das finalidades da entrevista de emprego



Fonte: Acervo de SILVA, Jailton dos Santos (2019).

Observamos ao longo da apresentação da proposta didática, que alguns alunos falaram que gostariam de mudar de emprego e reconheceram que, o que falta para eles é uma qualificação, mas que, as condições na atualidade não estão permitindo avançar em novas aprendizagem em seus planos individuais.

Destacamos que a execução da atividade ocorreu dentro das perspectivas. Os problemas de execução surgiram nos dias de aplicação da sequência didática, porque não foi possível realizá-la em dias consecutivos, devido a problemas enfrentados pela comunidade em relação à violência urbana. Além disso, alguns discentes faltaram neste dia, aproximadamente, num total de 9 alunos.

Referente a forma como foi conduzida a aula verificamos que alguns ficaram até o final da última aula concentrados e atentos a cada detalhe, muito embora alguns estivessem cansados, devido à jornada de trabalho naquele mesmo dia.

E que os conhecimentos compartilhados com os alunos em sala irão favorecer para a conquista de espaços de exercício da cidadania e de promoção na vida e qualificação profissional. De acordo com a Lei 9.394/1996, em seus fins:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 2017, p. 8).

Nesse sentido, o trabalho com os gêneros textuais em sala de aula na Educação de Jovens e Adultos devemos prezar por serem diversificados e sua aplicabilidade ter íntima relação com a sua vida prática, principalmente para o campo do trabalho, uma vez que:

O importante a se considerar é que os alunos da EJA são diferentes dos alunos presentes nos anos adequados à faixa etária. São jovens e adultos, muitos deles trabalhadores, maduros, com larga experiência profissional ou com expectativa de (re) inserção no mercado de trabalho e com um olhar diferenciado sobre as coisas da existência, que não tiveram diante de si [...] (BRASIL, 2000, p. 2).

Concluimos que de um modo geral, os gêneros textuais são a base da nossa comunicação cotidiana. Por meio deles nos expressamos nas mais diversas formas e situações de interação social, tanto na escrita quanto na oralidade. Por essa razão, os documentos oficiais testificam a necessidade de se trabalhar forma, conteúdo, função e meio de produção, como salienta Rojo e Sales Cordeiro ao dizer que:

Nesses referenciais, forma e conteúdo têm importância e são determinados apenas dentro do enquadre do funcionamento social e contextual do gênero. Duas novidades são bastante importantes nessa virada: o ensino de linguagem e de gêneros orais (formais públicos) e a valorização dos contextos de uso e de circulação (2004, p. 12).

Com isso, percebemos a importância dos gêneros orais, em especial, a entrevista. Mas, vale salientar aqui, que o propósito de nossa proposta não se pauta em estabelecer um estudo teórico acerca do gênero em si, mas, antes, tomá-lo não como ponto de chegada, mas como ponto de partida para explicação de seu uso numa contratação de emprego, visto que como diz Bakhtin:

O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso [...] em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (2011, p. 301).

Para Adelino:

A entrevista de emprego é um gênero discursivo usado pelas organizações públicas e privadas, cujo objetivo é selecionar candidatos para assumir um determinado posto de trabalho.

É através da entrevista de emprego que o entrevistador toma conhecimento das informações pessoais e profissionais do entrevistado e é com base nessas informações, que o entrevistador realiza uma análise comparativa com o perfil exigido pela empresa, para assim, chegar a uma conclusão se aquele entrevistado atende ou não aos pré-requisitos da vaga de emprego (2014, p. 6).

Desse modo, ao expor essa noção do que realmente é a “entrevista de emprego” em sala de aula, foi possível os alunos perceberem qual é o objetivo de uma entrevista, de que forma ela se processa e em que ambiente do mundo do trabalho ela está presente e é produzida. Dada essa noção aos presentes, passou-se a colocar alguns pontos pertinentes próprios da oralidade do gênero em questão. A figura a seguir ilustra a participação dos alunos nesse quesito.

Figura 3 – Questionamento dos alunos acerca dos aspectos da forma e do conteúdo do gênero



Fonte: Acervo de SILVA, Jailton dos Santos (2019).

Como é possível observarmos, todos os alunos acompanharam atentamente a cada ponto apresentado, o que fez alguns alunos indagarem sobre

os aspectos da forma e do conteúdo. Esses questionamentos foram bastante pertinentes, porque com eles, foi possível percebermos que eles traziam nos discursos as marcas das experiências de vida. A última aula foi marcada por uma simulação de entrevista, elencando alguns pontos visto nos *slides*, em relação à postura, entonação, linguagem e clareza das respostas etc.

Participaram da simulação de entrevistas 2 (duas) alunas, para que os colegas de sala apontassem os pontos fortes e fracos, tanto por nossa ótica de entrevistadora, quanto pela dos outros alunos de classe.

E ao final, os alunos fizeram uma avaliação oral dos quatro encontros e avaliaram dizendo que a aula foi muito boa e que deveria haver mais aulas daquela forma na Educação de Jovens e Adultos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o que foi exposto ao longo deste artigo acerca dos alunos da EJA, em relação à aplicação da sequência didática que teve como tema a “entrevista de emprego”, a atividade trouxe um impacto positivo, porque proporcionou aprendizado efetivo na vida dos alunos, uma vez que a proposta visou o campo da empregabilidade, assunto bastante interessante no contexto de Educação de Jovens e Adultos.

A participação dos alunos nos demonstrou que é possível, sim, trazer um assunto de interesse coletivo, uma vez que assim o aluno se sente provocado e proporcione um conhecimento que possa ser utilizado em determinadas situações, principalmente, questões relacionadas à inserção no mundo do trabalho.

O uso das tecnologias (Datashow, slides) em sala de aula foi fundamental para uma boa execução da apresentação da temática, mostrando é possível e se faz necessário trabalhar com essas ferramentas em sala de aula, para que se alcance um maior efeito.

REFERÊNCIAS

ADELINO, Francisca da Silva. Gênero entrevista de seleção: uma discussão teórica sob a perspectiva bakhtiniana. In: **Anais Gelne**. Natal-RN, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRASIL. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional. 2. ed. Brasília, Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

BRASIL. Parecer CNE/CEB 11/2000, resolução n. 1. 2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Diário oficial da união: Brasília, 2000. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Educacao/Legislacao/Federal/Parecer%20CNE%2011-00.pdf>

MOURA, Carmen Brunelli; JUNIOR, Nelson Gomes. Os sujeitos da eja. In: GARCIA, Renata Monteiro; SILVA, Marluce Pereira da. **EJA, diversidade e inclusão**: reflexões (im)pertinentes. João Pessoa: Editora UFPB, 2018.

MOURA, Carmen Brunelli. Identidade do educador. In: GARCIA, Renata Monteiro; SILVA, Marluce Pereira da. **EJA, diversidade e inclusão**: reflexões (im)pertinentes. João Pessoa: Editora UFPB, 2018.

ROJO, Roxane; SALES CORDEIRO, Gláís. Apresentação: gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ-MESTRE, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

Uma intervenção pedagógica para a EJA por meio de abordagem de temas significativos: a problemática do lixo como eixo norteador de aprendizagens

Emília Kelly Soares de Souza
Maria de Fátima Macedo dos Santos
Joel Araújo Queiroz

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade que passou por diversas fases e que vem sendo discutida nos espaços acadêmicos, nas escolas, nas secretarias municipais e estaduais de educação, congressos e fóruns de debates, como forma de melhorar as práticas pedagógicas, ampliar o número de vagas bem como a permanência dos estudantes nas escolas, minimizando a questão da evasão escolar. Conforme o artigo 37, parágrafo 2 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996: “O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si”.

Para tal prática, faz-se necessário compreender as principais causas que resultam no processo de evasão, assim como repensar as estratégias metodológicas interdisciplinares que valorizem os saberes práticos adquiridos pelos estudantes da EJA, planejando ações que sejam incorporadas a uma aprendizagem significativa às suas vivências.

O Curso de Aperfeiçoamento em Educação de Jovens e Adultos na diversidade e inclusão social, realizado pela Universidade Federal da Paraíba, *Campus IV*, Mamanguape/PB em parceria com o Ministério da Educação, oportunizou um leque de conhecimentos nesta área. Muito embora as instituições da Educação Básica tenham possibilitado um espaço de diálogo e discussões, consideramos ainda tímido, principalmente, em relação as práticas

metodológicas que devem ser pensadas a partir de um olhar para os estudantes dessa modalidade, quais são seus desejos, sonhos, histórias de vidas, suas singularidades e subjetividades.

A formação aconteceu de forma presencial e a distância, e todos os encontros possibilitaram a reflexão acerca da Educação de Jovens e Adultos. Foi discutido temas como: A EJA e suas identidades; A EJA e suas metodologias, entre outros. Os encontros aconteceram por meio de trocas de experiências, sugestões de práticas metodológicas bem como apresentação de temas relevantes a esta modalidade, essenciais para o desenvolvimento de metodologias eficazes em sala de aula. Foi proposto pelos professores formadores deste curso, a elaboração e execução de uma sequência didática que promovesse a reflexão, ação, interação entre estudantes e professores. E que provocassem mudanças de comportamentos, com relação ao tema proposto na sequência didática.

Segundo Freire (1996), é imprescindível associar os acontecimentos do seu bairro, cidade, país e até do mundo aos conteúdos planejados, discutindo, relacionando e ao mesmo tempo pensando e refletindo em soluções para os problemas apresentados. Partindo desse pressuposto, pensamos em desenvolver um tema que possibilitasse caminhos para tais discussões e que os estudantes participassem de forma interativa. Para esse envolvimento o tema necessita ser significativo a realidade dos alunos da EJA.

Conforme dados apresentados pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe), o Brasil se tornou o quarto maior gerador de resíduos sólidos no mundo e diante do grande problema que o Brasil enfrenta, que é a produção de lixo e suas consequências para o meio ambiente, foi apresentado para os estudantes da EJA um desafio que permitiu refletir sobre possíveis soluções para minimizar estes problemas. E com isso, forma apresentadas as seguintes sugestões que é possível por meio da sensibilização, de práticas efetivas, provocarmos mudanças de pensamentos, logo mudança de comportamento nas pessoas. Para isso a escola é um espaço que favorece essa transformação, por oportunizar discussões, reflexões e buscas de alternativas para mudarmos nossa realidade.

A ideia de desenvolvermos ações pedagógicas que possibilitassem aos estudantes de EJA vislumbrarem soluções a problemática do lixo por meio de práticas de reciclagem e reutilização como forma de minimização da produção de lixo e o destino correto dele, deu-se a partir de um diálogo entre a orientadora educacional e a supervisora educacional e de alguns professores da EJA. Por conseguinte, o estímulo inicial a realização dessa atividade também foi motivada pela preocupação em planejar ações, abordagens temáticas que estejam conectadas com a vida dos alunos.

Diante dessa problemática – a grande produção do lixo e a reutilização e também com o objetivo de minimizar a evasão escolar, que é um grande desafio, é que pensamos em planejar e executar uma intervenção pedagógica significativa que tivesse como foco tornar esses estudantes protagonistas de suas aprendizagens. E também atravessar os muros da escola e chegar a comunidade dos alunos. A sequência didática foi realizada com as turmas de Educação de Jovens e Adultos, nos ciclos III e IV, possibilitando um espaço para reflexão e mudança de atitudes.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – O PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A vivência formativa na EJA a partir da realização de uma Intervenção Pedagógica, foi desenvolvida com duas turmas da Educação de Jovens e Adultos, Ciclos III e IV, na Escola Municipal Almirante Barroso, localizada no município de João Pessoa/PB, no Bairro de Cruz das Armas, na comunidade do Baleado. A referida escola é composta por três níveis de ensino (Educação Infantil, Ensino Fundamental: anos iniciais e finais), Projeto Acelerando o saber e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos; totalizando um número de 523 alunos. Na EJA são 129 matriculados (as). Para a Educação de Jovens e Adultos, a escola atende um público diversificado de jovens entre 15 e 21 anos, adultos e idosos, trabalhadores, donas de casa e jovens que apenas estudam.

As disciplinas escolhidas para planejarmos a sequência didática foram Português, Ciências, Geografia e Matemática. O Tema da sequência didática não

surgiu de maneira aleatória, mas, sendo o resultado de diálogos com os alunos/as, com a supervisora da nossa escola e a orientadora educacional.

Logo após, foi apresentado aos professores que participaram do planejamento e da organização e coordenação da sequência, cujo tema foi: **O lixo no cotidiano, sua origem e destino**. Justificamos que a escolha do tema foi pertinente por vários motivos, o crescimento da população, empresas e indústrias, trouxe um aumento da produção de lixo no Brasil e junto a este crescimento, impactos negativos ao meio ambiente e para a saúde humana. Além de destacarmos que quando é reutilizada, reciclada permite uma série de benefícios para todos/as.

Diante deste problema elaboramos a sequência didática como proposta de atividade formativa na Educação de Jovens e Adultos e discutimos o tema em sala de aula. As ações foram diversificadas, de forma que os estudantes interagiram uns com os outros, por meio de rodas de diálogos em sala de aula que permitiram repensar as concepções prévias sobre o tema abordado, trocas de experiências entre professores e alunos, apresentação de documentários. As principais propostas interdisciplinares, realizadas durante oito encontros, dois para cada disciplina, foram: **1. Português:** Gênero textual (notícia) sobre a grande produção de lixo no Brasil. Como atividade os estudantes estudaram as características deste gênero, sua função social e em grupo construíram notícias alertando a população sobre as consequências que o lixo traz para o meio ambiente e como podemos fazer para minimizá-lo. **2. Geografia:** Os tipos de lixo e as consequências para o meio ambiente; foi apresentado um documentário sobre os lixos mais produzidos no Brasil bem como suas consequências e como atividade foi proposta a produção de cartazes sobre as consequências de lixo como metais, plásticos para o meio ambiente. **3. Matemática:** Porcentagem, sobre a produção de lixo nas regiões, com base em dados pesquisados na internet; e **4. Ciências:** A Importância da reutilização e reciclagem do lixo. Após rodas de diálogo, apresentação de documentários sobre a reciclagem de lixo no Brasil foi também proposto junto a disciplina de geografia cartazes sobre a importância da reutilização desses materiais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA NA EJA

Diante da problemática discutida na sala de aula da EJA, foram necessárias intervenções para refletirmos e buscarmos soluções para o problema do lixo. As discussões foram benéficas, o processo foi interativo, pois nos preocupamos em desenvolver uma prática metodológica que respondesse às necessidades de cada estudante e que tivesse um caráter inclusivo, oferecendo uma aprendizagem significativa que interferisse diretamente nesse processo e, conseqüentemente, no contexto social.

Sendo assim, os estudantes participaram de forma mais ativa em sala de aula, relatando suas vivências, fazendo uma relação entre aquilo que conhece com o que está aprendendo, o que favoreceu uma aprendizagem relevante, ao mesmo tempo em que o professor aprendeu com os estudantes, estes aprenderam com o professor, pois a troca de experiência é recíproca. Conforme Freire: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Paulo Freire 1996).

Dessa forma, as atividades foram dialógicas com elementos emancipatórios de ação-reflexão-ação, pois houve envolvimento, muitas sugestões de atividades foram apresentadas pelos estudantes, algumas foram realizadas outras ainda serão em seu contexto social, pois, “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2002 p. 52).

As atividades foram realizadas em grupos, os estudantes levaram materiais para a produção de cartazes e pesquisas para a construção de notícias e momentos de diálogos e aprendizagens sobre o lixo desenvolvidas na modalidade EJA, em escola pública de João Pessoa/PB.



Fonte: Acervo do professor

Ressaltamos que não sentimos muitas dificuldades em realizar as atividades por se tratar de um tema relevante e sabermos que as ações não devem cair na mesmice, então planejamos as ações o mais dinâmico possível.

Mas, a dificuldade encontrada foi no sentido de que a presença de alguns alunos não foi constante, oscila por diversas situações relatadas por eles, dificultando um pouco a compreensão, logo refletida durante momentos das ações e discussões.

A experiência foi extremamente rica e a aula dialogada foi considerada pelos estudantes um momento que proporcionou bastante conhecimento, pois neste momento houve o relato de experiências, e um aprendia com o outro. Ratifico esta fala apresentando dois relatos de alunos (nomes fictícios), um do ciclo III e outro do Ciclo IV. Para resguardar o anonimato da identidade dos alunos escolhemos nomes fictícios.

“Meu grupo, foi sobre a importância de manter a cidade e a escola limpa, não jogar lixo na rua, na sala, mas no local certo, que podemos reutilizar materiais e reciclar papel, que eu não sabia que podia, achava que não tinha nenhuma importância” Joana (Ciclo III).

“A Atividade sobre o lixo e a reciclagem foi importante e o trabalho que fiz foi sobre reciclagem, como separar os materiais e os riscos do lixo para o meio ambiente” Antônio (Ciclo IV).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Curso de Aperfeiçoamento em Educação de Jovens e Adultos na diversidade e inclusão social, possibilitou-nos uma ampliação de nosso conhecimento sobre esta modalidade de ensino, bem como a importância de selecionarmos conteúdos e buscarmos práticas metodológicas essenciais para a vida dos estudantes, partindo da reflexão da sociedade que vivemos e de que forma podemos atuar e intervir em situações cotidianas.

Durante o curso, refletimos, sobre o sujeito da EJA, a diversidade e como incluir e ajudar estes estudantes a permanecerem em sala de aula sem perder seus sonhos e desejos, pois são pessoas com diferentes perfis, que trabalham, são chefes de família, mas que tem o desejo de mudar a realidade que vivem.

Os objetivos e as estratégias das atividades foram concluídos para esta sequência didática, mas pretendemos dar continuidade, como oficinas em parceria com a Emlur (Autarquia de limpeza urbana do município de João Pessoa),

reutilização e reciclagem de produtos, customização, dessa forma os estudantes tem a oportunidade de ampliar estes conhecimentos e serem multiplicadores destes conhecimentos.

É importante planejarmos e replanejarmos nossas ações de maneira que a escola seja um espaço de satisfação, de conhecimento, promovendo a motivação necessária à aprendizagem; e este curso possibilitou uma maior compreensão de novas metodologias que possibilitam a efetiva aprendizagem.

A sequência didática se tornou um desafio a partir do momento da escolha do tema, depois por ter sido planejado de forma interdisciplinar nas turmas dos ciclos III e IV, envolvendo quatro professores no seu planejamento, mas, que com determinação os objetivos propostos foram alcançados.

Para Freire (1981) o educador é o mediador do diálogo com o conhecimento no processo de aprendizagem do educando. Freire continua ratificando esse pensamento, “[...] proponho e defendo uma pedagogia crítico dialógica, uma pedagogia da pergunta” (2000, p.83). Nesse sentido, priorizamos uma relação dialógica e pudemos observar durante as ações que a participação foi frequente, porque a ideia era ouvir os estudantes, e as críticas, soluções e tomadas de decisões. Possibilitando, assim, uma participação efetiva, pois precisamos associar os conteúdos que na realidade tenham sentidos para eles usarem desses conhecimentos na sua vida cotidiana, contribuindo com a transformação da própria sociedade.

Trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos requer também compromissos, uma ruptura com um currículo engessado, em que os estudantes da EJA não sejam apenas receptores de mensagens, sujeitos passivos. Pelo contrário, faz-se necessário um currículo com mobilidade, ativo, vivo e com significados relacionando aos saberes, levando em consideração as especificidades dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos**: alunos e alunas da EJA. Caderno 2. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos**: a sala de aula como espaço de vivência e aprendizagem. Caderno 2. Brasília, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GARCIA, Renata. M.; SILVA, Marluce. P. (orgs). **EJA, Diversidade e inclusão**: reflexões (im)pertinentes. João Pessoa: Editora: UFPB, 2018.

MOREIRA, A. E.R. **Sol, a terra e os seres vivos**: uma proposta de sequência didática para o ensino de Ciências na Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/doc_dsc_nome_arqui20170302111440.pdf

Artes e geometria — sequência didática nas unidades de ensino da EJA em salas prisionais do estado da Paraíba

Gilmar Antônio de Oliveira
Kilma Cunha de Barros
Célia Regina Teixeira

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho abordamos o tema geometria nas aulas de Matemática através das artes. Como proposta para melhoria na disciplina, além de ser uma forma de intervenção no espaço de aula numa perspectiva interdisciplinar.

Nesse sentido, procuramos dar ênfase ao conteúdo proposto, como forma de melhoria de nossas práticas pedagógicas nas aulas e, como contribuição para o ensino aprendizagem dos educandos na EJA.

Os alunos que estão na escola, segundo Dayrell (1996. p.144)

[...] são sujeitos socioculturais, com um saber, uma cultura, e também com um projeto, mais amplo ou mais restrito, mais ou menos consciente, mas sempre existente fruto das experiências vivenciadas dentro de um campo de possibilidades de cada um.

Assim como em outros Estados, o Estado da Paraíba inclui-se nas políticas públicas educacionais voltadas à educação de jovens e adultos, situada em João Pessoa. O sistema estadual de ensino implantou uma modalidade da EJA por meio do Programa Projovem Urbano Prisional. Por esse motivo, nós educadores sempre buscamos nos aperfeiçoarmos.

Diante disso, como profissionais envolvidos nessa questão de formar cidadãos, procuramos cursos que nos orientem a aplicarmos atividades pedagógicas cada vez melhor, para favorecer o atendimento dos alunos do EJA, por ser nossa clientela em questão.

A Matemática faz parte do currículo do Projovem Urbano nas unidades Prisionais. Pensando neste contexto, entendemos que nosso local de trabalho é desprovido de ferramentas pedagógicas. E que mesmo assim, não deixamos de ensinar o conteúdo necessário ao nível de ensino do curso. E também que temos que adaptá-los ao momento e espaço, usando a flexibilidade necessária para que o jovem entenda e participe do seu processo de aprendizagem.

Nesse sentido as unidades formativas 1 e 2 que traz como eixo central “Juventude e Cultura” e “Juventude e Cidade” propõe ao professor de Matemática que elabore aulas com foco nos aspectos da convivência social que compõem a identidade cultural do jovem na cidade. Usando a interdisciplinaridade ao integrar o assunto com a realidade vigente, fazendo com que os conteúdos possam fazer parte do processo de ensino, sem fragmentá-los.

Assim elaboramos uma proposta de intervenção com o objetivo de abranger as formas geométricas adaptando-as a vivência do aluno privado de liberdade, para que ele pudesse entender o conteúdo lecionado na prática, analisando e comparando no entorno de seu convívio o tema em questão. E também aos jovens encarcerados, tanto nos espaços privados de liberdade como para além deles, que entendessem como a geometria faz parte do nosso dia a dia. Com isso, fomos demonstrando maneiras diferenciadas de abordar os conteúdos através da política penitenciária, como também identificar o direito dos jovens e adultos no contexto de privação de liberdade, enquanto direitos humanos.

Tivemos o foco em questões de cidadania, de que não é possível transformar o País, humanizá-lo, democratizá-lo, torná-lo sério com os jovens brincando de matar pessoas, ceifando vidas, acabando sonhos, tornando inviável o amor, ficando parte de suas vidas em um cárcere privado de liberdade (Freire, 2000).

A educação é um direito, e um dever que o Estado tem de proporcionar aos cidadãos, diante desse fato entendemos que: “Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p.31). Nessa propositura, nós educadores precisamos pensar em uma educação contínua, que seja ofertada ao cidadão de direito. Isso requer do educador avançar

em suas propostas pedagógicas, pois a qualidade no ato de educar ocorre quando se está pesquisando sobre sua profissionalização, compartilhando-a com sua experiência cotidiana. Para isso, temos sempre que agregar estudos sobre o trabalho docente, a didática, metodologia e recursos, dando o devido valor ao objeto do trabalho – humano, para que os alunos sejam incluídos no mundo globalizado, cooperando e buscando sempre seu bem-estar.

Segundo Nunes (2002, p.45): O grande desafio é fazer com que os docentes consigam “[...] desenvolver um trabalho direcionado para o ideal de formação, que dote os jovens de capacidade de apropriar-se do conhecimento como instrumento criativo de inserção crítica na sociedade. É através também dos estudos que os jovens podem transformar a sociedade, assegurando um futuro promissor. É pertinente lembrar que se encontra no Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH), que toda pessoa tem direitos peculiar a sua natureza humana, que deve ser respeitada a sua dignidade para garantir e propiciar a evolução de sua potência de forma livre, autônoma e plena.

Dessa forma a intervenção executada demonstra a importância de um ensino aprendizagem que conduza os alunos da EJA ao raciocínio crítico, ao pensar sobre os problemas humanos e, por si só, levar a pensar sobre a sua própria condição sócia educativa, e a interação na sociedade como ser pensante.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo de caráter intervencionista teve como finalidade implantar maneiras diferenciadas de melhorar as práticas pedagógicas, promovida nas aulas de Matemática na modalidade EJA, no estado da Paraíba, no presídio na cidade de João Pessoa.

Sob esse ponto vista “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (SÃO PAULO, 1998, p.1). Frente ao enunciado, especificamente os jovens são uma parte da população que mais precisam de atenção, visto que zelem e trabalhem pelo desenvolvimento do País.

Nesse contexto, visando um crescimento na educação escolar desses jovens, como parte de uma política pública social voltada para a juventude, propomos aplicar uma intervenção na turma do ProJovem Urbano Prisional (Ensino Fundamental), com 20 alunos matriculados no Presídio de Segurança Sílvio Porto em João Pessoa, de modo que obtivéssemos melhoria sócio educativa. Os alunos possuem idade entre 18 e 29 anos, todos do sexo masculino, alguns são casados, entretanto a maioria é solteiro, 40% tem filhos, os jovens em sua maioria vem do interior do Estado, e alguns de cidades de outros Estados. Anteriormente a essa situação de reclusão, viviam sem trabalho e vulnerável na sociedade, uma vez que, apenas 4% tinha contrato de trabalho. Os jovens apresentavam dificuldades em ir à escola, alegando não ter vontade devido ao envolvimento com drogas, roubos e mortes.

Alguns alegaram que a sua volta aos estudos foi para remição da pena, outros para concluir o ensino fundamental e prosseguir nos estudos, e até chegar a uma faculdade. Em sua maioria não seguiam nenhuma religião, e apenas 10% se apresentaram como católicos.

A escolha do tema foi muito pertinente, pois envolveu conteúdo considerado complexo para os jovens. A geometria através das artes, utilizada para a realização desse processo de intervenção levou em consideração a interdisciplinaridade como apoio e interligação com outras disciplinas. Envolvermos a arte, utilizando desenhos e história, principalmente quando colocamos figuras que fazem parte das cidades e sua localização que alinhava o conteúdo da disciplina de geografia, como também a língua portuguesa com questões envolvendo a escrita e leitura.

A contextualização para apresentação do tema, a diversidade para aproveitar o entorno do ambiente e incluir lugares que não se percebiam, fez com que a aula ocorresse de maneira agradável, dinâmica e interessante. O que repercutiu na aprendizagem dos alunos, fazendo parte da formação e cidadania no contexto dos direitos humanos.

Nós educadores precisamos ter consciência que trabalhar com jovens e adultos “[...] requer do educador conhecimentos específicos no que diz respeito ao conteúdo, metodologia, avaliação, atendimento, entre outros, para trabalhar

com essa clientela heterogênea e tão diversificada culturalmente” (ABACHE, 2001, p.19).

Assim, para a continuidade do processo, as aulas de geometria se tornaram agradáveis, com construção de figuras planas confeccionadas em cartazes e cartolinas, produzidas pelos educandos, para ressignificar o entendimento do conteúdo. Foi uma estratégia metodológica que melhorou bastante as aulas, utilizamos os espaços em que os jovens estão inseridos e o processo avaliativo se tornou mais dinâmico, mais participativo e apresentou um desenvolvimento significativo e produtivo nas aulas de matemática, reiterando nesse sentido a inclusão de fato desses jovens, no processo de ensino formação e cidadania, no contexto sócio educativo privado de liberdade no cárcere.

De acordo com Luckesi (2006) a questão da avaliação envolve um ato amoroso, principalmente quanto há envolvimento do professor e do aluno durante o processo de ensino e aprendizagem, pois “[...] na medida em que o inclui entre os bem-sucedidos, devido ao fato de que esse sucesso foi construído ao longo do processo de ensino-aprendizagem (o sucesso não vem de graça)” (2006, p.175).

Acreditamos que quando procuramos melhorar nossa prática pedagógica, o ensino aprendizagem torna-se mais atraente, no sentido de aprendizagem, pois nossos educandos percebem essa diferença e tornam-se mais envolvidos no processo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A educação para todas as pessoas é sempre possível, pois é a capacidade do desenvolvimento integral de cada um em sua totalidade, levando em consideração aspectos como os físicos, psíquicos e cognitivos. De acordo com Correia (2008) fica notório que, para melhor evolução e sistematização de ensino e aprendizagem, o professor necessita de alternativas de apoio no sentido de melhoria da sua prática pedagógica, adaptando os espaços escolares, currículos em atendimento as diversidades e necessidades dos alunos. Inovando e procurando apoio e cursos de aperfeiçoamento que seja m adequados para o direcionamento da inovação pedagógica no ensino.

Nesse contexto procuramos implantar a intervenção na modalidade da EJA para atender os educandos de maneira diferenciada e que atendesse as expectativas dos alunos. Para tanto decidimos aplicar uma proposta que despertasse o aluno e desse um novo sentido nas aulas de Matemática.

Figuras 1, 2, 3 – Execução da sequência



Fonte: Acervo do professor

Com isso afirmamos que as atividades que foram realizadas no período da intervenção foram satisfatórias. Ficou notório o recebimento de maneira positiva das estratégias adotadas e pudemos observar o envolvimento dos alunos mais entusiasmados e participativos. O interesse aumentou em relação às aulas

de matemática, através da participação ativa nos conteúdos apresentados que antes até então não era percebido. Posto as novas práticas pedagógicas para a execução das atividades, tivemos alguns desafios em relação ao espaço em que os jovens se encontravam no momento privado de liberdade, os agentes prisionais se opuseram a ajudar devidos os alunos ficarem livres dentro do cárcere, pois havia poucas pessoas em dar apoio. Para a execução algumas ações se fizeram necessárias, conversamos com o diretor do Presídio Sílvio Porto, que nos deu apoio e reforçou o efetivo de agentes para nos acompanhar nessa missão de educar no cárcere. O educador ao trabalhar em sistema prisional deve atentar que suas práticas necessitam ser direcionadas para valores solidários, humanos e éticos, pesquisando assim, excelentes condições de melhoria no sentido de crescimento para o detento por que a “[...] socioeducação deve ter como fundamento os princípios de liberdade e os ideais de solidariedade e, como fim, a formação plena do educando, a sua preparação para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, com base na letra E, e no Art. 2º da LDBEN (COSTA, 2006, p. 26).

Sendo assim, independentemente da modalidade de ensino, o educador deve envolver as individualidades dos alunos, a realidade que se encontram, e executar seu ofício docente comprometido no tocante a ressocialização e cidadania, trazendo meios e buscando soluções para transpor os obstáculos que por ventura se apresentarem.

Entendemos e é notório que o local de estudos, ora em atendimento a crianças, jovens e adultos, até mesmo em espaço de privação de liberdade, deve ser concebido como um lugar de encontro para socialização e que, o saber é simplesmente um dos elementos para a sua dignidade. É necessário acabarmos com a convicção tradicional e simplicista de escola, onde o objetivo central está no efeito de conteúdos pragmáticos e diversas vezes descontextualizados da realidade do aluno, em especial com questões do mundo atual.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do resultado da intervenção em questão ficou evidente que houve contribuição e mudanças tanto na prática educativa dos educadores como na do

educando, havendo uma transformação no modo de ver e reagir. Comprovamos a participação de maneira benéfica dos alunos ao serem deparados com o novo. Dessa forma demonstramos que as políticas públicas educacionais direcionadas ao EJA, podem ser sim alcançadas e formalizadas através de práticas educativas, principalmente se levarmos em consideração a inclusão de todos sem exceção.

Consideramos que a atribuição do educador é de ir além de qualquer transferência de conteúdos, uma vez que, conteúdos não se transferem, se aprendem. Destacamos como positivo a aprendizagem no decorrer do Curso de Aperfeiçoamento em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade Social, levando em consideração todo esse processo intervencionista que nos foi proporcionado, aprendemos e conquistamos novas práticas pedagógicas, métodos para serem aplicados, como também serviu de crescimento pessoal e profissional. Serviu para incorporar novos saberes, participar e progredir nesse contexto da EJA.

E constatamos que podemos sim trabalhar a diversidade de forma igual para com todos. Portanto fazemos parte na evolução e transformação do aluno, contribuindo para o seu desenvolvimento intelectual, através da educação. E com isso construímos na formação de sua identidade.

Sendo assim, ao analisar a importância e o significado desse processo de intervenção na educação inclusiva, percebemos a sua precisão para os mais diversos tipos de aprendizes, porquanto lhes asseguramos a oportunidade de um ensino igual, justo, sem preconceitos, eficaz e democrático. Não obstante, sabemos que ainda existem inúmeras barreiras ainda a serem vencidas.

Portanto, a educação inclusiva pode ser vista como uma verdadeira revolução no processo de ensino, em que todos têm o dever de participar, reunindo esforços para que ela cada vez mais se firme nos seus propósitos de oferecer um ensino de qualidade, permeado de princípios de igualdade, solidariedade e democracia. Neste contexto, ficou notório o entusiasmo, o esforço e interesse desses alunos.

É possível concluirmos, que a escolaridade no presídio guarda especificidade que a diferenciam de outros espaços e que a sociedade dos cativos mantém expectativas de ter acesso aos conhecimentos e ao preparo para o convívio social (ONOFRE, 2007, p. 12).

REFERÊNCIAS

ARBACHE, Ana Paula Bastos. **A formação do educador de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica.** (Dissertação de Mestrado) Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora, 2001.

CORREIA, L.M. **Inclusão e Necessidades Educativas Especiais** - Um guia para educadores e professores. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação.** Cartas Pedagógicas e outros escritos. São Paulo, Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** Ana Maria Araújo Freire (org.). São Paulo: Editora UNESP, 2001.

GARCIA, Renata Monteiro, SILVA, Marluce Pereira da. **EJA, Diversidade e Inclusão:** reflexões (im) pertinentes. Paraíba, João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação de Aprendizagem Escolar.** 18. ed. São Paulo: Cortez 2006.

NUNES, Clarice. História da Educação: Interrompendo a prática do ensino e da pesquisa. In: LOPES, Ana Amélia B. M. et al (Org.) **História da Educação em Minas Gerais.** Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002, p. 38-57.

ONOFRE, Elenice Maria C. (Org.). **A educação escolar entre as grades.** São Carlos, São Paulo: EDUFSCAR, 2007.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado de Educação: **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional,** Lei nº 9.394/96. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1998.

Educação de jovens e adultos: o relato da vivência pedagógica na escola Anatilde Paes Barreto no município de Jacaraú-PB

Maria Camila do Nascimento
Kilma Cunha de Barros
Célia Regina Teixeira

O educador não tem a solução completa para todas as experiências de aprendizagem do educando, mas deve ser aquele que, amorosamente, acolhe, nutre, sustenta e confronta sua experiência, seus anseios e caminhos, para que o outro construa sua trajetória pessoal enquanto aprende e se desenvolve (Cipriano Luckesi).

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o relato da vivência pedagógica na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Jacaraú - PB, tendo como finalidade o valorizar do processo de formação continuada para professores, em específico na modalidade da EJA.

Defende que ao longo do texto a necessidade de se pensar sobre a formação continuada de professores, especificamente na modalidade em que está sendo tratada neste trabalho por meio da dialética defendida por Gadotti e Romão (2006) em que destacam que durante a formação de professores é verificado que não se tem pensado muito no campo específico da EJA, seja nos Cursos de Pedagogia ou nas demais licenciaturas existentes no Brasil.

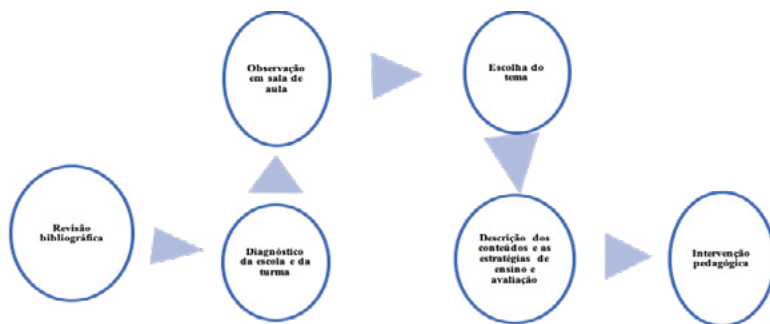
Essa ausência sobre esta modalidade diante dos cursos de formação para a docência, compromete a prática e a metodologia em sala de aula do educador e, conseqüentemente, afeta a aprendizagem dos alunos. Para ser um profissional que enfrentar as dificuldades e desafios existentes nesse campo, a

procura por formação inicial e continuada deve, ou deveria ser um foco também nos cursos de formação, pois é inerente a prática docente.

Dessa forma, nesse trabalho traz a defesa de que motivar os professores a buscar aperfeiçoamento inicial ou continuado em sua formação acadêmica, aprimora no dia a dia as práticas/atividades pedagógicas em sala de aula. Pois as boas estratégias de ensino incentivam os alunos a se motivarem e a continuarem presentes no âmbito da EJA. Contribuindo para amenizar os altos índices de evasão escolar existente nesse nível de ensino.

Além da formação continuada ser um direito para os profissionais, também representa, uma forma de luta e resistência em busca de melhoria na qualidade da educação. Portanto, nesse trabalho buscamos apresentar as experiências que foram exitosas em meio a tantas dificuldades, desafios, inseguranças e perspectivas em sequência didática.

Para a construção dessa atividade nos apropriamos da perspectiva qualitativa, com instrumento de observação e intervenção pedagógica. E para isso seguimos com os seguintes procedimentos: a) diagnóstico da escola e da turma da Educação de Jovens e Adultos; b) escolha de um tema; c) os conteúdos abordados na sequência didática e d) as estratégias de ensino e avaliação.



Fonte: Arquivo Pessoal da autora

A escola Anatilde Paes Barreto está localizada no Sítio Salvador Gomes de Baixo município de Jacaraú – PB. A escola possui boa estrutura física e boa organização, funciona nos três turnos (manhã, tarde e noite), com turmas de 2º ao 9º do Ensino Fundamental e todos os Ciclos da EJA.

No que diz respeito ao perfil da turma para executar a sequência didática foi a do Ciclo I e II, a quantidade de alunos que frequentam essa turma é de 15 alunos, na faixa etária entre 15 e 72 anos e em sua maioria são do sexo masculino. Todos os estudantes são da zona rural, tendo como meio de subsistência a agricultura, agricultura familiar e a aposentadoria. A maioria desses alunos deixou de estudar durante a fase do ensino regular (idade certa) por falta de oportunidade quando crianças, pois em muitos momentos tinham que escolher entre trabalhar para sobreviver ou estudar.

Entretanto, alunos que evadiram, com o passar do tempo, decidiram voltar a estudar a partir da oportunidade que a escola ofereceu com a modalidade de ensino — Educação de Jovens e Adultos. Além da escola ter proximidade com suas residências e com isso, aperfeiçoarem o que já sabem e incorporar em seu dia a dia novos conhecimentos e aprendizagens. Para tanto, Paiva confirma essa questão quando nos diz que a EJA [...] é toda educação destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários (1973, p.16).

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS — A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O tema abordado na sequência didática foi *“Os agrotóxicos e seus impactos na saúde humana”*. A escolha deu-se para compor saberes cotidianos advindos da realidade dos próprios alunos, tendo em vista que todos os alunos fazem parte do meio rural e muitos lidam ou lidaram com a terra. Para fazer essa escolha, realizei a observação em sala de aula durante 4 noites consecutivas, cada noite com carga horária de 4 horas. E foi nesse período de observação que repercutiu uma discussão na sala de aula entre os alunos com relação aos agrotóxicos.

Portanto, foi a partir dessa discussão que percebemos que esse tema é de extrema relevância por ser uma realidade dos alunos e dos seus familiares. E reafirmarem que os agrotóxicos estão inseridos em suas práticas diárias

(agricultura e o trabalho no campo). E com isso, foi um assunto verbalizado como fonte de interesse.

Nesta sequência didática buscamos trabalhar de forma interdisciplinar. Os conteúdos que predominaram foram os da área da língua portuguesa, ciência, matemática e geometria. Especificamente com atividades envolvendo ortografia, interpretação de texto, vida e ambiente, saúde, Impacto ambiental, formas geométricas e noções de gráfico.

Quanto às estratégias de ensino usadas na sequência, procuramos trabalhar com rotatividade de atividades para que as aulas não ficassem repetitivas, monótonas e exaustivas, buscando respeitar a individualidade dos alunos, mas atuando na perspectiva de inclusão e interação.

Por conseguinte, as aulas foram elaboradas e aplicadas da seguinte maneira: aula expositiva e dialogada, dinâmica, atividades com recortes e colagem, atividades em grupo e individuais e por fim, realização de jogos matemáticos. Levando em consideração as estratégias de ensino, o processo de avaliação deu-se por meio da participação dos alunos durante a realização, bem como no desenvolvimento das atividades. Como instrumento de avaliação utilizamos algumas atividades escritas e a composição de um portfólio com as atividades produzidas ao longo da regência. A execução da sequência didática foi de 4 encontros com duração de carga horária de 16 horas, durante o turno noturno.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO — O RELATO DA EXECUÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NA EJA

O termo Educação de Jovens e Adultos tornou-se mais comum na Constituição Federal de 1934. Porém, só com a criação da Constituição Federal de 1988 que a EJA ganhou novos alicerces a partir do artigo 208, que aponta que. “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurado, inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988). Portanto somente com a Constituição de 1988 que a EJA passou a tornar-se um direito público e que deve ser ofertada obrigatoriamente. Isso por entender que a EJA é uma oportunidade para (re)

incluir os sujeitos que tiveram os seus direitos educacionais privados socialmente, através do direito ao estudo mesmo sendo de uma forma muito tardia. E para que essa educação seja de fato concretizada as leis que garantem o direito da mesma nem sempre são suficientes.

Destacamos que a necessidade de reconsiderar as práticas e os saberes da formação docente voltada para o contexto da Educação de Jovens e Adultos. Nesta perspectiva, iniciamos a nossa conversa sobre a experiência da execução da intervenção pedagógica nessa modalidade de ensino.

No início da intervenção os alunos ficaram receosos quando apresentamos a proposta de ensino, pois a maior parte da turma apresentava um perfil de timidez e na maioria das vezes os sujeitos se acham incapazes de realizar muitas atividades, dentre elas novas atividades.

Entretanto, não tiveram muita resistência diante das estratégias de ensino nem referente à forma de avaliação. Pois, antes de executar cada atividade procuramos apresentar e explicar detalhadamente o funcionamento das mesmas e a partir desse momento, entraríamos em acordo com os alunos se as atividades eram viáveis ou não. Ou seja, o diálogo foi uma estratégia para que eles se sentissem mais à vontade e confortável diante das propostas trazidas e que seriam executadas por meio da sequência didática. Diante desse processo eles exibiram interesse e participavam de forma ativa nas aulas, principalmente das rodas de conversas e debates.

As estratégias de ensino trouxeram uma aprendizagem significativa, pois diante delas a maior preocupação sempre foi trazer sentido para os alunos. Ou seja, a intervenção foi desenvolvida com base nas experiências e vivências do cotidiano dos próprios sujeitos, em específico o seu trabalho diário. Essa preocupação pudemos perceber desde a justificativa da escolha do tema a ser desenvolvido na sequência didática, tendo em vista que nessa vivência pedagógica não tivemos somente preocupação de transmitir conteúdo, mas também a perspectiva de ir além e levar contribuições na vida desses indivíduos, fazendo com que eles percebam que a aprendizagem obtida na sala de aula tem utilidade no seu dia a dia e que possuíam nítida relação com suas atividades diárias.

Desse modo estimulando-os a continuarem estudando. E como assinala Almeida de Castro *apud* Cordeiro (2017) “[...] o ideal de toda didática sempre foi que o ensino produzisse uma transformação no aprendiz, que este, graças ao aprendizado, se tornasse diferente, melhor, mais capaz, mais sábio”.

Com esse entendimento, ressaltamos que é de suma importância que a aprendizagem significativa esteja bem clara para os alunos. De acordo com Paul Hirst *apud* Cordeiro (2017) “[...] o modo como os professores entendem que o que é ensinar afeta grandemente o que efetivamente fazem na sala de aula”, pois quando há um profissional na sala de aula que não evidencia essa preocupação em suas aulas, os alunos se sentem desmotivados e não sentem estímulo para que possam continuar presentes neste ambiente. Isso pudemos atestar quando em conversa informal com os alunos eles sempre relatavam que já estão velhos para aprender a ler e escrever, que o tempo deles já passou. E com os mais novos a maioria não quer levar a sério e nem possuem perspectiva de continuarem a sua jornada de escolarização. Porém, na Educação de Jovens e Adultos não podemos nos preocupar apenas com o alfabetizar/letrar propriamente dito, mas sim fazer com que os alunos percebam que eles fazem parte de uma sociedade e o que eles fazem possui um valor social. Ou seja, além do papel de alfabetizar a Educação de Jovens e Adultos também se abordam elementos da formação cidadã dos indivíduos, trazendo a perspectiva de valorização e inclusão.

Durante a execução da intervenção pedagógica na Educação de Jovens e Adultos o maior desafio foi trabalhar com uma turma heterogênea no sentido da multisseriação e com relação à faixa etária da idade variada presente na sala de aula.

Apontamos que talvez esse entrave seja em razão de estar em processo de formação em Pedagogia pela UFPB e por não possuir muito contato com a sala de aula além dos estágios e projetos de ensino, pesquisa e extensão da universidade. Por esses motivos tivemos momentos de insegurança de não conseguir realizar a intervenção pedagógica de forma prazerosa e eficaz. Entretanto durante o decorrer da execução da sequência/intervenção essa dificuldade foi superada. Uma das orientações seguida foi em relação à turma heterogênea, citada no parágrafo anterior, utilizamos nas atividades o que

Cordeiro menciona que a: “[...] heterogeneidade pode ser mais proveitosa: ao juntar alunos com habilidades, interesses e graus de aproveitamento diferentes, muitas vezes se consegue uma dinâmica de colaboração entre os colegas que melhora a qualidade da aprendizagem de todos” (2017, p. 25).

Justificamos que apesar de ter sentido dificuldade com a turma heterogênea no início da execução da sequência didática, no decorrer da convivência com os alunos e no desenvolvimento da intervenção pedagógica fomos adquirindo conhecimento das habilidades de cada aluno e transformamos a dificuldade em subsídio para a realização das tarefas, fazendo trabalho em cooperação entre os alunos. Assim como mencionado por Cordeiro.

Figura 1 – Construção do cartaz do ranking dos alimentos que apresentam irregularidade no uso de agrotóxicos



Fonte: Arquivo Pessoal da autora

Com a imagem acima se evidencia a dinâmica da colaboração na sala de aula. Em que cada aluno com sua individualidade, com as diferenças de níveis de aprendizagens e com as habilidades diferenciadas pode melhorar a sua aprendizagem, além de estar trabalhando a inclusão dos alunos. Outras atividades foram realizadas nessa visão de cooperação, até mesmo as atividades individuais os alunos que possuíam maior grau de aprendizagem auxiliavam

os alunos que apresentavam mais dificuldades e dessa forma os desafios e dificuldades foram sendo superados a cada momento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como foco a intervenção em salas de EJA, por meio de sequência didática. Defendemos que muitas vezes os futuros professores necessitam de formação continuada, por meio da vivência pedagógica. Esses elementos foram abordados no curso de Aperfeiçoamento em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social.

E foi levando em consideração esse processo de aperfeiçoamento e a experiência obtida, que nos proporcionou reflexões para uma melhor formação do corpo docente para atuação na EJA, pois a execução de uma sequência didática foi um momento em que oportunizou refletirmos as teorias e as práticas pedagógicas durante a atuação do profissional na sala da EJA. Mencionamos também, o ato da reflexão por estar em processo de formação da primeira graduação, e dessa forma a nossa atuação nesse espaço trouxe muito aprendizado não só para o âmbito da formação docente, mas também em nossa formação humana.

Além disso, despertou-nos um olhar diferenciado para essa modalidade de educação, no sentido de que o professor deve ser preparado para enfrentar os desafios desse espaço, haja vista que nos deparamos com maiores desafios e precisamos ter habilidades e capacidades suficientes para dar uma aula coerente a realidade dos alunos, respeitando a singularidade, diversidade, o ritmo de aprendizagem de cada um. Sabendo do contexto histórico da EJA e da realidade dos seus discentes, como mencionamos em minha experiência, pois o fazer docente envolve dar sentido e significado a vida dos alunos a partir do que está sendo trabalhado na sala de aula.

Nesse contexto, o docente ao realizar uma atividade deve se preocupar com a forma que faz acontecer à aprendizagem significativa, para que não ocorra a exclusão de nenhum indivíduo presente na sala de aula. Portanto, para que o professor possa fazer uma boa atuação na sala de aula há a necessidade de

continuar o seu processo de formação, em razão das mudanças que ocorrem a todo instante na sociedade contemporânea.

Dessa forma, o professor que atua na Educação de Jovens e Adultos tem que possuir uma sensibilidade aguçada para com os elementos da diversidade e acima de tudo, respeitar a história de vida de cada um de seus alunos, promovendo um ato inclusivo não somente na sala de aula, mas proporcionando a inclusão social diante dos seus atos cidadãos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição Federal de 1998**. Brasília, Promulgada em 5 de outubro de 1988.

CORDEIRO, Jaime. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio (org). **Educação de Jovens e Adultos**: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez, 2006.

GARCIA, Renata Monteiro, SILVA, Marluce Pereira da. **EJA, Diversidade e Inclusão**: reflexões (im) pertinentes. Paraíba, João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação e educação de Jovens e Adultos**, Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1973.

Processos de ensino-aprendizagem na EJA: ressignificando e entendendo a importância da educação de jovens e adultos

Leonilda Dias
Maria de Fátima Macedo dos Santos
Joel Araújo Queiroz

1. INTRODUÇÃO

Segundo o Dicionário Aurélio (2004, p. 596), profissionalizar é “Dar caráter profissional a, ou adquiri-lo”. Assim, tratando-se da educação, os(as) profissionais dessa área são aqueles(as) que atuam diretamente com situações de ensino e de aprendizagem no âmbito escolar, devendo os(as) mesmos(as) possuírem à docência como base de sua formação pedagógica, requisito este, adquirido nas universidades e/ou institutos superiores de educação.

Nesse sentido, percebemos na prática a importância da formação continuada de professores, como um caminho complementar a formação inicial docente, tendo em vista os desafios que estão vinculados à Educação de Jovens e Adultos (EJA), os quais são muitas vezes reconhecidos na vivência de sala de aula.

O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito do Curso de Aperfeiçoamento em Educação de Jovens e Adultos, com foco na diversidade e na inclusão. Sendo fruto, portanto, de reflexão crítica do fazer docente na EJA e, por sua vez, de relato da atividade desenvolvida ao longo do referido curso, uma intervenção pedagógica e aplicação de Sequência Didática (SD) em uma turma de EJA.

Desse modo, tivemos como ponto de partida para a SD o texto como instrumento norteador das atividades em sala de aula. O texto escolhido era de um aluno da RELEJA-PB (Rede de Letramento de Jovens e Adultos da Paraíba), Antônio da Silva (nome fictício), do núcleo de base Sítio Jucá Velho do Município

de Serra Redonda-PB, intitulado: “Hoje eu sou liberto”. A sequência didática foi aplicada na turma da EJA do 1º segmento Ciclo II, no 3º ano, Turma “A”, com 21 alunos, na Rede Estadual do Município de Alagoa Grande-PB. Sendo desenvolvida durante cinco encontros, de 8 a 12 de abril de 2019, que trabalhamos de forma interdisciplinar, abordando conteúdos de áreas do conhecimento.

A partir dos estudos realizados sobre essa modalidade de ensino e da percepção da realidade vivenciada na EJA no curso de aperfeiçoamento, percebemos a importância de compreendermos mais acerca das necessidades da EJA, como forma de promover uma educação de qualidade, que atenda às suas especificidades. Segundo Soares:

As discussões sobre a Educação de Jovens e adultos têm priorizado as seguintes temáticas: a necessidade de se estabelecer um perfil mais aprofundado do aluno; a tomada da realidade em que está inserido como ponto de partida das ações pedagógicas; o repensar dos currículos, com metodologias e materiais didáticos adequados às suas necessidades; e, finalmente, a formação de professores condizente com a sua especificidade (2005, p. 127).

Esses fatores destacados por Soares (2005), nos permitem perceber que como modalidade, a EJA necessita ter essas especificidades priorizadas, ou seja, é importante refletir essa modalidade levando em consideração a importância de conhecer a realidade dos alunos, de pensar o currículo de forma que atenda suas necessidades e de formar professores capacitados e sensibilizados a trabalharem na Educação de Jovens e Adultos.

Diante disso, a sequência didática que foi trabalhada teve como objetivo pedagógico principal promover um olhar crítico a respeito da importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na vida dos alunos e, possibilitando que possam perceber que a Educação é um direito de todos, em qualquer momento de suas vidas.

2. PLANEJANDO UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA: O CONTEXTO DOS ALUNOS

A sequência didática foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manuel Barbosa de Lucena, que está localizada na Rua Cruzeiro, Município de Alagoa Grande-PB. A turma da EJA do 3º ANO tinha 21 alunos, a maioria é do sexo feminino, com faixa etária de 25 a 65 anos, alguns solteiros. A maioria dos alunos é da zona rural e de família de agricultores. Eles relataram que desistiram do estudo por motivo de trabalho, no entanto, voltaram a estudar tendo como principal motivação a busca por oportunidades de melhoria de vida e por ingresso no mercado de trabalho. Diante desse perfil desses alunos, decidimos trabalhar com um tema que promovesse o sentimento de pertencimento nesses alunos, ou seja, levá-los a perceberem que aquele espaço de sala de aula é e sempre foi um espaço de todos(as). Desse modo, escolhemos utilizar um texto para a sequência didática produzido por Antônio da Silva, aluno da RELEJA, que relata no texto a importância da educação na vida dele, depois que ele voltou a estudar.

A sequência didática foi trabalhada durante cinco dias da semana, de segunda à sexta-feira, das 18:30 às 22:30 da noite. A abordagem do texto se deu de forma a promover a interdisciplinaridade, de modo que os conteúdos selecionados para cada disciplina foram: **(i) Português:** leitura do texto e dos enunciados, apresentação de palavras retiradas do texto e números de sílabas; **(ii) Matemática:** quantidades, adição, números, sucessor e antecessor; **(iii) História:** Linha do tempo do aluno. **(iv) Geografia:** regiões do Brasil; **(v) Ciências:** sexualidade; **(vi) Artes:** carta ilustrada; **(vii) Educação Física:** coordenação motora; e **(viii) Religião:** gratidão.

Durante a execução da sequência didática, buscamos dar significado ao processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração a realidade dos alunos. As avaliações ocorreram ao longo do processo, o que nos permitiu avaliar o nível de aprendizagem de cada aluno e o estágio que cada um deles se encontrava durante as atividades.

3. A APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Na realização da sequência didática, tivemos total liberdade na escola, o que contribuiu para que as aulas fossem ministradas com segurança e tranquilidade. Na sala de aula trabalhamos por meio da promoção de diálogos sobre a importância do cumprimento das regras e limites para poder ter um desempenho nas atividades propostas, vale lembrar que todos os momentos foram pensados e baseados nos alunos. Tais procedimentos, atividades dialogadas e contextualizadas, possibilitaram momentos proveitosos e que resultaram em trocas de saberes entre os protagonistas envolvidos no processo – alunos e professor. Assim, apresentamos temporalmente, síntese das atividades que foram realizadas ao longo da SD.

1º Dia – Iniciamos a aula com uma conversa sobre educação, em seguida foi apresentado o texto por meio de cartaz: “Hoje eu sou liberto” de João Batista da Silva. O texto foi trabalhado durante toda a semana, fizemos a leitura coletiva do texto e dos enunciados, em seguida a contagem dos enunciados do texto e destacamos palavras do texto com uma e duas sílabas; tudo sendo registrado no quadro e os alunos nos seus devidos cadernos.

2º Dia – Fizemos apresentação das palavras retiradas do texto, lemos o texto novamente. Foram feitas atividades sobre números e adição. Com registros.

3º Dia – Realizamos leitura do texto, em seguida falamos da localidade e apresentamos o mapa do Brasil, após estudarmos as regiões do Brasil, foi feita atividade de sucessor e antecessor.

4º Dia – Iniciamos a aula com a leitura do texto, em seguida uma roda de conversa para falarmos sobre sexualidade, usamos o livro didático como elemento complementar ao conteúdo. Foram feitas atividades no caderno, para exercitar a coordenação motora dos alunos.

5º Dia – Iniciamos a aula com a leitura do texto, depois comparamos a linha do tempo do autor do texto com a dos alunos. Confeccionamos

uma carta ilustrada. Depois fizemos uma reflexão de gratidão a Deus por tudo que temos.

Ao longo do processo de intervenção realizamos atividades em grupo e socialização das atividades, o que possibilitou trocas de saberes e momentos de respeito com o outro. Os desafios encontrados estavam relacionados ao desestimulado observado nos alunos, que tinham receio de não conseguirem concluir as atividades propostas.

Lecionar na turma de EJA na aplicação da sequência didática foi um desafio e ao mesmo tempo um processo prazeroso, de forma que perceber que os alunos podem desenvolver seu potencial e alcançar os objetivos almejados, nos leva a entender que pudemos promover um espaço na EJA de aprendizados com significados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução dessa sequência didática nos permitiu compreender a importância da formação continuada dos professores respaldada na realidade do público da Educação de Jovens e Adultos. Isso é essencial para a valorização do profissional docente. A execução da sequência didática possibilitou uma experiência marcante por lidarmos com alunos de faixa etária bem diversa, ou seja, jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à escola.

Nesta intervenção pedagógica vimos o quanto é prazeroso trabalhar leitura de texto com os alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Todos os alunos atenciosos e participativos, apesar de alguns alunos estarem desmotivados achando que não seriam capazes de aprenderem, porque já passaram da idade.

Realizamos atividades em grupos para promoção do processo de socialização e mostrar que todos são capazes de aprenderem, independentemente da idade. Sempre nos posicionamos como mediadores do processo de ensino-aprendizagem, estimulando a persistência dos alunos, diante de tão elevada evasão nessa modalidade de ensino. Essa experiência prática na EJA, possibilitou ressignificar as práticas na EJA, com momentos divertidos, prazerosos e de troca de conhecimentos.

Ao realizarmos uma sequência didática com texto de relatos de aluno da Rede de Letramento de Jovens e Adultos da Paraíba - RELEJA-PB, nosso objetivo foi aplicar esta proposta pedagógica com intuito que alunos percebem a importância da educação na vida das pessoas, o acesso à escola, dar ao indivíduo a oportunidade de estarem inseridos na sociedade. Portanto, ao final da execução da sequência didática e do curso de aperfeiçoamento, percebemos que nossos olhares para a Educação de Jovens e Adultos se tornaram mais flexíveis e reflexivos, sobre a importância de como trabalhar com essa modalidade de ensino, por compreendemos a escola como espaço de formação humana, e para isso a consideramos como um lugar onde as interações acontecem e são de alguma forma vistas como parte dessa formação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica. Secretaria da Educação continuada, alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretária de Educação e Tecnologia. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Brasília, 2016.

GARCIA, Renata Monteiro, SILVA, Marluce Pereira da. **EJA, Diversidade e Inclusão**: reflexões (im) pertinentes. Paraíba, João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

SOARES, Leôncio. **Aprendendo com a diferença**: estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

História do cotidiano de jovens e adultos – EJA

Luciane Ribeiro da Silva
Kilma Cunha de Barros
Francymara Antonio N. de Assis

1. INTRODUÇÃO

Foi pensando e repensando na prática do docente, analisando o espaço da sala de aula, observando nossos educandos, na sociedade que vivemos e que queremos, isso é que nos motiva a cada dia de querer melhorar a didática em sala de aula e assim contribuir melhor para uma formação mais crítica e responsável que objetivamos esse trabalho.

O foco com esse trabalho foi mostrar a relevância da educação de Jovens e Adultos, nos engajar melhor nos projetos educacionais da escola, partindo do meio social em que estamos inseridos, da história cotidiana de cada aluno, valorizando cada espaço e cada ser, fazer valer apenas o que fazemos, crescermos juntos numa sociedade mais social e construtiva.

O local em que executamos este trabalho, foi na Escola Municipal de Ensino Fundamental Ana Cavalcante de Albuquerque, localizada no bairro do Sertãozinho, na cidade de Mamanguape PB. Precisamente em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental (ciclo IV). Participaram nessa turma 25 alunos com faixa etária entre 17 a 40 anos de idade, sendo 14 alunos do sexo masculino e 11 do sexo feminino.

A escolha do tema proposto para desenvolver essa atividade foi com base nas experiências e vivências em sala de aula, visto que lecionamos a disciplina de História, e portanto relacionar com a disciplina lecionada e que fosse relevante para a turma, ou seja, a História do Cotidiano, enfatizando que todos nós fazemos parte da construção da história, seja do país, do estado ou município em que vivemos. Com isso podemos perceber que somos nós os construtores da nossa

própria história e assim desempenhar melhor nosso papel como cidadãos construtores da sociedade em que vivemos.

Para o desenvolvimento deste trabalho contamos com a interdisciplinaridade envolvendo elementos da Ciências, Geografia e Português. Levamos em consideração o contexto em que os alunos estão inseridos e a inclusão de todos no processo histórico como fio condutor das atividades.

História: - Pluralidade cultural; - objetos antigos como fonte histórica; - produção de sua própria história (relatos de vida); - mudanças e permanências ao longo do tempo; **Ciências:** - meio ambiente, proteger e cuidar do meio em que vivemos; **Geografia:** - localização do espaço em que estamos inseridos; **Português:** - escrita, produção de texto sobre os relatos de experiências e objetos que contam um pouco da história do cotidiano de cada família.

Na metodologia nos propomos a fazer entrevista com os pais, avós ou tios sobre suas experiências de vida e também interagir com seus familiares sobre sua trajetória de vida. Fazer a localização do espaço a ser pesquisado, tipos de paisagem que rodeiam o lugar, paisagem natural ou modificada, e se mudou citar as mudanças. Descrever o meio ambiente em que o aluno e seus familiares estão inseridos e através de relatos descrever as mudanças no meio ambiente. Produzir um texto a partir das entrevistas, relatos de experiências e histórias dos objetos antigos que contam um pouco da história do cotidiano de cada um. Trazer esses textos, relatos para sala de aula para serem compartilhados com a turma e assim ouvir e entender que cada um faz parte da história, e cada um produz sua própria história.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na seleção dos conteúdos abordados tivemos alguns critérios como por exemplo: quem seria nosso público alvo, que tipo de comunidade esses alunos estão inseridos, bem como o contexto histórico do bairro. Pois prevendo que os assuntos abordados eram relacionados a história do cotidiano dos alunos e seus familiares tivemos o cuidado de como chegar até esses alunos e suas histórias.

Esse trabalho em sala de aula propiciou ao educando a busca pelo conhecimento, o diálogo aberto e extrovertido, o rompimento com paradigmas

com valorização somente com as histórias de grandes heróis históricos. Essa é um tipo de alternativa de aula que como diz Cabrine (2000,p. 16):

Uma prática alternativa, embora anunciada por uns e efetivada em algumas iniciativas, não faz parte ainda da prática diária da sala de aula. A seleção de um problema a ser estudado e analisado dentro de uma temática atual, que possa ser significativo para os alunos é pois, ainda uma “tarefa urgente” a ser incorporada pela prática diária do professor.

Uma prática voltada aos interesses dos educandos torna as aulas mais eficaz e satisfatória ao aprendizado, uma simples metodologia e um assunto com significados reais ajudam muito no processo de ensino e aprendizado. E foi nessa ótica que alunos e professores engajados nesse propósito tiveram êxito ganhando mais conhecimento, aprendizado com as histórias do cotidiano de cada um.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vamos tecer aqui as nossas considerações finais sobre a relevância deste curso de Aperfeiçoamento na Educação de Jovens e adultos como mais um acréscimo na nossa vida profissional e acadêmica, pois cada etapa vivida e compartilhada por nós, muito nos agregou em termos de aprendizado e novas experiências.

Assim, podemos dizer que mesmo em meio a tantas dificuldades diárias de sala de aula, o quanto é gratificante e prazeroso ver nossos objetivos alcançados e almejar a expansão desse propósito para outras turmas da EJA.

Foi por meio dessa atividade que pudemos conhecer as várias histórias de cada aluno, seus diferentes costumes e valores e assim entender um pouco de seus diferenciais culturais, pois a nossa população é rica em diversidade cultural e étnica. E conhecer um pouco desses contextos históricos nos ajudam também a valorizar e respeitar as diferenças presentes em nossa sociedade e saber que todos os alunos e professores são parte de muitas histórias onde todos são inseridos e não excluídos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ana Isabel de Sousa Leão e VASCONCELOS, Severina Maria Oliveira de. **Mamanguape, 150 anos: uma cidade histórica**. Mamanguape: Prefeitura de Mamanguape, 2005.

AOKI, Virgínia. **Anos finais do ensino fundamental: Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: Moderna, 2013.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. N° 9394 de 20 de dezembro. 1996.

CABRINE, Conceição. **O Ensino de História: revisão urgente**. São Paulo: EDUC, 2000.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001 (org. Ana Maria Araújo Freire).

GARCIA, Monteiro, Renata e PEREIRA, Marluce (orgs). **EJA, diversidade e inclusão: reflexões (im) pertinentes**. João Pessoa: UFPB. 2018.

Sobre a organizadora do livro

CÉLIA REGINA TEIXEIRA

CV: <http://lattes.cnpq.br/0160751688492465>

Professora Doutora da Universidade Federal da Paraíba (2010).

E-mail: cel.teix54@gmail.com

Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Jales (1991), Especialização em Didática e Currículo do Ensino Fundamental pela Universidade do Estado de Mato Grosso (1992, 1998), Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (2001) e Doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006). Atualmente é membro do Núcleo Docente Estruturante do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba e do curso de Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas Educativas, Currículo e Cultura (CNPq). As publicações em periódicos estão inseridas no macro campo da Educação, discutindo os micros temas: Formação de Professores, Currículo e Avaliação Educacional. Os Projetos de Pesquisas e Orientações versam sobre o papel da escola e a importância do ofício docente, do currículo, avaliação da aprendizagem, da avaliação em larga escala, ensino e aprendizagem, escolas públicas e da gestão escolar.

Sobre autores do livro

Adilma Gomes da Silva Machado / adilmachado@hotmail.com

Professora de Língua Portuguesa no Ensino Médio (ensino regular), também ministra Português como 2ª língua para alunos surdos (sala AEE). Leciona na Educação de Jovens e Adultos como interprete de Libras.

Ana Maria de Lima Sobral / anasobralrt@hotmail.com

Pedagoga formada pela UVA, leciona na escola indígena Ciclo II, com alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Anderson Duarte da Silva / anderson.silva@igarassu.ifpe.edu.br

Bacharel em Secretariado Executivo Bilingue pela Universidade Federal da Paraíba e em Administração pela Universidade Norte do Paraná> Licenciado em Letras Português pelo Instituto Federal da Paraíba. Especialista em Gestão Pública e Gestão de Pessoas pelo IFPB, e em Práticas Assertivas em Educação de Jovens e Adultos pelo IFRN. Mestre em Gestão Pública e Cooperação Internacional pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é servidor público federal do Instituto Federal de Pernambuco no cargo de Secretário Executivo.

Célia Regina Teixeira / cel.teix54@gmail.com

Pedagoga, Especialista em Currículo do Ensino Fundamental e Didática Geral; Mestre e Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal da Paraíba.

Cláudia Firmino Pereira / claudiafirmino.30@gmail.com

Professora licenciada em Pedagogia e trabalha no município de Sapé PB, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

Eliana Shirley do Nascimento Lisboa / shirleylisboajp@gmail.com

Graduação em Pedagogia - Universidade Estadual Vale do Acaraú, cursando Licenciatura em Letras no IFPB. Especialista em Ciências da Linguagem com ênfase em EaD pela UFPB. Professora do Ensino Superior.

Elizângela Martins dos Santos / elizangelamartinspb@gmail.com

Educadora no município de Lucena (zona rural). Graduada e pós-graduada pela UEPB em Licenciatura Plena em Letras. Experiência docente na Educação de Jovens e Adultos.

Emília Kelly Siores de Souza / e.ksouza@hotmail.com

Graduada em Pedagogia e cursando Licenciatura em História. Pós-graduada em Supervisão e Orientação Educacional e Psicopedagogia. Atualmente educacional na Escola Municipal Almirante Barroso no município de João Pessoa, Paraíba.

Fernanda Diniz Ferreira / fernanda.dinizfdf@gmail.com

Graduada em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba. É professora da rede pública de ensino na cidade de João Pessoa nos seguimentos do Ensino Fundamental II e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Francymara Antonino Nunes de Assis / francym@terra.com.br

Graduação em Fonoaudiologia pela Universidade Católica de Pernambuco, graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba, mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora da Universidade Federal da Paraíba.

Gilmar Antônio de Oliveira / diveira50@gmail.com

Professor, Graduado, Pós-Graduado, Mestre em Educação, Doutorando em Educação, fazendo este curso para aperfeiçoamento e construção do tema da minha tese, que é a inclusão de jovens e adultos.

Isaque da Silva Rodrigues / kikomme@hotmail.com

Graduado em Pedagogia pela UFPB, e em Letras pelo (IESP/UVA). Cursando pós-graduação em Metodologia da Língua Portuguesa para Surdos (IFPB). Trabalho atualmente no Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI).

Jadeilda Maurício da Silva Araújo / jadeildamauricio@gmail.com

Graduada em Português. Tem experiência na EJA como docente e também no Ensino Médio.

João Marinho Batista / joãomarinho10@hotmail.com

Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba, *campus* III, Guarabira, município da Paraíba. Atualmente cursando Especialização em Docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental (UFPB).

Jailton dos Santos Silva / jailton.silva30@gmail.com

Graduado em Letras – habilitação em Língua portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social também pela Universidade Federal da Paraíba. É professor na rede do Ensino Fundamental (regular e Supletiva) nos municípios de João Pessoa e Marcação, Paraíba.

Joel Araújo Queiroz / joel.queiroz@ccae.ufpb.br

Graduação (licenciatura e bacharelado) em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba (2004), Mestrado e Doutorado em Biologia Vegetal pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor da Universidade Federal da Paraíba.

Joseval dos Reis Miranda / josevalmiranda@yahoo.com.br

Doutor e Mestre em Educação pela Universidade de Brasília – UnB. Master en Promocion de la Salud Sexual pela Universidad Nacional de Educacion a Distancia – UNED. Professor da Universidade Federal da Paraíba/ Centro de Educação/ Departamento de Metodologia da Educação.

Keila Lourenço da Silva / keilalourenco@hotmail.com

Licenciada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA/UNAVIDA, licenciada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho-UNINOVE/SP. Experiência na área da Docência com turmas de Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos.

Kilma Cunha Barros / kilmabarros57@gmail.com

Graduada em Ciências das Religiões (2015) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Gerontologia (2019) pela Universidade Federal da Paraíba. Funcionária Pública da Prefeitura Municipal de João Pessoa. Exerce a função de Coordenadora do Núcleo de Apoio a Gestão Estratégica e Participativa (NAGEP) do Município de João Pessoa, Paraíba.

Leonilda Dias / leonildaag12dias@gmail.com

Graduada em Pedagogia. Trabalha na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manuel Barbosa de Lucena, Alagoa Grande, Paraíba.

Lidiane de Almeida Alves / juniomestre@hotmail.com

Licenciada em Pedagogia pela (UEVA), especialista em Educação Infantil e em Supervisão e Orientação Escolar (FIP) trabalho como monitora de creche na instituição, Centro de Educação Infantil Irmã Noemi Cavagna. Já lecionei diversas vezes no programa Brasil Alfabetizado, minha expectativa com este curso é aprimorar meus conhecimentos e minhas práticas educativas do ensino da EJA.

Lúcio Flávio Moreira Cavalcanti / flaviomat2004@hotmail.com

Professor de matemática da rede municipal de Campina Grande, Paraíba e, atuou em turmas da educação de Jovens e Adultos do ensino fundamental. Sou também Especialista em Ensino de Matemática, bacharel em Engenharia de Minas, com Mestrado em Engenharia Mineral.

Luís Flávio Costa da Silva / flavioadm04@gmail.com

Licenciatura em geografia na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), bacharel em Administração Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente trabalha na Educação de Jovens e Adultos (EJA), Ensino Fundamental II, na cidade de Belém na Paraíba.

Luciane Riberio da Silva / professora.lucianeribeiro@gmail.com

Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba (EUPB), Pós-graduada em PROEJA pela FIP. Trabalha na docência em Rio Tinto e Mamanguape nas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Márcia Barbosa da Silva / professoramarciabarbosa@hotmail.com

Pedagoga e pós-graduanda em Supervisão e Orientação Escolar. Trabalha com Jovens e Adultos.

Maria Camila do Nascimento / cnascimento939@gmail.com

Graduanda em pedagogia (UFPB), campus IV. A experiência foi no Estágio Supervisionado em EJA, ofertada pelo curso de Pedagogia e quando acompanhava meus pais no programa Brasil Alfabetizado.

Maria de Fátima de Macedo Santos / fatima.macedo79@hotmail.com

Pedagoga pela UFPB, Especialização em Gênero e Diversidade na escola pela UFPB.

Maria Valdenice Resende Soares / valdenicejp@hotmail.com

Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação. Graduada em Pedagogia com habilitação em Educação de Jovens e Adultos (2006) e Orientação e Supervisão Escolar (2007) pela UFPB. Professora da Universidade Federal da Paraíba.

Martha Valeria Barbosa Duarte / marthabardhu2000gmail.com

Graduada em Letras Inglês. Docente na EJA na escola Santos Dumont no município de João Pessoa. Atua em programas sociais na educação de Jovens e Adultos como ProJovem urbano.

Silvana Araújo Sobrinho / silvana19@hotmail.com.br

Graduada em Pedagogia, com Pós-Graduação em Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica, cursando segunda graduação em Letras-Português, atuando como acolhedora de crianças no programa Projovem Urbano no município de Rio Tinto. E professora no município de Curral de Cima, Paraíba.



Este livro foi diagramado
pela Editora UFPB em 2019,
utilizando a fonte Montserrat.

O livro “Sequências didáticas na educação de jovens e adultos”, apresenta reflexões sobre as práticas pedagógicas, direcionados ao segmento educacional EJA. Traz em seu capítulo introdutório discussões e ponderações de Joveval dos Reis Miranda, estudioso da EJA, bem como de práticas pedagógicas inovadoras neste segmento de ensino. Em seguida alguns trabalhos de conclusão de curso socializando práticas pedagógicas com sequências didáticas, sub produto do curso de aperfeiçoamento vivenciados pelas alunas e alunos em espaço da EJA.

ISBN 978-85-237-1487-1



9 788523 714871